

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

VOCABULÁRIO SISTEMÁTICO DA ARQUEOLOGIA DE CAMPO

Conceição Aparecida Barbosa

São Paulo

2006

À minha família, principalmente à minha irmã Elis pelo apoio constante.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Aparecida Barbosa, por ter acreditado neste trabalho, pela orientação e apoio constantes.

Às professoras doutoras Maria Margarida de Andrade e Stella Ortweiler Tagnin, pelas sugestões e comentários no Exame de Qualificação.

Aos arqueólogos e professores doutores Levy Figuti, Paulo De Blasis, Sandra Nami Amenomori, Fabíola Andréa Silva, Márcia Angelina Alves e Eduardo Góes Neves pelas aulas e informações.

Aos colegas do grupo de Lexicologia e Terminologia que sempre incentivaram meu trabalho.

Aos meus alunos e professores que desempenharam importante papel no meu crescimento acadêmico e pessoal.

À minha irmã pelo, apoio financeiro e exemplo de disciplina e força de vontade.

Às minhas tias e meus pais, pelo incentivo e investimento em minha formação educacional desde criança.

Ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pelo incentivo à pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação trata da terminologia do Trabalho de Campo em Arqueologia, da delimitação, compilação e estudo de sua terminologia e estrutura conceitual.

O objetivo central desta pesquisa foi a configuração do sistema conceitual da Arqueologia de Campo, bem como o levantamento, análise e descrição dos dados que integram o *Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo*, ponto inicial e produto final deste trabalho.

Delimitou-se, primeiramente, a bibliografia de referência, o *corpus* de pesquisa escrito e uma aplicação da Lingüística de *corpus* por meio de uma amostragem eletrônica. Em seguida, foram elaboradas fichas terminológicas que geraram as informações que permitiram a análise e descrição dos termos constitutivos da nomenclatura do *Vocabulário*.

Procedeu-se, ainda, à análise e descrição morfo-semântico-sintática dessas unidades terminológicas. Tal análise mostrou, dentre outros aspectos, a existência de poucos termos importados da língua inglesa e de um grande número de termos transportados de outras áreas do conhecimento que possuem ligações intrínsecas com a Arqueologia, bem como uma porcentagem significativa de termos específicos da área.

O trabalho permitiu detectar a riqueza conceitual terminológica e pragmática desta Área do Conhecimento.

Palavras-chave: Terminologia, Arqueologia, Vocabulário, Termo, Trabalho de Campo.

ABSTRACT

The present dissertation deals with the delimitation, compilation and study of the Field Work terminology in Archaeology and the study of its terminology and conceptual structure.

The main objective of this research was the Field Archaeology conceptual system configuration, as well as the compilation, analysis and description of data which integrates the Field Archaeology Systematic Vocabulary, starting point and final product of this work.

Firstly, the reference bibliography was delimited. Then, the written *corpus* was settled and also was an application of the *Corpus* Linguistics through an electronic sampling. Afterwards, terminological cards were elaborated to generate information that allowed the analysis and description of the terms constituting the nomenclature of the Vocabulary.

The morphosyntactic-semantic analysis and description of these terminological units were also carried out. Such analysis demonstrated, among other aspects, the existence of a few imported terms from English language and a great number of terms transported from other field of knowledge that have intrinsic connections with Archaeology as well a percentage of specific terms of this field.

The research allowed to detect the terminologic conceptual and pragmatic richness of this Field of Knowledge.

Key words: Terminology, Archaeology, Vocabulary, Term, Field Work.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
I INTRODUÇÃO	10
II RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ÁREA	15
2.1 Breve História da Arqueologia.....	16
2.2 Principais Modelos Teóricos.....	37
2.3 Arqueologia Brasileira.....	43
III FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	48
3.1 Breve Histórico da Terminologia.....	49
3.2 Terminologia e Terminografia.....	60
3.3 Dicionário, vocabulário, glossário.....	62
3.4 Dicionários de língua: especificidades.....	67
3.5 Dicionários da área de Arqueologia.....	79
IV METODOLOGIA DA PESQUISA TERMINOLÓGICA	87
4.1 Definição do tema e do público-alvo.....	88
4.2 Delimitação do objeto de estudo, abrangência, valor e idioma.....	90
4.3 <i>Corpus</i> : organização e descrição.....	92
4.3.1 <i>Corpus</i> documental.....	92
4.3.2 <i>Corpus</i> referencial, parâmetro e analítico.....	94

4.3.3 <i>Corpus</i> eletrônico: uma amostragem.....	95
4.4 Extração e seleção dos termos.....	104
4.4.1 Concepção da árvore de domínio.....	104
4.4.2 Elaboração da ficha terminológica.....	109
V ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS.....	112
5.1 Perfil das unidades terminológicas da área.....	113
5.2 Formação das unidades terminológicas.....	119
5.2.1 Aspectos morfossintáticos.....	119
5.2.2 Aspectos semânticos.....	123
VI VOCABULÁRIO SISTEMÁTICO DA ARQUEOLOGIA DE CAMPO.....	126
VII LISTA DE TERMOS EQUIVALENTES.....	152
VIII CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
IX REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	169
9.1 Bibliografia.....	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Evolução histórica da Terminologia.....	58
Quadro 2: Tipos de unidades-padrão processadas em diferentes obras lexicográficas.....	63
Quadro 3: Restrições semântico-sintáticas nos níveis de atualização do discurso.....	65
Quadro 4: Quadro das relações entre dicionário, glossário e vocabulário. (BARBOSA, 2001, p. 39).....	70
Quadro 5: Microestrutura e macroestrutura: o artigo do termo técnico <i>antropologia</i> em diferentes obras lexicográficas.....	77
Quadro 6: Diferenças quanto ao objeto de estudo das ciências voltadas ao estudo do homem (PROUS, 1999, p. 19).....	104
Quadro 7: Das diferenças entre léxico comum e terminologia (CABRÉ, 1993, p. 222). (tradução nossa).....	106
Árvore de Domínio	108
Quadro 8: Modelo da ficha terminológica adotada para a pesquisa.....	109
Quadro 9: Grade conceptual das etapas e procedimentos da Arqueologia de Campo.....	110
Quadro 10: Exemplo de ficha terminológica completa.....	111
Quadro 11: Tipos de composição dos termos da Arqueologia de Campo.....	121
Quadro 12: Prefixos e sufixos de composição dos termos da Arqueologia de Campo.....	122

I - INTRODUÇÃO

As ciências, desde o século XIX, têm tido um grande desenvolvimento. A cada nova descoberta, a cada nova corrente de pensamento criam-se novos termos para abarcar novos conceitos, novas posturas diante de conceitos já existentes, novas perspectivas e especificidades, criam-se novas terminologias. A terminologia técnico-científica tem despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores, lingüistas e especialistas.

A preocupação metodológica com Terminologia começou a tornar-se objeto de investigação quando, no desenvolvimento das ciências, por volta do século XVIII, os próprios cientistas passaram a fixar denominações em várias áreas, como Anatomia, Biologia e Química, entre outras. Eugen Wüster, um engenheiro alemão, fundou a primeira escola terminológica, a Escola de Viena, no início do século XX. Contudo, nesse mesmo período, a Lingüística desempenhará uma função ativa nos estudos dos tecnoletos, com as pesquisas utilizando essa perspectiva na Escola de Moscou e na Escola de Praga. A partir desse momento, a pesquisa em Terminologia expande-se e hoje mantém cada vez mais o interesse de lingüistas e especialistas.

A Terminologia, ciência que estuda os termos técnicos de uma área do conhecimento, tem como um de seus objetivos fazer o levantamento dos termos de uma área, de uma técnica ou ciência, os quais são a manifestação, no nível semiótico, dos conceitos. O sistema de conceitos reflete uma visão de mundo, uma epistemologia, representada por uma rede de relações.

Sendo assim, no presente trabalho, pretende-se estabelecer a Terminologia, ou seja, o conjunto de termos que reflete o conhecimento da pesquisa arqueológica, numa perspectiva sistemática.

Apesar da grande importância das obras terminográficas, ainda se percebe a grande carência de vocabulários realizados com um tratamento adequado que formalize e documente seus termos utilizando-se de metodologia apropriada.

Em Arqueologia, bem como em outras áreas do conhecimento, na falta de um trabalho terminográfico adequado, os próprios pesquisadores elaboram seus glossários, dicionários e vocabulários sem nenhum critério lexicográfico ou terminográfico. Há ainda uma ausência de integração entre terminólogos e especialistas (cientistas ou técnicos), o que acarreta um obstáculo a mais no desenvolvimento da pesquisa das áreas e da própria Terminologia.

No âmbito dos estudos em Arqueologia, será analisado e descrito neste trabalho o vocabulário referente à Arqueologia de Campo, enfocando os métodos e técnicas do Trabalho de Campo específicos desta área.

Optou-se pela área de Arqueologia em função de uma experiência de monitoria por nós realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), entre 1991 e 1992, no serviço educativo do museu, e também em função de um grande interesse pessoal pela área. Deve-se considerar que tal área carece de trabalhos em língua portuguesa até o momento, sendo este o fator de contribuição social desta pesquisa.

É mister apontar, porém, como exceção, a obra de Gilson Rambelli, cuja dissertação de mestrado é direcionada aos métodos e técnicas de Arqueologia Subaquática. Entretanto, o autor recorre, no seu estudo sobre a metodologia de trabalho da área e, conseqüentemente, sua terminologia, às grandes estruturas sintagmáticas e frasais, já que não havia, até então, trabalhos que permitissem mostrar as características morfo-semântico-sintáticas das unidades fraseológicas da área.

Não há cursos de graduação em Arqueologia no país; sendo assim, os arqueólogos têm formação principalmente em História e Antropologia. O que ocorre são especializações que se iniciam na graduação com estágio em museus e, em seguida, parte-se para um mestrado, dispondo o aluno de pouco conhecimento nessas áreas de intersecção. Por áreas de intersecção entende-se a interdisciplinaridade característica da Arqueologia que envolve dados e informações de História, Antropologia, Biologia, Geografia, Geofísica, Física e Química, que permitem o andamento de pesquisas.

Portanto, é, principalmente, para os estudantes e profissionais dessa área, bem como a pesquisadores e curiosos em Arqueologia, que se destina este trabalho terminológico.

O objetivo central do trabalho é o estudo da Terminologia dos métodos e técnicas de Trabalho de Campo em Arqueologia, a compilação, a organização e a elaboração de um vocabulário desta terminologia segundo os princípios da terminografia e lexicografia de especialidade atuais.

Para a leitura, coleta e seleção de termos foram utilizados textos de especialidades, tais como: teses e dissertações, artigos de revistas especializadas, além de manuais, dicionários enciclopédicos e de especialidade, anotações de cursos e entrevistas com especialistas.

Foram utilizados, para a composição do *corpus* de pesquisa, textos de respeitabilidade de pesquisadores do MAE/USP que representam a norma por eles utilizada, pois fazem parte da bibliografia dos cursos de formação dos arqueólogos.

A partir de informações levantadas nesta primeira etapa do trabalho, foram elaborados o quadro de relações conceituais e a árvore de domínio, direcionando, assim, a busca de termos e de suas respectivas definições. Foram também arrolados todos os termos que se apresentassem relevantes à área ou subárea do conhecimento, para, em seguida, seleccioná-los

e classificá-los de acordo com a grade conceptual, de acordo com a importância, frequência em relação ao *corpus* de análise, ao conteúdo nocional, adequação à estrutura do trabalho e aceitação por parte dos especialistas.

Partiu-se, em seguida, para a coleta mais apurada de dados e para a confecção de fichas terminológicas que propiciaram a elaboração do vocabulário sistemático.

No que concerne às características do vocabulário e suas especificidades, é provável que, devido à improvisação e às necessidades diversas frente ao Trabalho de Campo em Arqueologia, haja uma aparente falta de especificidade em relação à apropriação de instrumentos e métodos empregados, devido à falta de material apropriado ou às condições da escavação e do tempo despendido. Utilizam-se, então, muitas vezes instrumentos típicos da construção civil e até mesmo do âmbito doméstico. Isso não impede, no entanto, que a pesquisa se desenvolva com todo o rigor científico.

A construção morfossintática dos termos evidencia, até certo ponto, o percurso histórico da área, principalmente no que se refere à própria conceituação e definição de Arqueologia, tratada no *Perfil das unidades terminológicas da área*.

Quanto à lista de termos equivalentes em inglês, ela se faz necessária devido à organização sistemática da macroestrutura da obra terminográfica, bem como para facilitar a consulta por parte de pesquisadores e tradutores. Essa parte denominou-se *Lista de Termos Equivalentes em Inglês*.

Este trabalho apresenta a seguinte estrutura: *Introdução, Reconstrução Histórica da Área, Fundamentação Teórica, Metodologia da Pesquisa Terminológica, Análise Qualitativa de Dados, Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo, Considerações Finais, Referências Bibliográfica e Lista de Termos Equivalentes em Inglês*.

No capítulo II, intitulado *Reconstrução Histórica da Área*, será feito um breve histórico da área de domínio escolhida para a pesquisa terminológica. Esse breve histórico está dividido em três subcapítulos, nos quais serão tratados a origem da Arqueologia e seu desenvolvimento através das descobertas, os principais modelos teóricos que propiciaram o desenvolvimento e a consolidação da disciplina como ciência e, por fim, dados sobre o desenvolvimento da Arqueologia no Brasil, com maior ênfase às pesquisas desenvolvidas por museus.

Ao se realizar uma pesquisa acadêmica faz-se necessário o embasamento teórico. No capítulo III, *Fundamentação Teórica*, serão abordadas, de forma sucinta, um breve histórico da terminologia; as diferenças de conceito entre Terminologia e Terminografia; as diversas acepções/denominações de obras terminográficas tais como dicionário, vocabulário e

glossário; as especificidades da microestrutura e a macroestrutura dos dicionários de língua e dos de especialidade; e, uma breve análise de obras terminográficas em Arqueologia.

Quanto à *Metodologia da Pesquisa Terminológica*, capítulo IV, realizar-se-á, aqui, a explanação sobre os métodos e técnicas da pesquisa terminológica aplicados a esta pesquisa acadêmica. Serão definidos o tema, o público a que se destina o trabalho, a delimitação do objeto de estudo, a abrangência, o valor descritivo e não prescritivo adotado, o idioma adotado para o *Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo* e a *Lista de Termos Equivalentes*, os critérios para a seleção de documentos e os procedimentos para a coleta de termos.

Além do *corpus* escrito, ou seja, a fonte documental da pesquisa lingüística, foi elaborado um *corpus* eletrônico de forma amostral, utilizado concomitantemente para testar resultados e verificar a utilização dos termos pelos pesquisadores.

A *Análise Qualitativa dos Dados*, capítulo V, apresenta considerações sobre aspectos morfossintáticos do vocabulário, bem como a análise diacrônica do conceito de Arqueologia em dicionários de língua geral e de especialidade.

O *Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo* é resultado da Lingüística Aplicada, ou seja, a aplicação da ciência terminológica com vistas a produzir uma obra terminográfica.

A *Lista de Termos Equivalentes em Inglês* coloca-se como resultado da pesquisa bilateral, ou seja, tanto da língua de chegada quanto de partida, evidenciado mais facilmente pela quantidade superior de obras em inglês, já mencionada, e estruturado em ordem alfabética, diferentemente do *Vocabulário*.

Nas *Considerações Finais*, são retomados os objetivos da pesquisa e ponderados os resultados obtidos e dificuldades enfrentadas no decorrer do trabalho e na elaboração do *Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo*.

II – RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ÁREA

2.1 Breve História da Arqueologia

A História da Arqueologia pode ser vista como a história do interesse do homem pelo seu passado e pela sua origem, bem como a história das descobertas arqueológicas. Desde tempos remotos existem relatos desse interesse. A visão romântica que a sociedade tem hoje da Arqueologia, disseminada pela indústria cinematográfica e pelos programas da TV a cabo, tem respaldo histórico na formação dessa disciplina.

Apresenta-se a História da Arqueologia em várias perspectivas, entre as quais estão a do interesse do homem pelo passado, do seu interesse pela própria origem, da história das grandes descobertas arqueológicas e da consolidação da disciplina como ciência. Atividade que se restringia a uns poucos curiosos e aventureiros ou colecionadores, desenvolveu-se, posteriormente, por meio de teorias e de métodos de pesquisa mais apurados, para alcançar o reconhecimento como uma ciência, com seus métodos, objeto e objetivos próprios de pesquisa.

Ao se traçar a História da Arqueologia, o rei babilônio Nabonidus é considerado, por vários autores, entre eles Daniel (1987, p. 16), o precursor dos arqueólogos pela sua empreitada na busca por respostas sobre seus antecessores:

En todo caso, si se trata de establecer alguna pretensión en cuanto al interés por la historia antigua, deberíamos remontarnos a nabonid, el último rey de Babilonia, que dedicó buena parte de su vida a investigar la Antigüedad, que excavó 7.5 m bajo el pavimento del templo de Shamash en Sipar, y halló la piedra angular que mandó poner Naram-Sin, hijo de Sargón de Accad, “que durante 3200 años ningún rey había visto”.¹

O ser humano sempre teve interesse pelo passado: lendas, tradições, costumes, feitos heróicos eram passados de geração à geração, primeiramente, pela oralidade e, mais tarde, pela escrita. Os traços de ocupação deixados no território pelas sociedades passadas eram percebidos por outras que o ocupavam deixando, assim, marcas que levantavam questionamentos e despertavam a curiosidade dos habitantes contemporâneos. Outras marcas eram apagadas, outras ainda eram encobertas pela ação da natureza e revestidas com a ação do tempo.

¹ No que se trata de estabelecer alguma pretensão quanto ao interesse pela história antiga, devemos nos remeter a Nabonidus, o último rei da Babilônia, que dedicou boa parte de sua vida a investigar a Antiguidade, escavou 7,5 m abaixo do templo de Shamash em Sipar e encontrou a pedra angular que mandou colocar Naram-Sin, filho de Sargón de Accad, que durante 3200 anos nenhum rei havia visto. (tradução nossa)

Essas marcas eram percebidas e relatadas, segundo Daniel (1987, p. 14), pelos gregos na época de Ésquilo e nos escritos de Heródoto e de Homero.

A Arqueologia partiu da busca pelos traços humanos deixados no terreno pelas sociedades pretéritas para desvendar o oculto, o misterioso, distante no tempo mas não no espaço, revelado pelas escavações, que, no início, eram aleatórias e, posteriormente, com o desenvolver da ciência, tornaram-se cada vez mais criteriosas e sistemáticas.

A curiosidade do homem pelas coisas antigas de que se tem relatos é anterior ao Renascimento, vem dos gregos e romanos. Glyn Daniel (1987, p. 14-15) aponta Heródoto como o pai da história, da Antropologia e da Arqueologia, e a obra de Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, como um despontar do pensamento arqueológico que dividiu a Pré-história em cinco idades: do Ouro, da Prata, do Bronze, dos Heróis e do Ferro. A classificação que bem mais tarde, no século XVIII, vai despontar como um desenvolvimento da Arqueologia já se fazia presente no pensamento grego.

Dentre os romanos, alguns nomes também são lembrados, como os de pensadores interessados nas civilizações que os precederam: Tácito, Júlio César e Lucrécio são apontados como as personalidades mais antigas interessadas pelo que se pode inferir como interesse histórico-arqueológico. Também é lembrada a divisão das cinco idades feita por Hesíodo em *Os Trabalhos e os Dias* como um despertar do pensamento arqueológico. Daniel (1987, p. 15) aponta Tácito como um relator de memórias etnográficas e a obra *Da Natureza das Coisas*, de Lucrécio, como uma suposição sagaz da evolução industrial do homem primitivo:

Ciertamente, la *Germania* de Tácito es una de las mejores memorias etnográficas, y así, a su manera, también destaca la descripción de los antiguos británicos y galos que hace Julio César *Comentarios de la guerra de las Galias*. Y en Lucrecio, al que también se há llamado el padre de la antropología y de la arqueología prehistóricas, los romanos tuvieron un poeta y filósofo cuyo análisis de la historia antigua del hombre fue una suposición muy sagaz de lo que en realidad había sido la evolución industrial del hombre primitivo en Europa. En su *Da la naturaleza de las cosas*, Lucrecio sostiene, quizá reflejando a Epicuro, que primeramente el hombre usó uñas, dientes, piedras, madera y fuego, después, el cobre y, más adelante, el hierro, que se generalizó. Pero, al igual que las cinco edades de Hesíodo, las etapas de Lucrecio no pasaron de ser un plan general del desarrollo de la civilización basado en la especulación filosófica. Este plan no se basó, como el de las tres edades de los arqueólogos daneses del siglo XIX, en análisis comparativos de museos, estratigrafía y etnografía.²

² Certamente, a *Germania* de Tácito é uma das melhores memórias etnográficas e, a seu modo, também destaca a descrição dos antigos britânicos e gauleses que fez Júlio César em *Comentários da guerra das Gálias*. E em Lucrécio, que também foi chamado de pai da antropologia e da arqueologia pré-históricas, os romanos tiveram um poeta e filósofo cuja análise da história antiga do homem foi uma suposição muito sagaz do que na realidade

A diferença entre a tão somente curiosidade das civilizações passadas e o que de fato se considera Arqueologia está na postura científica dos últimos 150 anos. É só no final do século XVII que a Arqueologia pode afirmar ter engatinhado para o crescimento como ciência. As escavações sistemáticas, o registro de dados, a seqüência de procedimentos que vão da observação ao levantamento do problema, deste ou daquela para a documentação, análise e interpretação dos dados para, finalmente, encontrar uma resposta, procedimentos os quais não faziam parte da curiosidade de gregos e romanos pelas antigüidades.

Aunque interesados en el desarrollo inicial del hombre y en la condición de sus vecinos bárbaros, ni griegos ni romanos contaron con los prerequisites necesarios para escribir sobre prehistoria; es decir, no reunieron, excavaron, clasificaron, describieron ni analizaron los restos materiales del pasado humano.³ (DANIEL, 1987, p. 15)

O período conhecido como Idade Média tirou o foco das questões sobre o homem e seus antecessores e teve como resposta a todos os questionamentos a religião: considerou-se nessa época que a Bíblia explicava todos os acontecimentos, desde a criação do mundo e do homem, até o destino do homem neste mundo.

As dúvidas sobre a natureza do homem e sua origem despertam novamente interesse só quando desponta o Renascimento. Volta-se às idéias e modelos da Antiguidade Clássica – o romantismo desperta também o interesse pelo pensamento clássico, mas somente a Era da Razão faz com que os modelos de perfeição gregos e romanos sejam também testados – surgem as ciências.

A Arqueologia experienciou a fase de colecionismo aos modelos clássicos, que, no século XV, ressalta Daniel, a própria Igreja passa a incentivar. Esse colecionismo proporcionou uma proliferação de antigüidades e se tornou atividade comum no cenário Renascentista, fazendo surgir assim os antiquários e os museus no século XVI.

tinha sido a evolução industrial do homem primitivo na Europa. Em seu *Da natureza das coisas*, Lucrécio sustenta, quem sabe refletindo Epicuro, que primeiramente o homem usou unhas, dentes, pedras, madeira e fogo, depois o cobre e, mais adiante, o ferro, que se generalizou. No entanto, do mesmo modo que as cinco idades de Hesíodo, as etapas de Lucrécio não deixaram de ser um plano geral do desenvolvimento da civilização baseado na especulação filosófica. Este plano não se baseou, como o das três idades dos arqueólogos dinamarqueses do século XIX, em análises comparativas de museus, estratigrafia e etnografia. (tradução nossa)

³ Ainda que interessados no desenvolvimento inicial do homem e na condição de seus vizinhos bárbaros, nem gregos nem romanos contaram com os pré-requisitos necessários para escrever sobre pré-história; não reuniram, escavaram, classificaram, descreveram nem analisaram os restos materiais do passado humano. (tradução nossa)

Ao se observar a etimologia da palavra Arqueologia, percebe-se a sua ligação com essa dedicação pelas antiguidades, como aponta Glyn Daniel (1987, p. 18) “El apogeo del interés por las antigüedades en Inglaterra se pone de manifiesto a fines del siglo XVI con la fundación en 1572 de una sociedad cuyo fin era preservar las antigüedades nacionales”.

Esse sentido está impresso nos primórdios da Arqueologia: o de estudo do antigo, das antiguidades realizado nos antiquários; e, num segundo momento, o de primitivo, pré-histórico, pois, com as descobertas de ossos humanos associados à fauna extinta inicia-se a busca pela origem do homem que vinha de encontro às idéias teocêntricas da Idade Média baseadas na criação do homem por Deus. A bifurcação do estudo da Antiguidade que aqui se refere à clássica Grécia e Roma, com os despojos das grandes civilizações européias e da Pré-história se deu no contexto da desenfreada busca por tesouros quase que acidentalmente. Os exploradores, arqueólogos e colecionadores da época estavam em busca de objetos de grande valor, jóias, vasos, adornos, estátuas, entre outros, para avultar suas coleções ou as de museus. Com a constante pilhagem e depredação dos sítios a busca de superfície já não era mais suficiente para os aventureiros.

Na Itália, surge o termo *dilletanti* para caracterizar aqueles que se deleitam com a arte, colecionando-a, como ressalta Daniel (1987, p. 17):

En Roma, el celo de los coleccionistas se manifestó inicialmente en los últimos decenios del siglo XV — apareció un poco antes en Florencia — Los papas, como Sixto IV, su sobrino Julio II y Julio III, implantaron Roma la costumbre de coleccionar antigüedades. Su ejemplo lo siguieron cardenales y gente de renome, que hicieron de sus villas hogares de tesoros del arte antiguo. Para acrecentar estas colecciones se llevaron a cabo excavaciones privadas. De esta época proviene la palabra italiana *dilettanti*, los que se deleitan en las artes. Sin duda podría decirse que los *dilettanti* figuraron entre los fundadores de la arqueología.⁴

Daniel (1987, p. 23) afirma que especulações quanto à origem da Arqueologia referem-se ao movimento romântico, abordagem sustentada por Stuart Piggot e outros recaem sobre descobertas das antiguidades como acredita M. L. Clarke:

⁴ Em Roma, o zelo dos colecionistas manifestou-se inicialmente nos últimos decênios do século XV – apareceu em Florença. Os papas, como Sixto IV, seu sobrinho Júlio II e Júlio III, implantaram em Roma o costume de colecionar antigüidades. Seu exemplo foi seguido por cardeais e gente de renome, que fizeram de suas vilas locais de tesouros de arte antiga. Para aumentar essas coleções foram levadas a cabo escavações privadas. Dessa época provém a palavra italiana *dilettanti*, aqueles que se deleitam com a arte. Sem dúvida pode-se dizer que os *dilettanti* figuram entre os fundadores da arqueologia. (tradução nossa)

Es difícil determinar la importancia relativa que para el nacimiento de la arqueología, a partir de las antigüedades, tuvieron el Movimiento Romántico, el redescubrimiento de Grecia y el desarrollo de la ciencia natural. Piggott atribuye el origen de la arqueología prehistórica británica al Movimiento Romántico. Por otra parte, M. L. Clarke relata el efecto del descubrimiento de las antigüedades griegas: [...] ⁵

Segundo Daniel, antes mesmo dos motivos acima referidos o advento da Ciência Natural teve grande influência no nascimento da Arqueologia, principalmente a geologia e a teoria do uniformitarismo.

Assim, o autor ressalta que a Geologia e a cronologia relativa, juntamente com a evolução das espécies criou um cenário perfeito para o surgimento da Arqueologia pré-histórica.

Quanto à Geologia, Daniel (1987, p. 36) afirma que, juntamente com a cronologia relativa e a evolução das espécies, seu desenvolvimento criou o cenário perfeito para o surgimento da Arqueologia pré-histórica, pois tornou possível validar achados de restos faunísticos na associação com animais extintos e utensílios de pedra. Assim, aponta como contribuição da Geologia, na sua caminhada para deixar de lado o pensamento catastrofista e diluvionista, as obras de James Hutton e William Smith:

[...] poco a poco crecía la oposición a la interpretación catastrofista de la geología defendida por los seguidores de Cuvier, Conybeare y Buckland. En su *Theory of the Earth* (1785) James Hutton (1726-1797) demostró que había comprendido que la estratificación de las rocas debía a procesos que todavía tenían lugar en mares, ríos y lagos. “No se advierten procesos que no sean naturales al globo — escribió — ni es admisible acción alguna cuyos principios desconozcamos.” Así fueron los comienzos del uniformitarianismo. William Smith (1769-1839) — “estrato Smith” como se le llamó — en su obra titulada *Strata identified by Organised Fossils* (1816) asignó una edad relativa a las rocas basándose en su contenido de fósiles, y sostuvo la ordenada acumulación de estratos a lo largo de amplios periodos de tiempo. ⁶

⁵ É difícil determinar a importância relativa que, para o nascimento da arqueologia, a partir das antigüidades, tiveram o movimento Romântico, o redescobrimiento da Grécia e o desenvolvimento da ciência natural. Piggot atribuiu a origem da arqueologia pré-histórica britânica ao Movimento Romântico. Por outro lado, M. L. Clarke realça o efeito do descobrimento das antigüidades gregas [...] (tradução nossa).

⁶ [...] pouco a pouco crescia a oposição à interpretação catastrofista da geologia defendida pelos seguidores de Cuvier, Conybeare e Buckland. Em seu livro *Theory of the Earth* (1785) James Hutton demonstrou que havia entendido que a estratificação das rochas era devido a processo que ocorriam nos mares, rios e lagos. “Não ocorrem processos que não sejam naturais no globo — escreveu — nem é admissível qualquer ação cujos princípios sejam desconhecidos.” William Smith (1769-1839) — “estrato Smith” como o nomeou — em sua obra intitulada *Strata identified by Organised Fossils* (1816) assinalou uma idade relativa baseando-se no conteúdo dos fósseis e na acumulação ordenada de estratos ao longo de amplos períodos de tempo. (tradução nossa)

Outro autor por ele destacado é Charles Lyell cuja doutrina cooperou para o desenvolvimento do estudo do homem pré-histórico na medida em que propiciou constatar a contemporaneidade dos achados:

Las consecuencias de esta doctrina del uniformitarianismo fueron muy notables respecto al estudio del hombre prehistórico: la doctrina significó que los huesos y artefactos humanos enterrados bajo capas de estalagmita o gruesas capas de tierra debían de haber sido depositados ahí hacía mucho tiempo, y que no había una razón *a priori* que indicara que debía dudarse de los hallazgos de John Frere, Schmerling y MacEnery. Pero la doctrina de mediados del siglo XIX están llenos de polémicas entre los diluvialistas y los fluvialistas.⁷ (DANIEL, p. 36)

O desenvolvimento das ciências deu suporte para o desenvolvimento da Arqueologia, não só na medida em que o pensamento uniformitarista e evolucionista ajudava a explicar os depósitos sedimentários, mas também os procedimentos para a recuperação desses achados. McIntosh (1987, p. 11) aponta a topografia como aquela que desempenha o papel fundamental para a Arqueologia e William Camden o pioneiro nessa área.

La ciencia se desarrolló a partir de la topografía, que ahora desempeña un papel fundamental en la arqueología. Uno de sus pioneros fue William Camden (1551-1623), que observó las huellas de antiguas vías en campos de trigo, notando que éste crecía más espaciadamente allí donde anteriormente habían existido calzadas.⁸

Daniel descreve as contribuições na descrição e classificação desempenhadas por Simonsen, Thomsen, além do desenvolvimento da técnica da escavação por Worsaae, discípulo de Thomsen, contribuições essas que marcaram o desenvolvimento da pré-história no início do século XX.

⁷ As conseqüências desta doutrina foram muito notáveis em relação ao estudo do homem pré-histórico: a doutrina significou que os ossos e artefatos humanos enterrados de baixo de camadas de estalagmite ou grossas camadas de terra deviam ter sido depositadas ali há muito tempo e que não havia razão *a priori* que indicara que deviam duvidar dos achados de John Frere, Schmerling e MacEnery. Porém a doutrina não foi aceita universalmente e os registros das reuniões geológicas de meados do século XIX estão repletos de polêmica entre os diluvianistas e os fluvialistas.

(tradução nossa)

⁸ A ciência desenvolveu-se a partir da topografia, que neste momento desempenha um papel fundamental na arqueologia. Um dos pioneiros foi Williem Camden (1551-1623) que observou os vestígios de caminhos antigos nos campos de trigo, notando que estes cresciam mais espaçadamente onde anteriormente haviam calçadas.

(tradução nossa)

Para ele, a questão da cronologia limitava a Arqueologia ao âmbito da descrição e classificação. Videl-Simonsen, seguido por Christian Jurgensen Thomsen desenvolveram o conceito das três idades da pré-história através da organização da coleção do museu Nacional da Dinamarca segundo essa divisão. Foram abordados pelos dinamarqueses, incluindo Worsaae, conceitos de invasão, difusão e homotaxia advindos da perspectiva evolucionista que marcaram a primeira metade do século XIX. Worsaae também é um marco na técnica de escavação, preocupando-se com a escavação devidamente registrada e descrita de objetos de toda ordem.

O cuidado com as descrições e anotações meticulosas nas escavações, conservação dos achados e preocupação científica com a atividade arqueológica também são ressaltadas pelo autor (DANIEL, 1987, p. 46):

Las excavaciones, dice, deben ser realizadas “com cuidado y por personas de inteligencia que se sepan cómo destinar los objetos descubiertos para ventaja de la ciencia”. Habrá que hacer descripciones completas. A los túmulos hay que excavarlos o mediante un agujero largo desde la parte superior o mediante una zanja de unos dos metros y medio de anchura que corre del sureste al noroeste, “la cual, mediante investigaciones más completas, podrá ser intersectada por una zanja similar del suroeste al noreste”. Todas las “curiosidades” deberán ser conservadas: aun los “objetos que parezcan fruslerías... tienen valor suficiente para preservarlos”; “los huesos de los animales que hayan sido enterrados con el difunto pueden ser de valor para la ciencia”.⁹

No desenvolvimento da teoria evolucionista, também começa a ser ponderada a possibilidade de contato entre as culturas ou por invasão ou por difusão cultural. Ao tratar da postura de Nillson e seu método comparativo, Daniel (1987, p. 47) destaca que aquele acreditava que a humanidade tinha sofrido mudanças e que essas podiam ter sido ocasionadas pela invasão ou difusão cultural – a evolução gradual do homem refletia-se em suas obras – a teoria da evolução estava presente em todas as áreas. Nillson apresenta um método chamado comparativo que desloca a atenção do artefato em si para enfatizar a tradição.

⁹ As escavações, diz, devem ser realizadas “com cuidado e por pessoas de inteligência que saibam como destinar os objetos descobertos para benefício da ciência”. Terá que fazer descrições completas. Os túmulos, devem escavá-los o mediante uma perfuração larga desde la parte superior o mediante uma trincheira de uns dois metros e meio de largura que corre do sudeste a noroeste, “a qual, mediante investigações mais completas, poderá ser intersectada por uma trilha semelhante de sudoeste a noroeste”. Todas as “curiosidades” devem ser conservadas: até os objetos que pareçam restos... têm valor suficiente para preservá-los, “os ossos dos animais que foram enterrados com o defunto podem ser de valor para a ciência”. (tradução nossa)

Declaró que el método comparativo debe usarse siempre; con esto quiso significar la comparación de artefactos históricos con objetos formal y funcionalmente idénticos empleados por pueblos primitivos modernos. Nilsson subrayó lo necesario que es tener cuidado extremo cuando se emplee el método comparativo: “cimitudes tales como la presencia de flechas de piedra parecidas en Escania y en Tierra del Fuego no simepre prueban tener uno y el mismo origen”[...]”¹⁰

Desse modo, relata que o método comparativo de Nilsson desembocara em uma classificação do homem pré-histórico baseada no modo de subsistência, no qual distinguia quatro etapas de desenvolvimento do homem: selvagem, nômade, agricultor e, por fim, a civilização que se caracterizava pela existência de comércio, da moeda e da escrita.

Para Daniel (1987, p. 55), a Arqueologia como ciência nasce em 1840. Nesses trinta anos que se seguem, haverá descobertas que farão a humanidade aceitar a contemporaneidade dos achados de ossos de animais extintos, material lítico e ossos humanos. Dentre os primeiros, encontram-se os achados de Torquay e os de Abbeville. Boucher de Perthes só teve seus achados confirmados como verídicos e não uma especulação, depois que especialistas deram seu aval no sítio e averiguaram que realmente os restos faunísticos e os ossos de animais extintos encontrados com utensílios de pedra eram de época contemporânea.

Tem-se como origem da Arqueologia Pré-histórica as descobertas de Boucher de Perthes, que descreveu vestígios líticos associados à fauna extinta.

Iniciou-se com Boucher de Perthes, descrevendo vestígios líticos finamente lascados e retocados (bifaces etc.) associados a fauna extinta em vários trabalhos. O mais divulgado foi o “Do Homem Antidiluviano e suas obras” de 1860, onde descrevia o estrato arqueológico por ele encontrado e analisado (POIRIER, 1981, apud ALVES, 2002, p. 3).

De acordo com Daniel (1987, p. 55), Pengelly realizou escavações na caverna de Kent em Torquay após MacEnery e encontrou instrumentos de pedra associados a ossos de animais extintos. Jacques Boucher de Perthes foi um oficial aduaneiro de Abbeville que se interessou por Arqueologia e que também encontrou ossos de animais extintos associados a ossos

¹⁰ Declarou que o método comparativo deve ser usado sempre; com isso quis significar a comparação de artefactos históricos com objetos formal e funcionalmente idênticos empregados por povos primitivos modernos. Nilsson destacou o necessário que é ter cuidado extremo ao se empregar o método comparativo: “semelhanças tais como a presença de flechas de pedra (pontas de seta) parecidas na Escania e na Terra de Fogo nem sempre podem ter uma única e mesma origem [...]” (tradução nossa)

humanos e material lítico. Falconer e Evans, além do paleontólogo Rigollot e Albert Gaudry foram até Abbeville para refutar as idéias de Perthes e acabaram por confirmá-las verdadeiras.

Los dos descubrimientos que persuadieron al mundo científico para que aceptara la contemporaneidad del hombre y de los animales extintos fueron los de Falconer y Pengelly en Brixham, y los de Boucher de Perthes en el valle del Somme. Los trabajos de estos hombres coronaron los descubrimientos de John Frere, MacEnery, Tournal, De Christol y Schmerling, en los que no se había creído o que se habían desdeñado.¹¹

Ainda traçando o desenvolvimento dos estudos da Pré-história, Daniel (1987, p. 62) aponta a contribuição de Lyell, com sua teoria da transmutação, e a construção do cenário capitalista sob o pano de fundo do evolucionismo e do uniformitarismo que impulsionaram o desenvolvimento das ciências.

As teorias do evolucionismo e do uniformitarismo dominaram o desenvolvimento das ciências na segunda metade do século XIX. A construção de indústrias fomentou o desenvolvimento da Arqueologia de Campo e da Geologia.

Nesse momento, houve grande interesse no estudo das antiguidades pela classe emergente, ou seja, os industriais. Assim, descobertas anteriormente rechaçadas pela crença na imutabilidade das espécies e no diluvianismo catastrofista, tais como Pengelly e Boucher de Perthes, tornam-se de interesse geral dos intelectuais e abastados.

No âmbito das descobertas arqueológicas, também parte da História da Arqueologia, Daniel (1987, p. 65) destaca a façanha de Champollion e os achados egípcios. Ressalta também arqueólogos que tiveram grande destaque nessas descobertas e na reconstrução do quadro da Pré-história. Dentre eles, aponta Mariette, De Mortillet, Schleimann, entre outros.

Trata de um achado de grande importância que presenteia a Arqueologia em 1799 – a Pedra da Roseta. Sobre esta destaca que foi encontrada durante expedição do exército de Napoleão tornando-se a chave para a compreensão dos primeiros registros da civilização egípcia. Jean François Champollion decifrou as inscrições após catorze anos de trabalho.

Nesse momento de grande interesse pela civilização egípcia, ocorre uma corrida em busca dos tesouros, causando danos irreparáveis aos sítios. Daniel (1987, p. 154) destaca que Mariette, representante do Louvre, foi enviado para o Egito em busca de manuscritos coptas e que este deu início à Arqueologia egípcia escavando trinta sítios e adquirindo o monopólio da

¹¹ As descobertas que persuadiram o mundo científico a aceitar a contemporaneidade do homem e animais extintos foram as de Falconer e Pengelly, em Brixham; e, as de Boucher de Perthes no vale de Somme. Os trabalhos desses homens coroaram as descobertas de John Frere, MacEnery, Tournal, De Christol e Schmerling, nos quais não haviam acreditado ou haviam desdeñado. (tradução nossa)

escavação no Egito. Sua atuação representou um obstáculo à contínua transmigração de antiguidade egípcia para os museus da França e da Inglaterra e pioneirismo na conservação do patrimônio arqueológico.

A disputa pela classificação teve continuidade a partir de 1870. Segundo Daniel (1987, p. 117) De Mortillet apresentara uma divisão do Paleolítico: chelense, musteriense, solutrense e magdalense. Posteriormente, em 1903, divide o Paleolítico em Inferior, englobando o chelense e o de transição; o Paleolítico Médio (musteriense); o Superior (solutrense) e o Magdalense.

As descobertas da arte nas cavernas foram de grande importância na reconstrução do quadro da Pré-história de acordo com Daniel (1987, p. 125).

En 1875, el marqués de Sautuola empezó a excavar en la cueva de Altamira, cerca de Santander, y halló pinturas negras sobre la pared posterior de la caverna: afirmó que tenían la misma edad que los depósitos paleolíticos de la caverna. Cuatro años después, su hijita penetró en una parte tan baja de la gran caverna que ninguna persona adulta había explorado aún, y descubrió en el techo las hoy famosísimas pinturas policromas de animales.¹²

Data também de 1870 o início da escavação levada a cabo por Schleimann em busca de Tróia. Dentre suas contribuições para a Arqueologia, segundo Daniel (1987, p. 131), destaca-se o espírito empreendedor no registro minucioso da pesquisa e a publicação constante dos resultados obtidos. Pode-se destacar entre suas descobertas a civilização pré-helênica no Mediterrâneo Oriental, a micênica e a pré-micênica. Além disso, Schleimann foi pioneiro na utilização concomitante de fontes literárias e escavações para a reconstrução da história antiga.

Entre 1850 e 1900, houve, além de novas descobertas, o desenvolvimento das técnicas de escavação. Para tanto, a descoberta de Pompéia e Herculano cuja contribuição é a grande ajuda ao desenvolvimento de métodos de escavação, modificou os rumos da Arqueologia. Legado da Arqueologia, a descoberta de Pompéia dá nome a um dos termos da Etnoarqueologia: *Pompeii premise*, na qual se parte do pressuposto que o sítio foi encontrado exatamente como no momento de sua deposição, sem a influência dos processos naturais e culturais de formação.

¹² Em 1875, o marquês de Sautuola começou a escavar na gruta de Altamira, próximo a Santander e achou pinturas negras sobre a parede posterior da caverna: afirmou que tinham a mesma idade que os depósitos paleolíticos da caverna. Quatro anos mais tarde, sua filha entrou numa parte tão baixa da caverna que nenhum adulto havia explorado e descobriu no teto as hoje famosíssimas pinturas policromadas de animais. (tradução nossa)

Traçando em linhas gerais uma abordagem da Arqueologia sob a perspectiva de ingleses e americanos, haja vista que Daniel é inglês e Renfrew, americano, fica clara a inclinação a ressaltar os nomes de maior importância para esses países. Destacam-se, entre os precursores da escavação científica, nomes como Mariette, Conze, Newton, Curtius, além de Schliemann, Petrie e Pitt-Rivers. Já Mariette teve uma atitude protecionista em relação ao patrimônio egípcio e foi fundador do Museu Nacional Egípcio.

As escavações de Pompéia e Herculano, levadas a cabo entre 1860 e 1880, implantaram um novo método arqueológico, mérito esse de arqueólogos alemães e austríacos: Conze, Curtius e Dörpfeld.

Se estudió cuidadosa y completamente la estratigrafía de los sitios. Los trabajos arquitectónicos de Olimpia estuvieron a cargo primero de Richard Bohn y luego de Dörpfeld, que llegó a ser el motor que impulsava los nuevos métodos de conservación y excavación.¹³ (DANIEL, p. 158)

Schliemann é exaltado por Daniel (1987, p. 160) pela aplicação de princípios estratigráficos na escavação e o cuidado ao registrar os diversos níveis estratigráficos além de manter uma publicação constante e imediata dos resultados obtidos em campo.

Desde mucho antes de que Dörpfeld se le uniera, Schliemann ya trabajaba conforme a ciertos principios básicos para hacer buenas excavaciones. Conservaba todo lo que hallaba; aunque lo movía el deseo de recobrar los tesoros que estaban enterrados, conservaba todos sus hallazgos, pues se daba cuenta de la importancia que tienen las cosas ordinarias para darnos una imagen verdadera del pasado. Registró con todo cuidado el nivel de los hallazgos y todo lo importante lo hacía dibujar o fotografiar tan pronto como fuera posible.¹⁴

Das contribuições de Pitt-Rivers estão a análise dos artefatos e a técnica de escavação. Com base nas idéias evolucionistas, no conceito darwiniano de evolução, baseado no estudo detalhado de armas de fogo inglesas, formulou a tese de que todos os objetos materiais se desenvolviam de modo evolutivo e poderiam ser dispostos em sucessões tipológicas.

¹³ A estratigrafia dos sítios foi estudada cuidadosa e completamente. Os trabalhos arquitetônicos de Olímpia estiveram a cargo de Richard Bohn e depois de Dörpfeld, que chegou a ser o motor que impulsionava os novos métodos de conservação e escavação. (tradução nossa)

¹⁴ Desde muito antes de se unir a Dörpfeld, Schliemann já trabalhava conforme certos princípios básicos para realizar boas escavações. Conservava tudo o que encontrava, porém continuava com o desejo de recuperar tesouros que estavam enterrados, conservava todos os seus achados pois se dava conta da importância que têm as coisas ordinárias para nos dar uma imagem verdadeira do passado. Registrou com todo o cuidado o nível dos achados e tudo que achava importante desenhava ou fotografava. (tradução nossa)

De acordo com Daniel (1987, p. 162), Pitt-Rivers utilizou a mesma tese ao classificar e dispor utensílios pré-históricos de pedra e bronze em categorias e sucessões. Desenvolveu, assim, uma ordenação tipológica para todos os materiais que colecionava: em vez de dispor as coleções etnográficas e pré-históricas por sítio, ou seja, geograficamente, dispôs-las com base taxinômicas e tipológicas, contribuindo, assim, com a Arqueologia Comparativa. Acrescenta que utilizou o método etnográfico comparativo na Arqueologia para interpretar a função e a importância dos artefatos pré-históricos, fazendo um paralelo comparativo daqueles com material etnográfico contemporâneo.

Outro arqueólogo referenciado por Daniel (1987, p. 167) é Petrie, além de contribuir para a valorização de artefatos comuns e não voltar a atenção exclusivamente para os de arte, utilizou-se de dados cruzados de vestígios egípcios e gregos e a datação por sucessão.

Muitos dos arqueólogos até o início do século XIX eram aventureiros, geólogos, naturalistas e abastados. A adoção de uma técnica de escavação consciente e científica iniciou-se em Olímpia, com Curtius; no Egito, com Petrie e, na Inglaterra, com Pitt-Rivers.

Ao desenvolver técnicas, o estudo da Arqueologia segundo Daniel (1987, p. 272) privilegiou o estudo da totalidade do fenômeno, diferentemente da preocupação com o artefato em si.

Em segundo lugar, el nuevo método científico de la arqueología exige no sólo un estudio consciente de la técnica, sino un estudio de la totalidad del fenómeno. Al arqueólogo ya no le interesan unos cuantos sitios, o unas cuantas obras de arte o unas cuantas cosas interesantes halladas en un sitio antiguo. Ahora le interesa todo testimonio que pueda obtenerse de una excavación, hasta la alfarería doméstica y los huesos y semillas conservadas en montones de desperdicios.¹⁵

Portanto, não mais o estudo da arte e a busca aos tesouros, mas o estudo detalhado da totalidade do fenômeno arqueológico tomou lugar no cenário da busca arqueológica. Se fez mister, a partir desse momento, verificar dados biológicos, geológicos, zoológicos, físicos e químicos que dão origem à interdisciplinaridade, exercida de fato pela Arqueologia.

¹⁵ Em segundo lugar, o novo método científico da arqueologia exige não só um estudo consciente da técnica, mas também um estudo da totalidade do fenômeno. O arqueólogo já não se interessa por alguns sítios, algumas coisas interessantes achadas em um sítio antigo. Agora se interessa todo o testemunho que se possa obter em uma escavação, desde a cerâmica doméstica e ossos e sementes conservadas em montes de desperdício. (tradução nossa)

Segundo Daniel (1987, p. 273) base dos métodos de escavação foi, como acima referido, o trabalho de Curtius, Petrie e Pitt-Rivers. Outros responsáveis pelo avanço técnico e metodológico são Wheeler, Hawker, Grimes, Fox e Van Griffen.

En los trabajos de Curtius en Olimpia, de Petrie en Egipto y de Pitt Rivers en Inglaterra, y ayudados por arquitectos y la fotografía, hemos hallado los comienzos de la excavación científica. Estos grandes excavadores elaboraron un conjunto de técnicas de excavación que constituyó la base de los comienzos de la excavación del siglo XX.¹⁶

Glyn Daniel (1987, p. 276) aponta dois fatores responsáveis pelas descobertas arqueológicas: a casualidade e a investigação de campo. O fator casualidade foi preponderante no período especulativo e a investigação de campo desenvolveu-se posteriormente, com a consolidação da disciplina.

Además de la excavación en sí, el descubrimiento arqueológico depende en gran medida de la casualidad y de la investigación de campo. Muchos de los descubrimientos arqueológicos importantes del siglo XIX se debieron al azar, y en la primera mitad de nuestro siglo la casualidad siguió siendo, como deberá serlo siempre, un factor vitalmente significativo de los descubrimientos.¹⁷

Fazem parte das conquistas da Arqueologia de Campo a confecção dos mapas arqueológicos, a datação por fosfato, o estudo da resistividade, a sondagem e a fotografia aérea. A aplicação do enfoque geográfico foi de grande importância também destacada por Daniel (1987, p. 288):

Crawford se dio perfecta cuenta de que, para aplicar de manera apropiada el enfoque geográfico, dos cosas eran esenciales: primera, trazar y representar gráficamente las pautas completas de distribución de la antigüedad o grupo de antigüedades que se estuvieran estudiando y, Segunda, la reconstrucción de la geografía prehistórica del tiempo. Comprendió, como lo habían comprendido Gradmann y sus alumnos, que los horizontes culturales

¹⁶ Nos trabalhos de Curtius, em Olímpia, de Petrie, no Egipto e de Pitt Rivers na Inglaterra, e auxiliados por arquitetos e a fotografia, encontra-se o começo da escavação científica. Estes grandes escavadores elaboraram técnicas de escavação que constituiu a base do início da escavação no século XX. (tradução nossa)

¹⁷ Além da escavação em si, a descoberta arqueológica depende em grande medida da casualidade e da investigação de campo. Muitas das descobertas arqueológicas importantes do século XIX se devem ao acaso, e a primeira metade do nosso século a casualidade continuou sendo, como sempre foi, um fator vitalmente significativo das descobertas. (tradução nossa)

prehistóricos debían estudiarse contra el trasfondo de los horizontes naturales prehistóricos, no de los modernos.¹⁸

Entre os anos de 1840 e 1945, a Arqueologia se consagrou como disciplina com novas técnicas e modos de interpretar o passado do homem pelos seus restos deixados como marca da ocupação de um grupo, sociedade ou civilização, tendo na Geologia o respaldo científico de base.

Outro autor a traçar a história da Arqueologia é Renfrew. Esse destaca o que vem a ser a Arqueologia, enfocando desde a busca a tesouros, o trabalho científico, o uso da imaginação criativa, as atividades de campo, de laboratório e de gabinete. A seu ver, ela é uma mistura de todos esses elementos agregados um a um com o passar do tempo e o desenvolver da disciplina. Aponta, através da delimitação do escopo da Antropologia Física e Cultural, a Arqueologia como passado da última visto que esta estuda a cultura das sociedades atuais e aquela de sociedades passadas. Essa perspectiva, para esse autor, diferentemente da européia, aponta para a inclinação antropológica da Arqueologia americana.

*Archaeology is the “past tense of cultural anthropology.” Whereas cultural anthropologists will often base their conclusions on the experience of actually living within contemporary communities, archaeologists study past societies primarily through their material remains – the buildings, tools, and other artifacts that constitute what is known as the *material culture* left over from former societies.*¹⁹ (RENFREW, 1993, p. 9)

Destaca também a distinção no tempo entre história e pré-história, esta antes de registros escritos, aquela com o advento da escrita, que data de aproximadamente 3000 anos.

Para Renfrew (1993, p. 14), a Arqueologia propõe-se a reconstruir o modo de vida das sociedades que produziram os vestígios arqueológicos e também descobrir como elas viviam e exploravam o meio ambiente. O foco da explicação dos processos de mudança cultural é o cerne da abordagem da New Archaeology ou Arqueologia Processualista.

¹⁸ Crawford se deu conta de que, para aplicar de maneira apropriada o enfoque geográfico, duas coisas eram essenciais: primeiro, traçar e representar graficamente as pautas completas de distribuição da antiguidade ou grupo de antiguidade que estiveram estudando e, segundo, a reconstrução da geografia pré-histórica do tempo. Compreendeu, como tinha compreendido Grandmann e seus alunos, que os horizontes culturais pré-históricos deveriam ser estudados com o pano de fundo dos horizontes naturais pré-históricos, não dos modernos. (tradução nossa)

¹⁹ *Arqueologia é o passado da antropologia cultural. Enquanto os antropólogos culturais sempre baseiam suas conclusões na experiência de comunidades vivas contemporâneas, arqueólogos estudam sociedades passadas principalmente através de seus restos materiais – edifícios, ferramentas e outros artefatos que constituem a *cultura material* deixadas pelas sociedades passadas.* (tradução nossa)

But we also seek to understand *why* they lived that way: why they had those patterns of behavior, and how their lifeways and material culture came to take the form they did. We are interested, in short, in *explaining* change. This interest in the processes of cultural change has come to define what is known as *processual archaeology*.²⁰

Renfrew (1993, p. 17) considera a história da Arqueologia uma mistura de história das descobertas, história das idéias, modos de olhar o passado e do desenvolvimento dos métodos de pesquisa. Divide esta história em quatro momentos: fase especulativa, o início da Arqueologia Moderna, o período de classificação e consolidação da disciplina e, por fim, o momento da virada, dando enfoque à New Archaeology.

A fase especulativa, segundo Renfrew (1993, p. 18-21) vai dos relatos de gregos, romanos e babilônios sobre antigüidade, passa pela busca de modelos arquitetônicos do fim da Idade Média, pelo Renascimento com o incentivo dos papas pelo gosto artístico dos modelos gregos e romanos, a descoberta de Pompéia, da Pedra da Roseta, período este caracterizado por expedições financiadas por nobres abastados, da busca aleatória por antiguidades, sem procedimentos sistematicamente empreendidos.

Ademais, Renfrew (1993, p. 19) destaca a escavação de Thomas Jefferson (1784) como a primeira escavação científica na história da Arqueologia, realizada esta na propriedade de Jefferson, a qual delimita o período chamado Fase Especulativa.

But the credit for conducting what has been called “the first scientific excavation in the history of archaeology” goes to Thomas Jefferson (1743-1826), later in his career third President of the United States, who in 1784 dug a trench or section across a burial mound on his property in Virginia. His work marks the beginning of the end of the Speculative Phase.²¹

A fase inicial da Arqueologia moderna, na perspectiva de Renfrew (1993, p. 22-31) começa a partir da metade do século XIX com conquistas realizadas por outras áreas e aplicadas na Arqueologia. Dentre elas, está o uniformitarismo de Charles Lyell, a estratigrafia

²⁰ Mas nós também buscamos entender *porque* eles vivem do modo que vivem: porque eles têm aqueles padrões de comportamento, e como seus modos de vida e cultura material vieram a tomar a forma que tomaram. Nós estamos interessados em *explicar* mudança. Esse interesse nos processos de mudança cultural definem o que se conhece por *arqueologia processual*. (tradução nossa)

²¹ Mas o crédito por conduzir o que foi chamado a primeira escavação científica da história da arqueologia vai para Thomas Jefferson (1743-1826), que mais tarde em sua carreira foi o terceiro presidente dos Estados Unidos, que em 1784 cavou uma trincheira ou seção através de um monte funerário em sua propriedade na Virgínia. Seu trabalho marca o início do fim da Fase Especulativa. (tradução nossa)

de James Hutton, os achados de Boucher de Perthes, a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin, o sistema das três idades, o desenvolvimento das técnicas de escavação e de datação, esta com a contribuição de Oscar Montelius na seqüência cronológica e aquela com a contribuição de Pitt-Rivers e do particularismo histórico de Morgan e Tylor.

A idéia evolucionista que teve início com Thomas Malthus e Darwin, o particularismo histórico de Morgan e Tylor influenciados por Franz Boas também são destacados por Renfrew (1993, p. 24-25) como cenário da Arqueologia moderna.

Renfrew (1993, p. 26-27) traça um panorama da Arqueologia Norte Americana e destaca os pioneiros do século XIX assim arrolados: Caleb Atwater, Ephraim Squier, Samuel Haven, John Wesley Powell, William Henry Holmes. Além disso, destaca as contribuições que se seguiram no desenvolvimento das técnicas de campo nas figuras do General Augustus Lane-Fox Pitt-Rivers, Sir William Flinders Petrie, Sir Mortimer Wheeler, Max Uhle e Alfred Kidder.

A fase de classificação e consolidação data do final do século XIX. A contribuição de Gordon Childe foi marcante. Segundo Renfrew (1993, p. 32-34), enquanto na Europa as pesquisas desenvolviam-se em direção à divisão entre a Pré-História e a História, cujo passado estava assentado na História da Arte e na Pré-História, na América, sem o respaldo da escrita e com a forte influência da Antropologia, ela pautava-se na Arqueologia em consonância com a Antropologia, voltada para o estudo do índio americano. A abordagem histórica direta, a abordagem ecológica de Steward, a aplicação da ecologia cultural na escavação por Willey e Grahame Clark, a aplicação da Física e da Química influenciando a datação e os métodos de trabalho de campo, foram o grande legado dessa fase, segundo o autor acima referido.

A fase considerada por Renfrew (1993, p. 34-37) como da virada teve o desenvolvimento teórico e metodológico em evidência. Binford destaca-se como precursor da New Archaeology seguido por Willey e Phillips na busca, não mais da Arqueologia no seu aspecto descritivo, mas voltada para um momento explicativo.

A ênfase dada à explicação pela abordagem processualista questionava como foi formado o registro arqueológico e o que essas estruturas e artefatos escavados poderiam significar sobre o comportamento humano. Em seguida, parte-se para o estudo da cultura material e do comportamento de sociedades vivas que fundou a Etnoarqueologia. Entre seus fundadores estão Binford, Richard Gould e Richard Lee, utilizando-se da observação etnográfica em seus trabalhos.

Robrahn-González (1999-2000, p. 20) divide o período que vai de 1960 a 2000 como Período Moderno destacando, a partir da década de 1960, uma insatisfação com as limitações da Arqueologia tradicional que gerou a necessidade de trabalhar uma maior diversidade de traços de uma cultura. Surge, nesse contexto, uma maior ênfase aos aspectos sociais a partir de uma visão processual e a retomada da escola evolucionista cultural de Steward e White, que, é apontado por Gonzalez, fundamento da New Archaeology.

Em 1958 Gordon Willey e Philip Phillips, em seu livro *Method and Theory in American Archaeology*, argumentaram a favor de uma maior ênfase nos aspectos sociais, a partir de uma visão processual, bem como uma retomada da escola evolucionista cultural defendida por Julian Steward e Leslie White. Estes foram os fundamentos da denominada escola processual, ou New Archaeology, que surgiu nos EUA na década de 60 como produto de uma arqueologia eminentemente antropológica.

A New Archaeology como aponta Robrahn-González (1999-2000, p. 20-21) tinha como conceitos básicos a natureza explanatória da Arqueologia, alcançada somente a partir de teorias; a utilização de generalizações ou leis de dinâmica cultural para desenvolver análises sobre processos culturais ocorridos nos sistemas sociais e econômicos de determinado grupo; a formulação de hipóteses a serem testadas, construindo modelos; a Teoria Geral de Sistemas utilizada para a identificação de padrões culturais; a divisão dos sistemas em tecnológico, social e ideológico.

São arrolados também pela autora, quanto aos conceitos básicos da New Archaeology, a resolução de questões, ou seja, enfatizar projetos de campo com objetivos definidos, respondendo, assim, questões específicas sobre o passado e não obter dados aleatoriamente; adotar uma perspectiva ecossistêmica relacionando cultura e meio ambiente; e, obter coleções por método de amostragem, a partir de testes estatísticos.

Essa postura veio de encontro à obtenção de dados aleatórios em campo, escavações extensivas, abordagem descritiva e acumulação de dados, procedimentos que caracterizam a postura científica anterior à New Archaeology.

Outros conceitos da New Archaeology foram desenvolvidos por Clarke, segundo a autora (1999-2000, p. 21), na aplicação de técnicas de outras áreas do conhecimento, mais especificamente da Estatística e da Geografia, na interpretação do registro arqueológico :

Na Inglaterra, David Clarke discutiu e desenvolveu muitos dos conceitos da New Archaeology, principalmente no que se refere ao uso de técnicas

quantitativas e pelo emprego de conceitos aplicados a outras disciplinas, como a geografia. Foi também o autor que apresentou de forma mais detalhada a utilização da teoria de sistemas na pesquisa arqueológica, através de uma abordagem multidisciplinar. (Clarke, 1968, 1972, 1977)

O estudo de sítios isolados foi preterido, e, a moderna pesquisa de campo passou a utilizar-se de prospecção intensiva e escavações seletivas com objetivo de identificar e caracterizar os processos culturais no tempo e no espaço, pois, segundo Robrahn-González (1999-2000, p. 21) na perspectiva ecológica adotada essa tendência vinha ao encontro das necessidades que uma abordagem regional requeria.

A New Archaeology trouxe ainda uma maior ênfase em projetos de campo com objetivos bem definidos, que procurassem responder questões específicas sobre o passado. A perspectiva ecológica fez entender que muitos problemas só poderiam ser encaminhados a partir de uma abordagem regional, e não mais com o estudo de sítios isolados. Para tanto, mostrou-se necessário introduzir novas técnicas de prospecção intensiva e escavações seletivas, acompanhadas de amostragens estatisticamente definidas e análises multivariadas de dados. Estes passaram a ser os elementos-chave para a moderna pesquisa de campo.

Como exemplo de pesquisa com esta característica de objetivo específico, Robrahn-González (1999-2000, p. 21) cita a pesquisa levada a cabo por Louis Leakey e Mary Leakey no vale de Olduvai, na África, em busca de evidências sobre a origem do homem.

Robrahn-González (1999-2000, p. 21) aponta que a perspectiva da New Archaeology desenvolveu temas de importância para a atualidade, tais como a variação de indivíduo nas sociedades, obtida por análise de práticas mortuárias; os sistemas de organização social vistos nos padrões de residência; associações entre padrões de residência, organização social e interação cultural; residência relacionada ao grau de parentesco, bem como a relação entre cultura e ambiente físico.

Os trabalhos de Binford, Gould e Lee são apontados como de base para a Etnoarqueologia que levantou a discussão quanto ao uso da analogia como instrumento de análise como ressalta Robrahn-González (1999-2000, p. 22).

O advento da etnoarqueologia fez resurgir uma antiga discussão em arqueologia, referente ao uso da analogia enquanto instrumento de análise. Encontrou defensores vigorosos como Chang (1967) ou, mais recentemente, como Hodder (1982). Em contrapartida, encontrou também críticos incisivos

como Binford (1967, 1968) e Gould (1980, 1982), que rejeitaram qualquer uso da analogia enquanto forma de leitura do passado através do presente.

A perspectiva do estudo da cultura material para compreender as relações desta com o homem foram abordadas por Rathje e Redmann. As limitações do registro arqueológico conduziram Michael Schiffer ao estudo dos processos de formação de refugo. Esses conceitos que tecem a malha teórica da Etnoarqueologia são destacados por Robrahn-González (1999-2000, p. 22), principalmente no que concerne a cultura material.

Alguns pesquisadores chegaram a definir a arqueologia como a ciência da cultura material (Rathje, 1974, 1978), enquanto outros (como Redman 1973:20) preferiram indicar a cultura material como um instrumento de análise para o estudo de comportamento humano e organização social.

A Arqueologia histórica teve desenvolvimento com as pesquisas em áreas urbanas do período Pós-conquista de acordo com Robrahn-González (1999-2000, p. 22-23):

[...] pesquisas desenvolvidas em áreas urbanas ou suas proximidades incrementaram o desenvolvimento da arqueologia histórica, que se volta aos vestígios de ocupações humanas do período Pós-Conquista, envolvendo todos os povos formadores das sociedades nacionais (índios, europeus ou negros). (Deetz 1968b, Schuyler 1970).

Robrahn-González (1999-2000, p. 23) aponta a deficiência em resultados práticos obtida pela New Archaeology, pois, segundo a autora, os trabalhos eram voltados a aspectos funcionais ou ecológicos sendo os simbólicos e cognitivos deixados de lado.

O entusiasmo conceitual da New Archaeology não trouxe, entretanto, os mesmos resultados no plano prático. Grande parte dos trabalhos se voltou a aspectos funcionais ou ecológicos, deixando de lado as considerações sobre aspectos cognitivos e simbólicos das sociedades. De qualquer forma, a arqueologia nunca mais seria a mesma, e o grande mérito da New Archaeology foi tirar o foco dos trabalhos de uma arqueologia descritiva para uma arqueologia explicativa, bem como se voltar ao estudo de processos humanos de desenvolvimento, envolvendo análises de mudança e continuidade cultural.

Nos anos 1970, aparece em reação à New Archaeology, a escola de Cambridge denominada Pós-Processualismo ou Arqueologias Interpretativas, a qual possui influência do neomarxismo, do pós-positivismo e da hermenêutica segundo a autora (1999-2000, p. 23).

A desilusão com as correntes teóricas da disciplina constituiu campo fértil para novas propostas, como reação da escola de Cambridge ao processualismo americano. Essa reação foi inicialmente reunida no que se denominou de Escola Pós-Processual (em contraponto à arqueologia processual defendida pela New Archaeology) ou como, mais atualmente, Shanks e Tilley (1987, 1989) e Hodder (1985, 1991a e b) preferem denominar de “arqueologias interpretativas”.

Após a década de 1970 emergem diferentes escolas: a Arqueologia crítica, Arqueologia Interpretativa e Arqueologia Processual-Cognitiva, vertentes consideradas complementares às anteriores processualista e pós-processualista.

Na análise de Robrahn-González (1999-2000, p. 24), Hodder defende a hermenêutica, escola variante do pós-processualismo, que critica o processualismo e se dedica ao estudo do poder, da ideologia, da estrutura e de contextos históricos específicos.

Uma variante da escola pós-processual é a hermenêutica, principalmente definida e defendida por Hodder (1985), mas também discutida por autores com Patterson (1989) e Preucel (1991). Critica o processualismo da New Archaeology, intransigente em seus argumentos ecológicos, evolucionistas e materialistas.

Ao definir a Arqueologia crítica, Robrahn-González (1999-2000, p. 24) aponta que essa se posiciona como categoria da escola pós-processual que quer lidar com elementos ideológicos, aspectos simbólicos e cognitivos.

A arqueologia crítica é outra categoria da escola pós-processual, apoiada em um discurso neomarxista. Propõe-se a discutir de que forma é possível para a arqueologia lidar com elementos ideológicos, com ênfase nos aspectos simbólicos e cognitivos dos indivíduos (Leone 1982; Patterson 1989; Preucel 1991).

Há também como vertente da história a Arqueologia do gênero destacada por Robrahn-González (1999-2000, p. 24). Esta vertente segue a tendência da História do gênero, estudo em grande desenvolvimento na atualidade.

Por fim, a arqueologia do gênero objetiva estudar o papel feminino nas sociedades do passado, que até então era basicamente discutido a partir de atividades masculinas (Conkey e Spector 1984; Gero e Conkey 1991; Claassen 1992; Wylie 1991).

No panorama do século XXI, a Arqueologia volta-se para a defesa do patrimônio histórico cultural, por meio de legislação adequada; para as necessidades das populações indígenas sob seus legados encontrados nas escavações, ou seja, mais sensível às demandas da sociedade.

Essa observação apontada por Robrahn-González (1999-2000, p. 25) direciona as perspectivas futuras que, assim como a Arqueologia de contrato, despontam como forma de trabalho relevante para o mundo moderno, definindo formas adequadas de resgate e manejo o patrimônio arqueológico e direcionamento da demanda arqueológica no país e no mundo.

2.2 Principais Modelos Teóricos

Ao tratar dos principais modelos teóricos, Márcia Angelina Alves apresenta, em linhas gerais, as correntes teóricas e metodológicas que fundamentam as pesquisas arqueológicas no Brasil com maior influência de duas escolas: a francesa e a americana.

As primeiras tendências que influenciaram as pesquisas arqueológicas no Brasil vieram da escola francesa, com a Arqueologia Etnográfica/Estruturalista e, em seguida, da escola norte-americana, com a Arqueologia Processualista, conhecida como Nova Arqueologia ou New Archaeology. Destaca-se, atualmente, a Pós-processualista, tendência de vanguarda também norte-americana que é adotada por alguns pesquisadores no Brasil.

Sobre a escola francesa, Alves (2002, p. 4) destaca a grande influência de Leroi-Gourhan que, no período Entre-Guerras, desenvolveu a pesquisa de campo em pré-história, adaptando um método de campo desenvolvido pelo arqueólogo inglês Wheeler, o método chamado *open area*.

Alves (2002, p. 5) aponta que o objetivo desse método tridimensional, chamado de topográfico, era gerar informação pela evidenciação dos solos arqueológicos decapados, obtendo-se, assim, uma etnografia das sociedades extintas e ágrafas das populações que ocuparam os espaços físicos e estabelecendo a existência de diversidade de estruturas arqueológicas na dimensão de tempo, espaço, cultura e sociedade.

Nessa perspectiva teórico-metodológica francesa a amplitude de alcance do trabalho de campo era fundamental para a investigação arqueológica, como apontado por Alves (2002, p. 5).

Detectar “todo” (ou quase todo) o espaço do sítio arqueológico era e é fundamental para se conhecer o “cotidiano” das populações pré-históricas, através de provas materiais contextualizadas pelas pesquisas de campo e por inferências com grupos de populações primitivas, do Presente, através do método indutivo.

Há de se destacar que esse método indutivo é utilizado nas visitas monitoradas para reconstrução do percurso do arqueólogo no trabalho de campo, bem como a importância do contexto e da relação espaço temporal dos achados arqueológicos. Essa linha apresenta-se com mais vigor nos estudos de Arqueologia Clássica, haja vista a formação voltada para as universidades francesas.

Outra questão abordada por Alves (2002, p. 5-6) é o conceito de fato social total de Marcel Mauss, sociólogo e antropólogo francês que foi o mentor de Leroi-Gourhan. Tal conceito marca a Arqueologia Pré-Histórica européia chamada de Arqueologia Etnográfica, haja vista a transposição de conceitos da Etnologia para a Arqueologia.

Sobre a escola norte-americana, Alves (2002, p. 6) menciona que o arqueólogo Binford, em meados do século XX, lançou os postulados da Arqueologia Processualista ou *New Archaeology*, fundamentada no Neo-evolucionismo, na Ecologia Cultural e no Funcionalismo.

Alves (2002, p. 6) descreve as premissas da perspectiva processualista da *New Archaeology*, destacando o papel da mudança cultural, da Arqueologia vista como processo de mudança ao qual se aplica a teoria dos sistemas dos antropólogos Leslie White e Julien Steward.

A Nova Arqueologia propôs uma nova visão da Arqueologia como processo cultural em que as mudanças ocorrem em decorrência de alterações tecnológicas, ambientais etc. e que era fundamental dimensionar a “continuidade” e a “mudança cultural” verificando as interrupções, as rupturas, as continuidades etc, porque as culturas não são estáticas.

Esses sistemas culturais são formados por três subsistemas, a saber: o sistema cultural de Leslie White compõe-se por subsistema sociológico, ideológico e tecnológico; enquanto para Julien Steward, o sistema cultural é composto pelos subsistemas ideológico, tecnoeconômico e sócio-político.

Para Robrahn-González (1999-2000, p. 20) a *New Archaeology* fundamenta-se na teoria dos sistemas de Leslie White e Julien Steward pois ela é antropológica. No que concerne aos seus conceitos básicos aponta a natureza explanatória e não descritiva; a análise dos processos culturais partindo, assim, de generalizações, a pesquisa voltada para a resolução de problemas e a perspectiva ecossistêmica, relacionando cultura e meio ambiente.

Alves (2002, p. 7) ressalta que a pesquisa, de acordo com a *New Archaeology*, foi desenvolvida de maneira extensiva em grandes áreas geográficas com a utilização de coleta de superfícies chamadas de *surveys* e o abandono de datações absolutas por C14 (Carbono 14) e TL (termoluminescência), as análises laboratoriais utilizam a *seriação fordiana* e métodos estatísticos.

Robrahn-González (1999-2000, p. 17) descreve a utilização da seriação como instrumento metodológico da perspectiva processualista, já que esta abandonara a datação por Carbono 14 e termoluminescência:

O principal instrumento metodológico foi a seriação, criada como uma maneira de ordenar os vestígios através da presença ou ausência de determinados artefatos (ou atributos)-tipo. A aplicação do conceito em coleções de superfície foi feita por Spier (1917). Surteu-se, então, que os padrões teriam um significado cultural (o próprio Childe denomina as coleções ou conjuntos de artefatos de “culturas”) e o método da seriação passou a ser utilizado para criar cronologias culturais, baseadas em cálculos matemáticos (Ford 1938, 1952, 1962).

O conceito de tipo refere-se às idéias de desenvolvimento, demonstrando as seqüências cronológicas, o que permitiu identificar relações entre culturas.

Cabe destacar a oposição entre a escola francesa e a americana, esta privilegia a amostragem descontextualizada de cultura material, enquanto aquela particulariza a contextualização.

O grande divulgador da New Archaeology, segundo Alves (2002, p. 8) foi o Smithsonian Institution que elaborou programas de cooperação científica na América Latina (México, Venezuela, Colômbia, Brasil) para estudar mudanças culturais ocorridas antes do contato, centrando-se na classificação de áreas arqueológicas como nucleares, intermediárias e marginais.

Tanto a escola francesa estruturalista quanto a norte-americana processualista estruturaram a pesquisa arqueológica pré-histórica no Brasil, entre os anos 1950 e 1960, e seus preceitos teórico-metodológicos foram tomados como modelos para determinar os objetivos da pesquisa de campo e sua interpretação no Brasil.

Como referido por Alves (2002, p. 11), a influência da escola francesa iniciou-se em meados dos anos 1950 com a vinda de Joseph Empeaire, geógrafo e arqueólogo francês, para escavar o sambaqui de Maratúá a convite de Paulo Duarte, fundador do Museu de Pré-História da USP. Além disso, em 1959, decrete que Empeaire e a esposa Annette Laming-Empeaire foram convidados a escavar o sítio José Vieira no Paraná fazendo, assim, escola e seguidores nessas instituições.

Como resultado do trabalho desses arqueólogos franceses, Alves acrescenta que nos anos 1960 suas discípulas, Luciana Pallestrini e Niède Guidon foram para a França se

doutorarem em Pré-História brasileira, contribuindo assim para a consolidação das teorias da escola francesa no Brasil.

Segundo Alves (2002, p. 11) Pallestrini influenciou várias gerações de arqueólogos orientando teses de mestrado e doutorado, tanto no Museu Paulista e na FFLCH/USP como no MAE. Em 1968, criou o Projeto Paranapanema, realizado no município de Piraju.

Alves (2002, p. 13-15) destaca também, na divulgação do método de superfícies amplas, legado da escola francesa, a participação de Pallestrini, no Museu Paulista; André Prous, em Minas Gerais; Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão, no Rio de Janeiro; Caio Del Rio Garcia e Dorath Pinto Uchôa, em São Paulo; Gabriela Martin, no Rio Grande do Norte; Etchevarne, na Bahia; e Niède Guidon, no Nordeste.

No que tange à escola americana, Alves (2002, p. 15) destaca que a influência da vertente processualista começou em 1948/49 com o casal Clifford Evans e Betty Meggers, do Smithsonian Institution, em estudos de cultura material cerâmica na Ilha de Marajó, aplicando o método de Seriação de James Ford.

Ao destacar a influência americana, Alves (2002, p. 16) aponta o seminário realizado em 1964, na Universidade Federal do Paraná, o qual teve como objetivo preparar docentes de várias Universidades Federais para desenvolverem pesquisas de campo em Arqueologia Pré-colonial centrada nas prospecções e no mapeamento de ocorrência de sítios cerâmicos associados, coletas de cerâmica e estudos de laboratório baseados na seriação fordiana:

Neste Seminário foi discutido e elaborado um “quadro” conceitual/classificatório inspirado no neo-evolucionismo e na ecologia cultural, para se configurar os sítios a serem detectados, mapeados e registrados junto ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, [...] decidiram pesquisar – centrados na região Sul, parte do Sudeste, no Recôncavo Bahiano e na região amazônica tendo como interlocutor o *Museu Paraense Emílio Goeldi* [...].

Como resultado desse seminário, Alves (2002, p. 17) menciona a criação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), sob a fundamentação de pesquisa baseada nos métodos e técnicas da Arqueologia processualista. Ressalta também, que a cooperação do CNPq e do IPHAN, assim como a do Smithsonian Institution permitiram a aplicação das prospecções sistemáticas da vertente processualista no Brasil entre os anos de 1965 e 1970.

Além disso, em 1981, foi criada a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), que reúne arqueólogos de todo o Brasil e que adota as configurações e classificações culturais estabelecidas pelo PRONAPA e seus seguidores, como aponta Alves (2002, p. 18).

No que concerne às inovações na Arqueologia pré-histórica, Alves (2002, p. 19) destaca que foram iniciadas no Brasil nos anos 1980, com influências da Arqueologia Pós-Processualista dos ingleses Ian Hodder (1986), Michael Shanks e Christopher Tilley (1987), e pelo americano Mark Leone (1984).

As correntes teórico-metodológicas constituintes da Arqueologia Pós-Processualista são comentadas por Alves (2002, p. 20-21), a saber:

a) Estruturalista: inspirada no estruturalismo de Lévi-Strauss, na linguística de Chomsky e nos estudos de Leroi-Gourhan.

b) Marxista: concepção da evolução como fenômeno social. O objeto de conhecimento da Arqueologia é a explicação do processo de mudança social através do método materialista histórico. Quanto à corrente estruturalista, acredita-se que há padrões dicotômicos de pensamento que são transportados para os artefatos, ou seja, para o registro arqueológico.

c) Interpretativista ou Hermenêutica: inspirada na Teoria Crítica (o estudo da estética e o da cultura contemporânea), objetiva avançar a pesquisa de campo para evidenciar o empírico e para interpretar símbolos como estudo do passado pré-histórico.

Robrahn-González (1999-2000, p. 23) menciona essa influência das correntes acima referenciadas na Arqueologia Pós-Processualista, principalmente no que se refere a perspectiva interpretativa, da seguinte forma:

Essa reação foi inicialmente reunida no que se denominou de Escola Pós-Processualista (em contraponto à arqueologia processual defendida pela *New Archaeology*) ou como, mais atualmente, Shanks e Tilley (1987, 1989) e Hodder (1985, 1991a e b) preferem denominar de “arqueologias interpretativas”. Entre as diferentes influências recebidas por essa corrente podemos citar o neomarxismo, o pós-positivismo e a hermenêutica.

Em relação aos métodos adotados, Alves (2002, p. 22) ressalta a revitalização das escavações pontuais e intensivas de campo, bem como a utilização dos métodos de datação absoluta por Carbono 14 e Termoluminescência.

Quanto às tendências de vanguarda na interpretação dos registros arqueológicos, Alves (2002, p. 26) destaca a utilização de alguns métodos analíticos das Ciências Exatas como

microscopia de luz transmitida, difratometria de raios X e microscopia eletrônica de varredura na análise da tecnologia cerâmica pré-histórica e etnográfica.

Uma nova Arqueologia concebida como fenômeno social é estudada na América Latina. São pressupostos teóricos o caráter social da ciência arqueológica e a noção de desenvolvimento social vista a partir de três conceitos primordiais: modo de vida, modo de produção e cultura. Em relação ao conceito modo de vida, descrito este sob a perspectiva marxista, explica-se pela forma que o ser humano cria seus meios relacionada diretamente com o meio ambiente.

Nessa abordagem os fenômenos culturais são estudados para se inferir conteúdos sociais, o arqueólogo como cientista social deve primar pela reconstrução e estudo da base material de cada sociedade. Acrescenta-se que, a figura de Gordon Childe desponta como precursora da Arqueologia Social, concebendo a Arqueologia como ciência social e definindo o objeto de conhecimento dessa como a explicação do processo de mudança social. Para tanto, utiliza-se do materialismo histórico.

2.3 Arqueologia Brasileira

A História da Arqueologia Brasileira pode ser vista sob a perspectiva do desenvolvimento econômico-cultural do país num paralelo com os momentos históricos do Brasil Colônia, Império e República, não só pelo momento histórico mas também pela independência de comportamento investigativo e científico.

Nessa ótica, durante seu percurso de crescimento passou de objeto de estudo exploratório, no qual só poderia ser considerada brasileira pelo fato de ser este território tal objeto de estudo, indicando, assim, uma fase passiva; num segundo momento, já trilhando seu próprio caminho mas ainda tutelada, tanto pelas teorias e metodologias estrangeiras quanto pelo apoio financeiro de instituições internacionais e, por fim, uma maior liberdade de ação levando a cabo suas próprias pesquisas tanto dentro de instituições acadêmicas quanto a partir de iniciativa própria, principalmente no que concerne a Arqueologia de Contrato.

Segundo Cristina Barreto (1999-2000, p. 33), a perspectiva colonial predominou na Arqueologia até o advento dos museus e centros de pesquisa científica no início do século XIX. O crescimento científico, primeiramente, foi promovido por naturalistas europeus trazidos pela Corte portuguesa, por Pedro II e pelos museus e centros de pesquisa, sucessivamente.

Barreto (1999-2000, p. 33), diferencia várias etapas durante o desenvolvimento da Arqueologia no Brasil, tais como: a época do “descobrimento”, a era das expedições, a era dos museus, a Arqueologia acadêmica, as escolas estrangeiras e, finalmente, o que Barreto considera Arqueologia moderna no Brasil.

Esse caráter exploratório foi descrito também por Angyone Costa (1980, p. 11) que faz referência à legião de pesquisadores enviados ao Brasil com o intuito de desbravar o território, mantendo ainda o liame colonial, empunhados tão somente do dever científico:

Geógrafos, geólogos, paleontólogos, antropólogos, etnólogos, especialistas dos diversos ramos das ciências naturais, botânicos, zoólogos, entomólogos, ictiólogos davam-nos a sua preferência, considerando a nossa terra centro opulento de pesquisas, vasta retorta destinada à observação das ciências da terra e do homem, na sua evolução natural.

Da segunda metade do século XVIII ao início do século XIX, os viajantes naturalistas, franceses e alemães, fizeram estudos da natureza de caráter especulativo, num enfoque

científico iluminista. Houve algumas expedições na Amazônia como a de La Condamine (1745), Franz-Leusenger (1784), Alexandre Rodrigues Ferreira (1785-1790) e Alexandre von Humboldt (1799-1803) que, além de registrar sítios arqueológicos, propôs a primeira teoria sobre a origem das populações — a origem asiática. Essas expedições são descritas em Costa (1980, p. 12) de forma prolixa:

Ficara muito distante a primitiva viagem de exploração científica, que trouxera La Condaime, em 1743, à bacia da Amazônia. O sábio francês viajara chefiando missão geográfica às ordens de Luís XV, rei de França, e não tivera, por trinta nos, seguidores. [...] Alexandre Rodrigues Ferreira viveu dez anos no Brasil, situando suas atividades no interior do Pará, do Amazonas, de Mato Grosso. Várias espécies da nossa flora e fauna, primeiramente descritas por ele, aparecem com o nome de naturalistas de outras terras, especialmente franceses.

A instalação da Corte no Brasil oficializa as expedições e abrem-se as portas aos naturalistas viajantes: Eschwege (1809), Wied Neuvied (1815), Saint-Hilaire (1816-1822), Koster (1816) e von Martius (1818-1821). Dentre eles, von Martius é o que vai dedicar-se à Etnografia e à Arqueologia, reiterando a teoria da raça única de Humboldt segundo Barreto (1999-2000, p. 36).

Em relação à contribuição de Martius para a Etnografia, Costa (1980, p. 11) destaca:

Martius escreveu valiosas monografias sobre os índios e a terra, considerada em seus costumes, mas o seu monumento imperecível é a sua *Flora* que, auxiliada e continuada por dezessete colaboradores, é tida como um dos livros básicos, eternos da botânica.

Ao destacar a contribuição dos museus para o desenvolvimento da Arqueologia no país, Barreto (1999-2000, p. 36) aponta o Museu Real como um dos primeiros colaboradores. Fundado em 1808 no Rio de Janeiro, o Museu Real, mais tarde batizado de Museu Nacional, assume o perfil de História Natural e se torna ponto de partida para várias expedições. Um de seus mais ilustres colaboradores é o naturalista dinamarquês Peter Wilhem Lund, que coletou espécimes para o Museu Natural de Copenhague e fixou residência na Lagoa Santa – Minas Gerais. Durante seu trabalho, coletou vestígios de animais extintos em mais de 800 cavernas. Em 1834, Lund encontrou na Lapa do Sumidouro restos de esqueletos fossilizados juntamente com ossadas de animais pleistocênicos.

Lund é referenciado em Costa (1980, p. 15) pelas colaborações acima descritas e pela vida dedicada à Paleontologia e à Pré-História brasileiras:

Durante sua permanência no Brasil, reside na povoação de Itaipus, onde organiza coleções de botânica. [...] faz da Lagoa Santa companheira inseparável de sua vida, [...] Mantém constante comunicação com os institutos europeus, remete para o Museu de Copenhague e para a Sociedade Real dos Antiquários do Norte grande cópia de material extraído das cavernas, em número de duzentas peças, de sua descoberta e exploração

Esse momento da construção das primeiras pesquisas científicas no Brasil é de destacada tendência naturalista haja vista as pesquisas voltadas para botânica e zoologia, bem como paleontologia.

Outro momento é o da atuação dos museus, cuja importância é tida como primordial para o desenvolvimento da Arqueologia no país, como o Museu Paulista de São Paulo, Museu Paraense em Belém e o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Em relação ao Museu Paulista, Ladislau Netto, o primeiro arqueólogo brasileiro, promove, quando então diretor do mesmo, expedições arqueológicas e publica, em 1885, *Investigação sobre a Archaeologia Brasileira*, como ressalta Barreto (1999-2000, p. 38).

No que tange ao Museu Paulista, Hermann Ihering, seu fundador, disseminou o naturalismo alemão através do tratamento que dava às suas coleções, como zoólogo acreditava que estudar a flora e a fauna era estudar o homem primitivo. Como destaca Barreto (1999-2000, p. 38), entre os anos de 1885 e 1908, Ihering publicou mais de 20 obras sobre Arqueologia Brasileira, sua síntese foi publicada em 1904 – *Archaeologia Comparativa do Brasil*, e imbuído de uma visão eurocêntrica não o permitia admitir os sambaquis como produzidos por populações indígenas passadas, defendeu até o extermínio dos índios em prol do progresso civilizatório.

Outro museu que se destaca é o Museu Paraense, reformulado pelo zoólogo suíço Emílio Goeldi, em 1894. Assim como nos outros museus, a Etnografia, a Arqueologia e a Antropologia aqui ocupavam uma posição secundária, dando às Ciências Naturais grande destaque.

Barreto (1999-2000, p. 40-41) indica outro momento da Arqueologia Brasileira proveniente dos centros de pesquisa e universidades. A Arqueologia considerada acadêmica aparece, segundo a autora, no século XIX. Alguns marcos históricos são a fundação do Centro de Estudos Arqueológicos, em 1935, por Luís de Castro Faria (absorvido pelo Museu

Nacional); a Comissão de Pré-história, criada em 1952 por Paulo Duarte, objetivando a preservação dos sambaquis, e que mais tarde se torna o núcleo do Instituto de Pré-história da USP; e o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Universidade do Paraná, fundado por José Loureiro Fernandes, cuja finalidade também é proteger os sambaquis.

A formação das gerações de arqueólogos contou com a participação de estrangeiros, principalmente no que se refere às técnicas de pesquisa de campo. A utilização do modelo francês, onde a Arqueologia é vista como estudo do passado pré-histórico humano, ou seja, como Pré-história – Pré-colonial, desvinculou a Arqueologia da Antropologia como já tratado anteriormente em *Principais Modelos Teóricos*.

Barreto (1999-2000, p. 42) discute a atuação das escolas estrangeiras ao tratar das *Missions archéologiques* as quais nasceram do interesse pelas culturas pré-históricas da América Latina menos conhecidas, bem como o papel da Sociedade dos Americanistas, criada em 1876, tendo o americanismo como uma nova perspectiva de estudos para historiadores e etnólogos franceses.

A influência francesa no Brasil iniciou-se a partir do modelo de pesquisas etnológicas praticadas pelo Musée de L'Homme de Paris e com as expedições pioneiras de Paul Rivet que, a convite de Paulo Duarte veio se juntar a historiadores, etnólogos e sociólogos franceses para fundar o estudo de Ciências Sociais na USP segundo Barreto (1999-2000, p. 42).

Acrescenta ainda que, o geógrafo Joseph Emperaire e a arqueóloga Annette Laming Emperaire, discípulos de Leroi-Gourhan, foram de grande importância para a Arqueologia brasileira introduzindo métodos científicos para o estudo de certos tipos de sítios. Fez-se datação com C14, inaugurou-se uma metodologia de documentação e análise de arte rupestre e retomaram-se as pesquisas na Lagoa Santa. Seus seminários e manuais sobre análise de artefatos líticos marcaram toda uma geração de arqueólogos até hoje atuantes também já destacado no subcapítulo anterior.

Barreto (1999-2000, p. 44) trata também da influência americana que se deu através de Wisley Hurt, Betty Meggers e Clifford Evans. Hurt retomou a pesquisa na Lagoa Santa nos anos 1960 e trabalhou nos sambaquis do Sul, ajudando a formar centros de pesquisa e treinando arqueólogos em escavações sistemáticas. Além disso, Meggers e Evans elaboraram a teoria do desenvolvimento cultural da Amazônia como proveniente de outra região.

Vale lembrar que a contribuição da influência americana foi o projeto de levantamentos arqueológicos em nível nacional, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) promovido pelo Smithsonian Institution, CNPq e IPHAN. Entre

1965 e 1970, houve pesquisa padronizada com um máximo de sítios por região, organizada por métodos de seriação em categorias: tradição, fase e subfase.

Atualmente, muitos arqueólogos responsáveis pela direção de vários centros são da primeira geração, formados sob a influência das escolas americanas e francesas. Essa formação é essencialmente prática, com ênfase à pesquisa de campo e à classificação de materiais arqueológicos em laboratório.

III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Breve Histórico da Terminologia

A necessidade de se nomear objetos é antiga e, segundo alguns autores, dentre eles, Weedwood e Rey, Crátilo, obra de Platão, é o primeiro texto ocidental a tratar desse assunto. Na verdade, aquela autora menciona a obra ao tratar da história da Linguística enquanto este, ao tratar da história da Terminologia.

Ao abordar os momentos históricos de destaque para a desenvolvimento da preocupação com a Terminologia, Barros (2004, p. 29) enumera vários tipos de obras que fizeram parte dessa história, entre os quais destacam-se :

- os tijolos de argila dos sumérios por volta de 2.600 a.C.;
- o dicionário de 2.200 a.C. (termos da escola dos escribas);
- dicionários temáticos do Império faraônico por volta de 1.800 a.C.;
- glossários dos termos médicos de Hipócrates, elaborado por Heródoto e Herodianus (460-377 a.C.);
- *Liber Continentis*, de Rhazés, em cinco línguas (síriaco, grego, persa, híndi e árabe) no século IX;
- *Livro das Estradas e dos Reinos*, de Bakri, no século XI.

Rey (1995, p. 11), também sob a perspectiva cronológica de desenvolvimento, destaca uma série de pensadores que marcaram a história da terminologia, da época de Platão ao século XVI:

Although the need for naming objects has been felt and written about since ancient times, for the Western World Plato's *Cratylus* can be considered the first basic text on terminology. Between Plato and the sixteenth century the Stoics, Saint Augustin, Saint Anselm, Indian thinkers, Arabic philosophers, grammarians and lexicographers wrote about the subject.²²

Além disso, menciona também que as reflexões feitas sobre a relação entre a linguagem, os objetos e pensamentos eram constantes na Idade Média, mas que, o enfoque de

²² Embora tenha-se escrito e sentido a necessidade de nomear objetos desde tempos antigos, para o mundo ocidental *Cratylus* de Platão pode ser considerado o primeiro texto sobre terminologia. Entre Platão e o século XVI os Estóicos, Santo Agostinho, Santo Anselmo, pensadores indianos, filósofos árabes, gramáticos e lexicógrafos escreveram sobre o assunto. (tradução nossa)

uma disciplina separada para estudar os problemas da nomeação aparece somente depois do Renascimento.

De acordo com o autor, havia uma utilização concomitante do termo *nomenclatura e dicionário*, sendo aquele entendido no século XVI, tanto em francês quanto em inglês, como glossário ou lista de palavras, vagamente diferenciado de dicionário.

Rey (1995, p. 12) salienta também a acepção de tecnologia em inglês que, em 1615 era usada para designar um discurso sobre arte, mudando em seguida para a terminologia de uma arte particular ou assunto. No entanto, em francês, era utilizada com o significado de discurso especializado em métodos tradicionais de trabalho e, ao mesmo tempo, vocabulário necessário para este discurso.

Fazendo essas reflexões, o autor traça o percurso do desenvolvimento do termo *terminologia* diacrônica e diatopicamente, o qual se mesclava com tecnologia e nomenclatura. A busca pela normatização é universal e não escapa nem mesmo à Terminologia.

Rey (1995, p. 12) destaca, tanto na França quanto na Inglaterra, a contribuição dada pela propagação de dicionários e enciclopédias, que demonstravam ao mesmo tempo um aumento representativo do conhecimento humano e da preocupação não só teórica mas também metodológica, embrionária, no entanto, da Terminologia.

This awareness of terminology became stronger among scientists during the eighteenth century and was further reflected in the voluminous efforts of Diderot and d'Alembert in their *Encyclopédie*. In England a parallel development took place with Chambers's *Cyclopaedia or Universal Dictionary of Arts and Science* (1728) e Samuel Johnson's *Dictionary of the English Language* (1755).²³

O destaque, no entanto, é dado por Rey (1995, p. 13) para a contribuição das ciências naturais. É com a obra de Linneau que se concretiza a necessidade de uma linguagem diferenciada, desenvolvendo um complexo sistema de nomes e etiquetas com características descritivas derivadas do latim.

Diego (1995, p. 14), além da obra de Linneau (Carl B. Linné, nomenclatura da Botânica e da Zoologia), aponta também o pioneirismo de Versalius e Lavoisier e Bertholet,

²³ Este conhecimento da terminologia tornou-se mais forte entre os cientistas durante o século XVIII e foi, mais tarde, refletido em volumosos esforços de Diderot e d'Alembert em sua Enciclopédia. Na Inglaterra um desenvolvimento paralelo teve lugar com Chambers's *Cyclopaedia or Universal Dictionary of Arts and Science* (1728) e Samuel Johnson's *Dictionary of the English Language* (1755). (tradução nossa)

tendo este último atentado para a necessidade de um equilíbrio entre o nível epistemológico de uma ciência e seu nível de expressão lingüística :

Versalius (1514-15640), el fundador de la nueva anatomía, elabora la terminología de su disciplina com intenciones normalizantes y racionalizantes; en la química, específicamente a nivel de la designación de los enlaces, los franceses Lavoisier (1743-1794) y Bertholet (1748-1822) realizan un trabajo significativo para el establecimiento de nomenclaturas; al sueco Carl B. Linné (1707-1778), se deben las nomenclaturas de la botánica y de la zoología, las cules, al igual que los trabajos de Versalius e Lavoisier en la anatomía y en la química, siguen teniendo vigencia en estas ramas científicas.²⁴

Os séculos XVIII e XIX tiveram um crescimento das ciências e conseqüentemente da classificação, basicamente, nomear descobertas era o papel das ciências, tanto na Química, Botânica, Zoologia e até mesmo na Arqueologia. Desenvolvem-se ciências taxinômicas como resultado de uma necessidade científica.

O surgimento de museus de curiosidades atesta esta tendência do engatinhamento das ciências com a atividade classificatória na qual milhares de obras, plantas, animais, achados são dispostos segundo critérios cronológicos ou topográficos, como melhor abordado no capítulo *Breve História da Arqueologia*.

Rey (1995, p. 13) faz referência ao estudo do naturalista Duhamel du Montceau que definiu a nomenclatura como “arte de classificar os objetos de uma ciência e nomeá-los” como contribuição à Terminologia e às ciências taxinômicas.

Além dele, dá destaque à enciclopédia de Diderot, cujo trabalho demonstrou uma preocupação com a relação entre conceitos e palavras e a necessidade de uma harmonização de termos, ou seja, uma normalização, preocupações estas da Terminologia, posteriormente.

Ao tratar de escritos que atestam o uso do termo *terminologia*, Rey (1995, p. 15) aponta o do alemão Christian G. Schütz como o primeiro documento da ocorrência de *terminologisch*, em 1788; na Inglaterra, aparece somente após 1801, *terminology*; e na França, *terminologie*, em 1801:

²⁴ Versalius (1514-15640), o fundador da nova anatomia, elabora a terminologia de sua disciplina com intenções normalizantes e racionalizantes; na química, especificamente no nível da designação das ligações, os franceses Lavoisier (1743-1794) e Bertholet (1748-1822) realizam um trabalho significativo para o estabelecimento de nomenclaturas, ao suéco Carl B. Linné (1707-1778), a quem se deve as nomenclaturas de botânica e zoologia, as quais, igualmente aos trabalhos de Versalius e Lavoisier na anatomia e na química, ainda vigentes nesses ramos científicos. (tradução nossa)

“Terminologie” appears documented in German in the writings of a Professor of the Universities of Halle and Jena, Christian Gottfried Schütz (1747-1832); the adjective “terminologisch” dates from 1788. Soon afterwards, from 1801 onwards, in English “terminology” begins to compete with “nomenclature” which had come into the language in 1610. In 1801, “terminologie” is also documented in French, but in a polemical sense in a book on neology by Sébastien Mercier, who speaks of “the abuse of incomprehensible terms”.²⁵

Segundo Rey (1995, p. 15), o moderno uso de termo, embora de aplicação restrita às ciências naturais, aparece na Inglaterra com um significado científico, definido por William Whewell em 1837 como “sistema de termos empregados na descrição de objetos de história natural”.

De acordo com o autor (1995, p. 16), a progressiva substituição de nomenclatura por terminologia implicou numa mudança de foco, demonstrando maior especificidade e cientificidade, pois passa de nome para termo, do conceito de uma série de nomes dentro uma classificação taxinômica para um conceito de um sistema de significados reciprocamente definidos.

Além do sentido científico herdado pela ciência, terminologia agregou também um sentido negativo. Rey descreve que a utilização do termo *terminologie*, documentado nos dicionários franceses no século XIX tinha sentido negativo, referia-se a um grupo de palavras difíceis, obscuras e sem utilidade. Esse sentido ficou, mais tarde, atrelado ao termo jargão, que possui relatos com sentido positivo somente em dicionários de especialidade.

Referindo-se à história da Terminologia, outra perspectiva adotada, a língua como instrumento de poder e a questão da padronização e das terminologias técnico-científicas é adotada por Barros.

De acordo com Barros (2004, p. 26), a escrita sempre foi utilizada como instrumento de poder, no entanto, a partir da Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX foram impostas transformações radicais. As mudanças tecnológicas e científicas, fizeram se sentir na economia, política e no vocabulário: com o surgimento de novas invenções, costumes, atividades, técnicas, surgiam novos termos para identificá-los. Alargou-se tanto o universo lexical quanto o conjunto terminológico.

²⁵ “Terminologie” aparece documentada em alemão nos escritos de um professor das Universidades de Halle e Jena, Christian Gottfried Schütz (1747-1832); o adjetivo “terminologisch” data de 1788. Logo em seguida, após 1801, “terminology” começa a competir com “nomenclature” pois já era usada desde 1610 na Inglaterra. Em 1801, “terminologie” também é documentada em francês mas com um sentido polêmico em um livro sobre neologia de Sébastien Mercier, que fala “do abuso dos termos incompreensíveis”. (tradução nossa)

O ensino, monopólio da Igreja até então, foi adotado pelo Estado e, tornou-se uma forma de padronização da língua, atitude lucrativa para a comunicação entre patrões e empregados. Cabe ressaltar que tal atitude transfere para as mãos dos capitalistas esse instrumento de poder por intermédio do domínio técnico e , por conseguinte, terminológico, além do econômico.

Vista como instrumento de dominação (e, atualmente, de manipulação), a língua padrão era baseada na das classes superiores, surgindo assim, a expressão *norma culta*, a dos mais abastados. A escola tornou-se o grande veículo de transmissão do conceito de valor, do certo ou errado, difundindo, assim, a terminologia para o trabalho:

Os vocabulários de especialidade são produzidos pelos próprios especialistas, difundidos pelas publicações e seu uso como vocabulário de trabalho, ensinado pela escola, juntamente com os conhecimentos de cada especialidade. Tornam-se, inevitavelmente e prioritariamente, os preliminares de um programa de desenvolvimento e de participação em uma civilização industrial. (CORBEIL, 1984, apud BARROS, 2004, p. 27)

Em apenas um século, a escola foi ultrapassada pela televisão e pela Internet, que apareceu no final do século XX. O desenvolvimento passou de mecânico a industrial, televisivo e cibernético para, quem sabe, num futuro próximo, supersônico. É esse ritmo de crescimento tecnológico e científico que vai modificar o desenvolvimento da Terminologia.

Essa questão da terminologia do trabalho apontada por Barros ainda se faz presente na atualidade. As universidades oferecem, hoje em dia , praticamente cursos de terminologia do trabalho, da tecnologia, da ciência em questão.

As ciências e tecnologias tornaram-se tão específicas e extensas que requerem dos futuros profissionais, em média, de quatro a seis anos de estudo. A universidade tem, portanto, como fim único passar este conhecimento terminológico aos seus alunos, futuros profissionais. Ela não é mais teórica como no passado, salvo algumas exceções, e nem pragmática. Vislumbra-se um esboço de pragmatismo com a implantação de laboratórios, estágio obrigatório, iniciação científica, entre outros.

Pode-se inferir, nesse contexto, que o Estado não mais mantém o monopólio da educação. Este passou das mãos daquele para os empresários e é transferido, gradativamente, para os meios de comunicação tecnologicamente mais avançados, como a Internet.

Retomando a questão da língua padrão e da terminologia do trabalho, a padronização, segundo Barros (2004, p. 27), passou a ser obrigatória, capaz de inserir o indivíduo na nova sociedade.

Para Diego (1995, p. 14), o conhecimento técnico-científico alcançado no século XIX criou a necessidade de se chegar a uma normalização dos termos para garantir uma clareza de conceitos e comunicação. A Internacional Electrotechnical Commission, IEC, fundada em 1906, teve como fundamento de criação essa necessidade de colaboração internacional para garantir a unificação das denominações na área de eletrotécnica.

Ressalta também que, a insuficiência das língua em nomear as coisas, processos e fenômenos pertinentes ao conhecimento especializado surgiu dos especialistas e não dos lingüistas. Diego (1995, p. 16) afirma que, em 1926, foi criada a ISA (Internacional Federation of National Standardizing Associations) dedicada aos problemas de criação e unificação terminológica, e que após a II Guerra Mundial é convertida em ISO (International Standardizing Organization).

Destacada também por essa autora, está a colaboração de Schlomann, cujos dicionários técnicos publicados em 1905 e 1937 aparecem como trabalho pioneiro na área de terminologia pela existência de uma estrutura sistemática, do estabelecimento das relações entre os conceitos e das delimitações por subáreas.

O século XX teve a contribuição das escolas de terminologia que impulsionam as pesquisas na área e são responsáveis pelo desenvolvimento teórico e metodológico da Terminologia.

Dentre elas, destaca-se a Escola de Viena que teve como figura central o engenheiro alemão Eugen Wüster cuja tese de doutorado desenvolvida na Universidade Técnica de Berlim foi um marco na evolução da terminologia como ciência.

Diego (1995, p. 19) apresenta além da Escola de Viena a contribuição na Checoslováquia, partindo da Lingüística Funcional de Saussure, nomes de destaque tais como Benes, Mathesius, Vachek e Trubetzkoy.

A Escola de Praga, também chamada de Escola de Lingüística Funcional tinha como objetivo, segundo essa autora, a investigação da linguagem standard como um instrumento de comunicação de todas as áreas da vida social, principalmente a área da cultura, da civilização e tecnologia.

A Escola de Praga é considerada a mais lingüística de todas pois encontra através do estruturalismo um ponto de ligação com as teorias wüsterianas, incluindo em seus princípios a

relação entre a linguagem, pensamento e realidade, conforme descrito por Diego (1995, p. 20):

En efecto, dentro de todas las escuelas y tendencias terminológicas, la Escuela de Praga es la más “lingüística” de todas. Es también a través del estructuralismo que los investigadores checos encuentran su punto de enlace com las teorías wüsterianas, incluyendo en sus principios la relación entre lenguaje, pensamiento y realidad.²⁶

A Escola de Moscou teve influência de Wüster e foi fundada em 1933 por Lotte e Caplygin. A contribuição de Lotte pode ser vista na obra Fundamentos da Estrutura da Terminologia Científica e Técnica, publicada em 1961. Outra colaboração de Lotte, juntamente com Caplygin e Terpigorev no Comitê de Terminologia Científica e Técnica da Academia das Ciências da URSS, de acordo com a autora, foi a obra intitulada Guia para a Preparação e Regulamentação de Terminologias Científicas e Técnicas, publicada em 1952 estabelecendo os princípios metodológicos estandardizados para a preparação de terminologias normalizadas.

Além das Escolas mais importantes acima mencionadas, Diego salienta a colaboração de outros países na consolidação da disciplina como ciência, entre eles, está o Canadá. O terminólogo canadense Rondeau é apontado pela autora com a obra Introdução à Terminologia, de 1981, por seu alto rigor científico.

Há de se destacar os esforços de Quebec cuja Carta da Língua Francesa sancionada em 1977 demonstra o importante papel da terminologia na francofonização da região, políticas de atividades terminológicas de cunho institucional e intervencionista, segundo Diego (1995, p. 22):

[...] la terminología, como instrumento esencial de la política de francofonización de la región, cobra una importancia singular y de rápida aceleración. La Carta de la Lengua Francesa sancionada en 1977 por la Asamblea Nacional de Québec, establece las pautas legislativas que articulan las actividades terminológicas, siendo éstas institucionales e intervencionistas.²⁷

²⁶ Com efeito, entre todas as escolas e tendências terminológicas, a Escola de Praga é a mais “lingüística” de todas. É também através do estruturalismo que os pesquisadores tchecos encontram um ponto de ligação com as teorias wüsterianas, incluindo em seus princípios a relação entre linguagem, pensamento e realidade. (tradução nossa)

²⁷ [...] a terminologia, como instrumento essencial da política de francofonização da região, adquire importância singular e de rápida aceleração. A Carta da Língua Francesa sancionada em 1977 pela Assembléia Nacional de Quebec, estabelece as pautas legislativas que articulam as atividades terminológicas, sendo essas institucionais e intervencionais. (tradução nossa)

A neologia é um dos estudos, apontado por Diego, de maior rigor científico que se destaca com a figura de Jean Claude Boulanger.

São duas as instituições que desempenham trabalho terminológico promissor: a GISTERM (Grupo Interdisciplinar de Investigação Científica e Aplicada em Terminologia) e TERMIA (Associação Internacional de Terminologia); além de estudos realizados nas universidades de Ottawa e Montreal, como relatado por Diego (1995, p. 23).

Em relação aos países nórdicos, Diego (1995, p. 24) menciona a NORDTERM (Rede de Cooperação Terminológica para os Países Nórdicos) formada pela Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia e Islândia:

Las actividades de los Países Nórdicos se caracterizan por su fuerte enlace com los lenguajes para fines específicos (LSP) o tecnoletos (sobre todo en la Escuela Superior de Estudios Mercantiles de Copenhague) y com las ciencias de la información (documentación, clasificación).²⁸

Na Alemanha, aponta a influência da Escola de Viena, na qual “Predomina, así mismo, la orientación filosófica de la ciencia terminológica; numerosos son los estudios en el área de la teoría de conceptos, teoría de la clasificación, etc., efectuados mayormente por investigadores individuales”²⁹ (DIEGO, 1995, p. 24).

Sobre o trabalho prático essa autora acrescenta ainda que ocorre tanto nas instituições públicas quanto nas privadas: o Serviço Lingüístico da RFA, a Universidade de Sarre, a Companhia Siemens, Ruhrgas etc. Destaca-se, no nível acadêmico, a Associação de Terminologia e Transferência de Conhecimento, com sede na Universidade de Tréveris, que, em conjunto com a INFOTERM organizou em 1987 o Congresso Internacional de Terminologia e Engenharia do Conhecimento, dando impulso à terminologia como engenharia do conhecimento.

Acrescenta que, o Instituto de Lingüística Aplicada da Universidade de Dresda e o trabalho do Prof. Hoffman na Universidade de Leipzig são destaques na antiga RDA.

Na Grã-Bretanha, Diego (1995, p. 24) cita a contribuição de Juan C. Sager na Universidade de Manchester.

²⁸ As atividades nos países nórdicos se caracterizam pela sua forte ligação com as linguagens para fins específicos (LSP) ou tecnoletos (sobretudo na Escola Superior de Estudos Mercantis de Copenhague) e com as ciências da informação (documentação, classificação). (tradução nossa)

²⁹ Com o predomínio da orientação filosófica da ciência terminológica, numerosos são os estudos na área da teoria dos conceitos, da teoria da classificação etc, efetuados na sua maioria por investigadores individuais. (tradução nossa)

São destacados também os nomes de pesquisadores franceses, tais como Guilbert e Peytard que tratam de problemas terminológicos com enfoque lingüístico e Alain Rey, cuja concepção de terminologia inspira-se na Filosofia das ciências e na Lexicologia.

Com relação aos países hispânicos, Diego (1995, p. 25) destaca que, somente a partir dos anos 1980 esses países atentaram para a investigação teórica e metodológica para a produção de terminologias e estratégias de cooperação e planificação terminológicas.

Dentre os esforços realizados nos estudos terminológicos, Diego (1995, p. 26) menciona as contribuições individuais de Zierer na Universidade de Trujillo, Peru, do lingüista venezuelano Obregón Muñoz de Maracay, e da CLADES (Seção de Terminologia da Comissão Latino-americana para o Desenvolvimento Econômico e Social) e, a criação, em 1977, da HISPANOTERM pelo Conselho Superior de Investigações Científicas de Fomento à Terminologia e aos países falantes do espanhol.

Outros acontecimentos que marcaram a pesquisa terminológica de língua hispânica são arrolados por Diego (1995, p. 27):

Em 1979, a criação do BTUSB (Banco de Terminologia da Universidade Simón Bolívar) em Caracas, Venezuela e, em 1982 o GIT (Grupo de Investigación Terminológico) da mesma universidade.

Em 1988, no 1º Simpósio Latino-americano de Terminologia criado pela GIT da USB em Caracas, cria-se a RITerm (Rede Iberoamericana de Terminologia) com vistas ao intercâmbio de informação, à cooperação em projetos de terminologia e técnicas de conhecimento, banco de dados terminológicos, lingüística computacional, planificação terminológica, entre outros.

Dentre as várias organizações internacionais que uniram esforços por uma melhoria na comunicação técnica e científica depois da II Guerra Mundial, tem-se: a UNESCO, em 1949, a Federação Internacional de Tradutores (FIT), em 1953, e o Conselho da Europa, entre 1967 e 1970, conforme mencionado por Diego (1995, p. 28).

Além disso, destaca que, em 1971, a UNESCO firma contrato com a ÖNorm (Instituto de Normalização Austríaca para a criação do Centro Internacional de Informação Terminológica (INFOTERM) segundo os parâmetros de Wüster.

Em 1976, a INFOTERM cria a TermNet (Rede de Cooperação Terminológica) e esta, em 1977, com a aprovação da UNESCO lança três programas, concretizando as previsões de Wüster, os quais são explicados por Diego (1995, p. 30) e que se referem ao desenvolvimento da terminologia quanto à cientificidade e à colaboração para a elaboração de terminologias e banco de dados.

Sob outra perspectiva Barros apresenta de modo conciso o desenvolvimento da pesquisa terminológica seguindo parâmetro da evolução histórica e as principais características de cada época. Baseado nos dados apresentados por Barros (2004, p. 35-36) elaborou-se um quadro da evolução histórica da Terminologia:

Origens	Estruturação	eclosão	expansão	Reflexão
1930-1960	1960-1975	1975-1985	1985 + anos 1990	1990 até hoje
Alemanha Wüster URSS Lotte Caráter sistemático	Microinformática Dimensão internacional e abordagem normativa de línguas e terminologias	Planejamento lingüístico Processos de normalização e harmonização terminológicas. Modificação de línguas pela modernização vocabular e transmissão de conhecimento científico.	Expansão territorial e científica da Terminologia. Europa, URSS, Canadá, América Latina.	Revisão dos pressupostos teóricos da Terminologia. Socioterminolo- gia e a Teoria Comunicativa da Terminologia.

Quadro 1: Evolução histórica da Terminologia.

Em relação ao Brasil, Barros (2004, p. 36) destaca que a Terminologia surgiu nos anos 1980 no âmbito das universidades, notadamente a USP, a UnB (Universidade Federal de Brasília) e a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Tal desenvolvimento é atestado pela autora (Barros, 2004, p. 37) por meio da difusão de cursos não só de pós-graduação em Terminologia, mas também de cursos de bacharelado de Tradutor e Intérprete. Esse crescimento se deu a partir da criação em 1986, na Anpoll

(Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística) do Grupo de Trabalho em Lexicologia e Lexicografia.

Conforme Barros (2004, p. 37), em 1990, o Ibiict (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), sob organização da Riterm, foi sede do II Simpósio Ibero-americano em Terminologia e do I Encontro Brasileiro de Terminologia Científica.

Uma grande contribuição que se destaca foi a colaboração do Ibiict com a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) com vistas à criação da Comissão de Estudo Especial Temporária de Terminologia (CEETT), iniciada em 1992, formada por especialistas das áreas de Terminologia, Tradução e Documentação. Vale ressaltar que a CEETT já traduziu algumas normas da ISO (Organização Internacional de Normalização).

De acordo com Barros (2004, p. 38), no II Simpósio, surgiu a idéia de se criar um banco de dados terminológico brasileiro. O BrasilTerm, elaborado por Faulstich, objetiva difundir e estimular o uso da terminologia científica e técnica no Brasil e subsidiar um Banco de Dados Terminológicos do Mercosul.

3.2 Terminologia e Terminografia

Ao tratar da definição de Terminologia, Diego (1995, p. 11) aponta seu caráter polissêmico identificando três conceitos destacados anteriormente por Felber (1984), a saber, o de ciência terminológica, o de conjunto de termos e, por fim, o de resultado final da pesquisa terminológica, a obra terminográfica:

Terminologia1: Ciencia Terminológica

Area del conocimiento inter-y transdisciplinario que trata de los conceptos y sus representaciones (términos, símbolos, etc.)

Terminologia2:

Conjunto de términos que representa el sistema de conceptos de un campo especializado individual.

Terminologia3: Publicación en la cual el sistema de conceptos de un campo especializado está representado por términos.³⁰

Essas três noções são destacadas também por Cabré (1999, p. 18):

Es de sobras conocida la polisemia del término terminologia, que nos remite por lo menos a tres nociones: a) a la disciplina, b) a la práctica, y c) al producto generado por esa práctica. Como disciplina es la materia que se ocupa de los términos especializados; como práctica es el conjunto de principios encaminados a la recopilación de términos; y, como producto, es el conjunto de términos de una determinada especialidad.³¹

Quanto à ciência Terminologia, esta se apresenta de forma distintiva da Lexicologia pela especificidade epistemológica de seu campo de atuação, definido principalmente pelo objeto de estudo de cada ciência.

Por tratar do universo léxico, a Lexicologia estuda a lexia e conseqüentemente se coloca com maior abrangência em relação ao objeto de estudo da Terminologia, o universo do

³⁰ Terminologia1: Ciência Terminológica

Area do conhecimento inter e transdisciplinar que trata dos conceitos e suas representações (termos, símbolos etc.). Terminologia2: Conjunto de termos que representa o sistema de conceitos de um campo especializado individual. Terminologia3: Publicação na qual o sistema de conceitos de um campo especializado está representado por termos. (traução nossa)

³¹ É largamente conhecida a polissemia do termo terminologia, que nos remete ao menos a três noções: a) à disciplina, b) à prática, e c) ao produto gerado por essa prática. Como disciplina é a matéria que se ocupa dos termos especializados; como prática é o conjunto de princípios voltados a recopilação de termos; e, como produto, é o conjunto de termos de uma determinada especialidade. (tradução nossa)

discurso especializado cuja relação com o universo léxico é de inclusão. Desse modo, pode-se dizer que a Terminologia é uma especificidade, um ramo da Lexicologia.

Reforçando a especificidade de objeto, Andrade (2001, p. 192) aponta a diferença entre Lexicologia e Terminologia no âmbito dessa intersecção de objetos de pesquisa:

Quanto ao objeto, portanto, observa-se que, enquanto a lexicologia trata da palavra e do seu conteúdo conceptual, na língua comum, geral, a terminologia se ocupa do termo, ou seja, da palavra especializada, dos conceitos inerentes às diversas matérias especializadas.

Assim, tendo uma ciência um conjunto de vocábulos cuja unidade padrão é o termo, ao se estudar a terminologia de tal ciência, tecnologia, de um grupo de especialistas, ou seja, um universo do discurso especializado, estuda-se a terminologia dessa ciência.

Esse conjunto vocabulário é passível de tratamento lexicográfico de acordo com o recorte observacional e o tratamento que tais unidades lexicais são submetidas. A Terminologia de uma ciência ou o conjunto de termos que representa seu universo de discurso especializado pode ser passível de tratamento terminográfico, ou seja, objeto da prática terminológica: seleção, compilação, organização e armazenagem que resulta em uma obra terminográfica, ou a aceção três de Felber (produto final do conjunto de termos de uma área).

Transpondo-se o paralelo entre Lexicologia e Lexicografia, esta considerada a técnica do fazer lexicográfico enquanto aquela o estudo científico do léxico, cabe semelhante distinção entre Terminografia e Terminologia.

Enquanto a primeira se ocupa da aplicação ao elaborar modelos para a produção de obras terminográficas em sua estrutura, a segunda estuda os processos de criação e renovação do discurso especializado, as relações de significação entre expressão e conteúdo, entre outros aspectos, ou seja, é o estudo científico do termo.

Tem-se, por fim, como objetivo da presente pesquisa a compilação do vocabulário técnico-científico da Arqueologia de Campo e, por meio da aplicação dos modelos e procedimentos da ciência terminológica, a produção de uma obra terminográfica.

3.3 Dicionário, vocabulário, glossário

Ao tratar das diferenças entre os diversos tipos de obras lexicográficas, percebem-se dificuldades em sua classificação dessas, principalmente quanto à variação diatópica e diacrônica.

Entende-se por variação diatópica a utilização de diferentes conceitos atrelada a diferentes denominações de acordo com o país ou o lugar em que se considere a classificação da obra. Um exemplo é o que se entende por glossário em Portugal, diferentemente do Brasil. Essa problemática não é gerada somente por problemas de tradução ou diferenças entre a língua de chegada e a de partida, é dada, majoritariamente, pela miscelânea que caracteriza as denominações das obras lexicográficas.

Por variação diacrônica entende-se o percurso que os termos dicionário, léxicon, vocabulário, thesaurus e glossário percorreram ora associados a um tipo de obra, ora considerados como sinônimos.

Em se tratando da tipologia dos dicionários, Haensch (1982, p. 97) classifica-os do ponto de vista da Linguística Teórica, adotando, para tanto, diferentes categorias de análise: a história lexicográfica; as obras existentes e critérios teórico-lingüísticos.

Haensch afirma que o aparecimento de glossário veio da necessidade em se explicar palavras de difícil compreensão cujas primeiras ocorrências estão situadas na Idade Média devido à falta de entendimento causada pelo hiato entre o latim e a língua vulgar. Essas explicações eram chamadas de *glosas*. São destacados dois exemplos de textos primitivos conservados na Espanha: as *Glosas Silenses* e as *Glosas Emilianensis*. Quando devidamente organizadas de forma sistemática ou em ordem alfabética, aparecendo no final do texto, são intituladas de *Glossário*. (Haensch, 1982, apud Barbosa, 2001, p. 24)

Barbosa (2001, p. 25) salienta as divergências quanto ao emprego de vocabulário e glossário, este utilizado para tratar de um conjunto de unidades lexicais presentes no nível do falar concreto, repertório de palavras de difícil entendimento em um texto, citando como exemplo os destacados por Haensch (1982). O próprio autor atesta a confusão em se intitular a obra vocabulário ou glossário devido a usos discrepantes como exemplifica com o *Cantar de Mio Cid* publicado por Menéndez Pidal, cujo repertório de verbos aparece sob o título de vocabulário, criando assim, uma dos primeiros casos de divergência quanto à acepção de glossário — vocabulário.

A autora (2001, p. 26) também menciona que, apesar das pesquisas avançadas na área de Terminologia e da existência de organismos e obras de normalização terminológica, a própria ciência Terminologia ainda não normalizou os termos internacionalmente.

Barbosa (2001, p. 26-32) destaca essa falta de concisão existente até mesmo na norma ISO 1087 que cria confusão ao definir glossário e vocabulário, juntamente com as definições de Boutin-Quesnel, Boulanger e Faulstich.

Após arrolar vários exemplos de definições de vocabulário, glossário e dicionário, Barbosa salienta a não existência de relação biunívoca entre conceitos e termos, confirmando que obras de mesma natureza e função são classificadas diversamente e o uso de conceitos diferentes para uma mesma denominação (2001, p. 32-33):

Esses elementos parecem confirmar que, não raras vezes, obras da mesma natureza e função são classificadas de maneira diversa, segundo critérios adotados por este ou aquele autor, fato que conduz à existência de numerosas denominações para o mesmo núcleo conceptual “obra lexicográfica/terminográfica” (Cf. *glossário, vocabulário, dicionário técnico, dicionário terminológico* etc.). Parece confirmar, ainda, de outro ponto de vista, a existência de conceitos muito diferentes para uma mesma denominação (Cf. *vocabulário*, no sentido de “repertório de termos” e no sentido de “dicionário de uma área”).

Baseando-se na proposta de Barbosa (2001, p. 35), utiliza-se como critério para a delimitação dos três tipos de obra lexicográfica (dicionário, vocabulário e glossário) a correlação entre essas diversas obras e os diferentes níveis de abstração e atualização lingüística (sistema, norma e falar concreto) proposto por Coseriu e aos conjuntos de unidades lexicais que lhes correspondem (as unidades-padrão) propostas por Muller:

Dicionários de língua	Processam	Unidades lexicais da língua geral
Vocabulários Dicionários Terminológicos Dicionários Técnicos Glossários	Processam	Vocábulo representativo de uma norma lingüística
Glossários e Vocabulários	Processam	Vocabulário de um texto-ocorrência

Quadro 2: Tipos de unidades-padrão processadas em diferentes obras lexicográficas.

A concepção de dicionário, vocabulário e glossário adotada para esta pesquisa tem como fundamento os três aspectos apresentados por Barbosa (2001, p. 36) que influenciam na diferenciação entre essas obras lexicográficas, a saber:

- a) variações diatópicas, diastráticas, diafásicas, diacrônicas;
- b) níveis de atualização da língua (sistema, norma e falar);
- c) restrições que os universos do discurso exercem na delimitação das unidades lexicais.

Para explicitar melhor essa correlação tipo de obra lexicográfica — nível de atualização — unidade-padrão, Barbosa (2001, p. 35) ressalta que:

Assim, por exemplo, ao nível do **sistema** corresponde a unidade padrão lexical chamada lexema (Muller, 1968); o **dicionário de língua** tende a reunir o universo dos lexemas, apresentando, para cada um deles, os vocábulos que representam suas diferentes acepções. Os **vocabulários técnico-científicos e especializados** buscam situar-se ao nível de **uma norma** lingüística e sociocultural, têm como unidade-padrão o **vocábulo** (Muller), constituindo-se como conjuntos vocabulares, representativos de universos de discurso.

Assim, fica estabelecida a relação entre esses três elementos na classificação de dicionário e vocabulário. No entanto, motivo de maiores divergências nos exemplos acima mencionados, o glossário é visto sob a seguinte perspectiva (BARBOSA, 2001, p. 35):

Desse ângulo, um **glossário *stricto sensu*** seria a obra lexicográfica que apresentasse unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade sêmica, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrência com a mesma forma de expressão. Se preferirmos, a cada palavra-ocorrência corresponderia uma entrada.

São consideradas todas as variações lingüísticas possíveis num dicionário por reunir este o universo dos lexemas, variações essas diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas (Barbosa, 2001, p. 36). Aos vocabulários cabe, preferencialmente, a perspectiva sincrônica e, salvo exceções, não se utilizam a diastrática nem a diatópica. Barbosa ressalta a perspectiva sinfásica como típica dos tecnoletos por representarem um universo de discurso, enquanto que o glossário, representativo de uma situação lexical de um único texto manifestado assume a perspectiva sincrônica, sintópica, sinstrática e sinfásica.

A estrutura semântico-sintática dessas unidades lexicais sofre uma restrição à medida que se percorre do universo lexical para o texto ocorrência e se restringe, assim, seu sentido.

Segundo Barbosa (2001, p. 36-37) o lexema apresenta maior número de semas lexicais e gramaticais em seu semema e essa polissemia permite sua atualização em maior número de contextos. Quanto ao vocábulo, este sofre maior restrição semântico-sintática relativa às coerções de um universo de discurso, e a palavra-ocorrência, por representar uma significação específica de um texto possui mais restrições semântico-sintáticas que as unidades lexicais em questão.

Assim tem-se:

SISTEMA	NORMA	FALAR
Lexema	Vocábulo	palavra-ocorrência
Polissemêmico	Monossemêmico	monossemêmico

Quadro 3: Restrições semântico-sintáticas nos níveis de atualização do discurso.

Dentro de um mesmo verbete de um dicionário de língua geral pode-se encontrar um lexema, abonado com uma palavra-ocorrência e um vocábulo de uma área de especialidade.

Toma-se como exemplo o lexema *dado(s)*, cujas acepções no dicionário referem-se a diferentes formas sintáticas e semânticas assim expostas:

Peça cúbica	<i>s.m.</i>	jogou o dado
Presenteado	<i>adj.</i>	cavalo dado
Fornecido	<i>adj.</i>	recursos dados
Habitado	<i>adj.</i>	dado às letras
Certo	<i>pron. indef.</i>	dado momento
Informação	<i>s.m.</i>	dados da pesquisa
Datado	<i>adj.</i>	o alvará foi dado

Ao se fazer uso do termo *dados arqueológicos*, ocorre uma restrição na estrutura semântico-sintática da unidade lexical, com a combinatória sintagmática, referente a apenas uma norma, a do discurso arqueológico.

No nível do sistema *dado* pode ter vários significados, mas, restrito em nível da norma, no universo do discurso arqueológico, descartam-se outros significados acima referidos, tendendo à uma monosemia, diferentemente do nível de sistema, polissemêmico.

Objetiva-se, com a presente pesquisa, elaborar uma obra terminográfica em nível de norma, tratando dos discursos manifestados por um grupo de pesquisadores, no caso, arqueólogos, com vistas a descrever, delimitar e compilar o conjunto vocábulos utilizados nesses discursos cujo resultado será a produção de um vocabulário de termos técnicos.

A pesquisa assume, assim, uma perspectiva sinfásica, sintópica, sinstrática e sincrônica com ressalvas a algumas sinonímias/ homosemia parcial/total encontradas pela substituição de um termo por outro mais abrangente ou adequado a esta ou aquela nova teoria adotada.

Portanto, entende-se aqui por Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo o produto final da pesquisa terminológica, com vistas a processar vocábulos representativos da norma lingüística atualizada por um grupo de pesquisadores de Arqueologia, mais especificamente, Arqueologia Brasileira.

3.4 Dicionários de língua: especificidades

As diferenças entre as obras lexicográficas e as terminográficas perpassam o objeto de estudo. O tratamento a que são submetidas as unidades lexicais/terminológicas também as diferencia, bem como a organização do conjunto material léxico.

Em princípio, a própria introdução perfaz o percurso a que se destina a obra. Esta, segundo Haensch (1982, p. 458), oferece informações importantes ao usuário e explicação quanto a possíveis abreviações que foram adotadas pelo lexicógrafo. Em seu prefácio são abordados a finalidade da obra lexicográfica, o público-alvo a que se destina, os autores e informações que este achar necessárias à compreensão e uso da obra.

Haensch (1982, p. 457) divide a obra lexicográfica em parte introdutória, corpo do dicionário e anexos. A primeira parte, acima destacada, faz ressalvas quanto ao uso, já a segunda, trata de fato do material léxico e, por fim, os anexos, que podem tomar forma de glossários bilíngües.

O conjunto de material léxico segue um modelo dicotômico de estrutura: a macroestrutura e a microestrutura.

A macroestrutura trata da organização dos verbetes do dicionário, propiciando uma leitura vertical desse conjunto léxico, que pode ser em ordem alfabética; por família de palavras, caso que ocorre em dicionários etimológicos; por ordem inversa, tratando-se de dicionário de rimas; ou por organização sistemática, segundo um sistema conceptual.

A macroestrutura refere-se ao conceito da organização geral da obra, ao conjunto de entradas ordenadas, sujeitos a uma leitura vertical parcial em relação à apreensão do objeto da mensagem. Essa ordenação envolve vários aspectos, a saber:

- 1) critérios para entrada: seqüência de entradas ordenadas de acordo com critérios preestabelecidos, formando o corpo da obra, acima destacados;
- 2) entrada com letras maiúsculas ou minúsculas;
- 3) ordem natural (alfabética);
- 4) termos lematizados;
- 5) acrônimos e abreviações;
- 6) verbos no infinitivo;
- 7) sistema de remissiva.

Haensch (1982, p. 462) descreve as partes de um dicionário destacando a nomenclatura do dicionário que é o conjunto de entrada, ou artigos; o lema ou palavra-chave que é a cabeça do artigo e, a parte definitória, o corpo do artigo.

Segundo Haensch (1982, p. 470), a parte definitória do artigo compreende: avaliações e características da unidade léxica; a definição ou tradução, no caso de dicionários plurilíngües; exemplos de uso ou abonações.

A microestrutura é a leitura horizontal do verbete ou artigo do dicionário. Ela também está diretamente relacionada à finalidade, ao público-alvo e ao tipo de obra lexicográfica/terminográfica.

Segundo Barbosa (1989, p. 570), a microestrutura básica, assinalada por Debove, constitui-se por um conjunto de informações ordenadas que sucedem a entrada, com estrutura constante. O enunciado lexicográfico é a seqüência constituída por definição e informações iniciais. O artigo, ou verbete, é formado pelo conjunto - entrada + enunciado lexicográfico. Um artigo mínimo possui a seguinte estrutura:

$$\text{Artigo} = \{ \text{entrada} + \underline{\text{enunciado lexicográfico (+ definição)}} \}$$

Microestrutura mínima

Há uma relação de dependência entre o tipo de obra lexicográfica e a natureza do enunciado lexicográfico, sendo a microestrutura mínima variável. Baseada numa outra estrutura possível proposta por Vilela, e, mais abrangente, Barbosa (1989, p. 571) destaca três macro-paradigmas constituintes do enunciado lexicográfico: paradigma informacional, paradigma definicional e paradigma pragmático que subdividem-se em micro-paradigmas variáveis qualitativa e quantitativamente de acordo com a natureza da obra lexicográfica:

$$\text{Artigo} = \{ \text{Entrada} + \text{Enunciado Lexicográfico (PI1 + PD1 + PP1) } \}$$
$$\text{Paradigma I} = \{ \text{PI1, PI2, ..., PiN} \}$$
$$\text{Paradigma D} = \{ \text{PD1, PD2, ..., PDN} \}$$
$$\text{Paradigma P} = \{ \text{PP1, PP2, ..., PPN} \}$$

ou seja,

$$\text{Paradigma I} = \{ \text{abreviatura, categoria, gênero, número, conjugação, pronúncia, homônimos, campos léxico-semânticos etc.} \}$$
$$\text{Paradigma D} = \{ \text{sema1, sema2, ..., semaN} \}$$
$$\text{Paradigma P} = \{ \text{classe contextual1, classe contextual2, ..., classe contextual N} \}$$

O paradigma informacional possui informações, tais como: abreviatura, categoria, gênero, número, conjunção, pronúncia, homônimos, campos léxico-semânticos etc. O paradigma definicional é composto pelo semema, ou seja, pelo conjunto de traços semânticos distintivos que o constitui, os semas. E, último macro-paradigma do enunciado lexicográfico, o paradigma pragmático é constituído pelas classes contextuais, as quais podem ser abonações ou exemplos.

Segundo Barbosa (1989, p. 572) a correlação entre os tipos de obra lexicográfica, a unidade padrão e o nível de atualização do discurso geraria um tipo específico mínimo de microestrutura e macroestrutura básica, bem como um sistema de remissivas.

Além disso, o dicionário de língua geral pode conter lexemas de diferentes *topoi*, *chronoi*, *strata* e *phasiai* diferentemente do de especialidade.

Segue o quadro de relações entre os níveis de atualização do sistema, norma, falar e seus respectivos conjuntos de unidades lexicais, unidades padrão, estatutos semântico-sintáticos das unidades padrão, tipos de obra lexicográfica, microestruturas, macroestruturas e sistemas de remissiva possíveis apresentados por Barbosa (2001, p. 39).

QUADRO 4: Quadro das relações entre dicionário, glossário e vocabulário. (BARBOSA, 2001, p. 39)

Níveis de atualização	Conjunto de unidades lexicais	Unidade padrão	Estatuto semântico-sintático das unidades padrão	Tipo de obra lexicográfica	Microestrutura	Macroestrutura	Sistema de remissivas
Sistema	Universo Léxico	Lexema	Forma semêmico-sintática ampla (sobressemema polissemêmico)	Dicionários de Língua	Artigo = { + Entrada (lexema) + Enunciado lexicográfico Par. Inf. 1(pronúncia, abreviatura, categoria, gênero, número, etimologia, homônimos, campos léxico-semânticos etc) + Par. Def. (acepção 1, accp.2,..., acep.n) + Par. Prag., + Par. Inf.2, Par. Inf.n) + Remissivas da cadeia interpretante de língua} Lexema n = {V1, V2, ..., Vn (acepções) }	Lexema1= {V1, V2,...,V3 (acepções com núcleo sêmico comum)} Lexema2 = {V1, V2,...,V3 (acepções) }	Remissivas da cadeia interpretante de língua
Normas	Conjuntos Vocabulários ou conj. terminológicos	Vocábulo Termo	Forma semêmico-sintática restrita e caracterizadora de um universo de discurso (semema de UD)	Vocabulários fundamentais, Vocabulários técnicos-científicos Vocabulários especializados	Artigo = { + Entrada (vocábulo) + Enunciado lexicográfico Par. Inf. 1(pronúncia, abreviatura, categoria, gênero, número, etimologia, área, domínio, subdomínio etc) + Par. Def. (acepção específica da área científica/tecnológica ou de um falar especializado) + Par. Prag.(ex. de emprego específico da área), + Par. Inf.2 (freq.,normalização, banalização/ vulgarização/ popularização etc)...+ Par. Inf.n) + Remissivas (relativas ao Universo do Discurso em questão)}.	Vocábulo1=acepção restrita e caracterizadora de um UD Vocábulo2= acepção restrita e caracterizadora de um UD Vocábulo3= acepção restrita e caracterizadora de um UD	Remissivas relativas ao universo de Discurso
Falar	Conjuntos ocorrência	Palavra	Forma semêmico-sintática específica de um ato de fala, de um discurso manifestado (epissemema)	Glossário	Artigo = { + Entrada (palavra-ocorrência) + Enunciado lexicográfico Par. Inf. 1(pronúncia, abreviatura, categoria, gênero, número, etimologia etc) + Par. Def. (sentido da palavra naquele discurso concreto) + Par. Prag., + Par. Inf.n) + Remissivas (circunscritas ao texto em questão de um discurso manifestado)}	Palavra1= acepção específica de um discurso manifestado Palavra2= acepção específica de um discurso manifestado Palavra3= acepção específica	Remissivas circunscritas ao texto do discurso manifestado

Quanto à definição, Barbosa (1989, p. 576) aponta que a utilização da ficha-pesquisa fornece dados suficientes para a definição paramétrica baseando-se num *corpus* de controle e compatibilizando-se as diversas definições nele encontradas e, a partir delas, elabora-se uma síntese e o conceito final.

Ao aplicar essa perspectiva lexicográfica, observou-se dicionários de língua geral de diferentes momentos e de grande relevância para a língua portuguesa. Percebe-se, ao estudar estas obras, tais como: Raphael Bluteau, Domingos Vieira, Laudelino Freire, Morais Silva, Caldas Aulete, Michaelis, Aurélio e Houaiss, diferenças marcantes devido ao constante desenvolvimento do fazer lexicográfico.

Ressalta-se a seguir, dados obtidos no estudo de tais obras quanto à macroestrutura e microestrutura, baseando-se, para tanto, no modelo adotado por Barbosa, acima descrito.

Primeiramente, nota-se que a introdução desses dicionários varia de acordo com o objetivo de cada obra. Atentou-se, principalmente, para o destaque dedicado aos termos técnicos nas obras lexicográficas. Alguns dedicam maior importância aos termos científicos, novidade na época, outros à consolidação da língua com trabalhos de Filologia e os mais atuais enfatizam o trabalho lexicográfico.

Nota-se que, desde o dicionário Bluteau, há uma preocupação com os termos técnicos e com a busca por uma designação e definição corretas, mas que a preocupação em explicar como consultar o dicionário e, conseqüentemente, como este foi elaborado, vem de uma maior minúcia e esmero no trabalho de classificação e organização das informações, ou seja, com o desenvolvimento da Lexicografia como ciência.

No dicionário Raphael Bluteau (1720) encontra-se uma extensa introdução que aponta como objetivo principal de seu trabalho o combate à ignorância, com finalidade de apurar o discurso de seus leitores. O autor ressalta o uso de termos científicos na introdução, principalmente quando dedica seu trabalho ao leitor douto, pois o dicionário trata de termos de todas as ciências e áreas do conhecimento da época. Destacam-se, conforme apresentados pelo autor, a Astronomia, agricultura, metamorphosis, versos, comédias, sátiras, ciências humanas e divinas, das artes liberais e mecânicas, teoria dos planetas, Geometria, elementos de Euclides, cilindros e esféricos, navegação, Geografia, hidrografia e Botânica.

Na introdução do dicionário Domingos Vieira (1871), não há referência aos termos técnicos. No entanto, o autor faz um trabalho primoroso em relação à Filologia da Língua Portuguesa em dois tópicos: “*sobre a Língua Portuguesa*” e “*sobre a Literatura Portuguesa*”, destacando a evolução da ciência da linguagem e dedicando um parágrafo às novas formações sob o título de “*o Neologismo*”, no qual aponta o ciclo das palavras que se

perderam e das que se renovaram. Salienta a produção de novas combinações dos elementos próprios da língua, bem como a combinação com base nos radicais do grego e latim, principalmente quanto aos termos técnicos.

No prefácio do dicionário Laudelino Freire (1957), os editores destacam a importância do trabalho lexicográfico, enfatizando que tal dicionário não é uma mera compilação de vocábulos, com acepções dadas em outros dicionários. Ademais, a obra abrange termos técnicos e científicos ressaltando, em sua introdução, que o desenvolvimento das ciências ocasionou o aparecimento de inúmeras palavras, formadas geralmente por composição.

Salienta-se que, mesmo nos termos novos, os elementos constitutivos são antigos. Algumas expressões da Química, segundo o autor, consideradas indicionarizáveis, foram trabalhadas definindo-se seus radicais.

A grande inovação que Freire preconiza é a da utilização, na redação das acepções e dos verbetes, da ortografia resultante do acordo de 30 de abril de 1931, efetuada entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa.

O dicionário de Moraes e Silva (1949) é um dos dicionários que tem por objetivo suprir deficiências quanto ao registro de termos técnicos, do vocabulário científico, em especial o botânico e zoológico. Esse trabalho, segundo o autor, engloba todos os ramos da ciência, a Química, Botânica, Zoologia, Geologia e Mineralogia, possuindo uma nomenclatura atualizada de acordo com congressos internacionais.

Aponta, além da utilização de sinonímia nas definições, a aplicação da convenção científica ortográfica de 29 de dezembro de 1943.

Já Caldas Aulete (1958) expõe, na contracapa, o teor técnico do novo dicionário, que possui registro completo de termos e averbação sistemática dos étimos. Os termos da Zoologia e da Botânica receberam, pela primeira vez, notação científica.

Vale ressaltar que pela primeira vez são utilizadas ilustrações num dicionário brasileiro. Além disso, o autor salienta o caráter enciclopédico dessa obra, destacando os termos técnico-científico que fazem parte de diversas áreas do conhecimento, desde culinária a aeronáutica.

Em relação à introdução, o Michaelis (1998) apresenta-a de forma bem concisa, pois explica em apenas dez itens como utilizar o dicionário, ou seja, como se apresenta sua estrutura. Dá especial ênfase ao registro de novas palavras que surgiram com o desenvolvimento das ciências e da tecnologia.

O dicionário Aurélio (1999) apresenta uma introdução bem simplificada comparada com outros dicionários. No seu prefácio refere-se à necessidade que tiveram em aumentar o

número de colaboradores e consultores devido ao acelerado desenvolvimento das ciências e tecnologias e que, os verbetes das edições anteriores tinham sido revistos e ampliados. Expõe de forma sucinta como utilizar o dicionário .

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa tem uma introdução extensa na qual relata de forma detalhada o trabalho lexicográfico e a contribuição de especialistas para sua elaboração. Faz uma ressalva quanto às unidades léxicas de ordem científica, cuja terminologia pode conter dificuldades para os leigos, sendo necessário consultar mais que um verbete em tais casos. Explica minuciosamente a micro e macroestrutura do dicionário, estabelece os níveis de uso das palavras que averba em quatro níveis: 1. sentido absoluto *abs.*; linguagem formal *frm.*; linguagem informal *infrm.*; jargão da droga *drg.*; linguagem policial *cr.*; tabuísmo *tab.*; uso impróprio *impr.*; linguagem eufemística *euf.*; pejorativa *pej.*; ironia *iron.*; jocosa *joc.*; hiperbólica *hiperb.*

Acrescenta também, em relação aos termos técnicos, o registro aportuguesado dos gêneros científicos da Biologia, bem como a descrição geral dos termos da Química, Físioquímica e Farmácia, não constando nomenclatura da IUPAC (International Union of Pure and Applied Chemistry) e restringindo-se às nomenclaturas vulgares.

Em relação à macroestrutura, todos os dicionários estudados apresentam a ordenação pelo princípio de classificação alfabético.

Bluteau apresenta em sua introdução dados sobre a macroestrutura: as palavras estão organizadas em ordem alfabética, há uma lista de abreviaturas, que segue a introdução, de autores portugueses e latinos, dos quais foram extraídos excertos para as abonações.

Ainda tratando da macroestrutura, percebe-se que a remissiva é indicada por *Vid.*, além disso, outras formas de grafia são registradas como um novo verbete, mas definidas apenas em um deles, no caso, de acordo com a ordem alfabética.

A microestrutura, apresenta a área de conhecimento a que pertence a unidade lexical logo em seguida ao lema, às vezes, entre parênteses, às vezes, sem.

ARTIGO = { Paradigma informacional: área de conhecimento, etimologia (*derivase* do lat.) e no final do enunciado lexicográfico apresenta o equivalente em latim; Paradigma definicional: diferentes acepções são separadas por — , explicação, normalmente utilizando-se de expressões e verbos, tais como: que quer dizer..., é ..., serve como..., é este termo..., coisa concernente ao...; Paradigma pragmático: abonações de autores latinos ou portugueses devidamente citadas, com obra, autor e página. }

Vieira não fala sobre a estrutura na introdução. A remissiva também vem precedida de *Vid.* ao final do enunciado. Locuções são definidas dentro do verbete e são destacadas em negrito.

ARTIGO = { PI: categoria gramatical, etimologia em () origem, étimo, sentido; PD: área do conhecimento faz parte da definição “Em Patologia”, contendo sinônimas, descrições, metalinguagem, definições lógicas e nominais, expressões — diz-se do que..., também se dá o nome ..., que diz respeito a ...; PP: apareceu somente em um verbete em informação complementar seguindo o mesmo tipo de registro do Bluteau, e o mesmo exemplo.

O dicionário de Laudelino Freire não aponta dados sobre o uso do dicionário, nem pertinentes à sua elaboração. A remissiva segue — **o mesmo que X**, onde só X é definido.

ARTIGO = { PI: categoria gramatical, etimologia; PD: diferentes acepções dentro do enunciado lexicográfico são separadas por || e numeradas; os sintagmas nominais derivados do lema aparecem como uma subentrada, em caixa alta, sem negrito, e são ordenados alfabeticamente; diferentes formas de escrita são registradas logo depois da lexia a ser explicada; área do conhecimento em itálico antes da acepção – *Ant.*; definições sinônimas, lógicas, paráfrases e metalinguagem; PP: abonações entre aspas e com referência de autor, pouco freqüentes. }

Em relação à microestrutura, Morais apresenta uma ordenação numérica para os homônimos com étimo ou categoria gramatical diferente, locuções dentro do artigo, homógrafos e homófonos entre parênteses. A remissiva é dada pela expressão *o mesmo que X*, ou *sinônimo de X*.

Artigo = { PI: informação fonética, se necessária, categoria gram., (étimo); PD: diferentes acepções são demarcadas por || sem numeração, área de conhecimento em itálico, antes da definição da acepção, locuções dentro do verbete em itálico antecedido por Cf., metalinguagem, definições lógicas e nominais, descrição; PP: abonações entre < > e com dados completos, autor, obra, volume, página, edição, locuções possuem verbetes independentes, foram só apresentadas dentro do lema de mesmo do campo semântico.

Aulete apresenta como grande inovação a utilização de figuras e os termos de zoologia e botânica, que recebem notação científica. Aponta, ainda, a necessidade da exemplificação no trabalho lexicográfico. Acrescenta que as fontes de abonação são trechos de autores consagrados. A remissiva é indicada por **V.**, seguida da unidade lexical, em itálico.

ARTIGO = { PI: categoria gram., (área de conhecimento) antes da definição ou fazendo parte desta; PD: diferentes acepções separadas por ||, definições lógicas e nominais,

informações enciclopédicas []; PP: abonações devidamente registradas (autor, obra, página, edição, ano), nomes científicos entre (), diferentes denominações entre () e, em itálico, a região onde assim é chamada, nome em latim no final do enunciado lexicográfico.

Michaelis apresenta a explicação detalhada do uso da obra porém de forma concisa. Mostra a indicação de divisão silábica, e, nos casos de homografia e etimologia diferente é registrado como um novo verbete.

ar.ti.go = { PI: categ. Gram., etimologia (); PD: diferentes acepções numeradas, locuções em negrito dentro do verbete em ordem alfabética, *Arquit.* área de conhecimento em itálico antes da definição, paráfrases e sinónimas, metalinguagem, locuções dentro do enunciado em itálico, nome científico entre (); PP: não possui abonação ou exemplos, remissiva antecedida por **V.**, seguida da unidade lexical, em itálico.

Aurélio intitulado herdeiro do dicionário Moraes, aperfeiçoou suas definições, apresentando-as dos usos mais generalizados aos mais raros ou específicos. Registra o uso de fraseologia, primeiramente substantivo ou palavra substantivada ou se for o caso, na seguinte sequência: verbo, adjetivo, pronome, advérbio. Apresenta na introdução todos os detalhes de organização dentro do verbete: (ex. ■, Δ) palavra estrangeira, símbolo, elemento de composição, mudança de categ. gram., ♦ fim da área de definição/locuções; exemplos e abonações, todos com símbolos diferenciados.

artigo. = { PI: [etimologia], categ. gram.; PD: diferentes acepções numeradas em negrito, área de conhecimento em itálico, abreviada, *Arquit.*, sinónima, paráfrase, definição lógica, informação enciclopédica [], informação da origem ou local de uso (Bras.), nomes científicos entre (), PP: exemplo, abonação com autor, obra e página, remissiva introduzida por **V.** }

Houaiss apresenta detalhamento do trabalho lexicográfico. Prima pela datação do primeiro registro conhecido, logo após a categoria gramatical. Não há abonações, há exemplos de uso inspirados em abonações colhidas de livros, revistas etc. Ordem de acepção parte da mais antiga para a mais atual. Remissiva: usa uma *minidefinição* entre (), com a expressão *mesmo que* (m.q.), e a unidade léxica fica em negrito itálico (m.q. *quaró*), remissão excludente (exceto AGR.), remissão discreta, onde só é citada a unidade léxica a que remete, “conferir” cf. para as relações temáticas, e, remissiva imperativa: “ver”. Fraseologia aparece dentro do verbete, indicada por um sinal. Registro diacrônico inclui indicação de arcaísmos, vocabulário antigo, obsoleto.

Artigo = { Pl: *categ. gram.* (datação) ÁREA de conhecimento, PD: diferentes acepções numeradas, definição lógica, sinonímica, paráfrase, metalinguagem comum a todos os dicionários, locuções, PP: exemplo <itálico>, citações do Bluteau.

Evidencia-se uma constante mudança na organização do material lexicográfico nos dicionários e um maior rigor e detalhamento na apresentação desse. Há uma maior preocupação com o fazer-lexicográfico no dicionário Houaiss por ter este um objetivo diverso ou por direciona-se a um público diferenciado do Michaelis e do Aurélio. No entanto, apesar de terem esses dicionários uma introdução mais sucinta, ainda assim, percebe-se a preocupação com a ciência Lexicográfica, até mesmo anterior a eles como em Bluteau e Vieira.

Os dicionários aqui estudados sempre primaram por um rigor científico, não só em relação unidades léxicas do vocabulário geral mas também com termos técnicos, os quais o próprio Bluteau já destacava a necessidade de se consultar especialista para que as palavras sejam propriamente definidas. Informações enciclopédicas são encontradas não só no Bluteau e no Vieira, mas em quase todos os dicionários.

Notou-se que os termos técnicos podem aparecer em verbetes independentes ou dentro do enunciado lexicográfico, em Laudelino as locuções formadas pela unidade léxica aneurisma são registradas como “subverbetes”, no Morais formam verbetes independentes e no Aulete são registradas dentro do verbete. As formas vulgares de espécies da zoologia e da botânica aparecem dentro do verbete, onde são registradas as acepções de sentido geral primeiramente e, depois, os mais específicos.

Vale ressaltar que a tecnologia muda constantemente e torna tanto o trabalho do lexicógrafo quanto o dos pesquisadores e dos consulentes mais fácil.

Ressalta-se também a elaboração dessas obras, principalmente no que concerne ao tempo de elaboração. Dicionários com base de dados eletrônica são gerados com grande rapidez comparados aos trinta anos necessários para a elaboração do Bluteau.

BLUTEAU	VIEIRA	LAUDELINO	MORAIS
<p>ANTHROPOLOGIA, Derivase do Grego <i>Anthropos</i>, Homem, & <i>Logos</i>, Discurso. He o titulo de um livro composto por Raphael Volaterrano, em que descreve os homens illustres. He este livro a segunda das tres partes dos seus commentarios urbanos. Raphael Volaterrano no Livro 17 da sua <i>Anthropologia</i>. Barreiros na Cesura de Fabio Pictor pag.. 3.</p> <p>ANTROPOLOGIA, Anthropologia.</p>	<p>ANTHROPOLOGIA, s.f. (Do grego <i>anthrôpos</i>, homem e, <i>logos</i>, discurso.) Em Sciencias naturais, historia natural do homem, quer se considere como individuo na sua estrutura, na sua composição ou nos seus phenômenos physiológicos e intellectuaes, quer se estude como uma especie apresentando muitas raças, vivendo em sociedade e aperfeiçoando-se pela civilização.</p> <p>- Em Filosofia, <i>anthropologia</i> tem sido tomada no sentido de Psychologia, sciencia do homem como ser physico e moral, ou melhor, economia moral do homem.</p> <p>- Em Theologia, <i>anthropologia</i> é uma forma figurada, pela qual se attribuem a Deus acções e affeições humanas.</p>	<p>ANTROPOLOGIA, ou ANTHROPOLOGIA, s.f. Gr. <i>anthropos</i> + <i>logos</i> + <i>ia</i>. Ciência que estuda o homem como uma unidade do reino animal. 2. História natural do homem. 3. Atribuição a Deus de atos próprios do homem. 4. Discussão sôbre o homem.</p>	<p>Antropologia, s.f. (de <i>antropo-</i> + <i>-logia</i>). <i>Antrop.</i> Estudo do homem considerado zoológicamente, isto é, como animal: "A Antropologia é um ramo da História Natural que consiste no estudo físico e psíquico do Homem ... comparando-o com outros animais e comparando vários tipos humanos (actuais e fósseis entre si)" Mendes Correia, <i>Antropologia Aplicada</i>, I. <i>Filos.</i> Tratado da economia moral do Homem. <i>Teol.</i> Figura pela qual se atribui a Deus o que é próprio dos homens: "Deus fala, vê, arrependeu-se de criar o Homem, etc, quando fala como homem respondendo, que ignora o que como Deus não pode ignorar", etc.</p>
<p>AULETE</p>	<p>MICHAELIS</p>	<p>AURÉLIO</p>	<p>HOUAISS</p>
<p>ANTROPOLOGIA, s.f. história natural do homem estudado anatômica e fisiologicamente, e como fazendo parte da série animal. Estudo das raças e variedades humanas. Estudo do homem como ser moral. [A <i>Antropologia</i>, nos seus diversos ramos, compreende a <i>antropologia</i> propriamente dita que estuda as características das raças humanas, a <i>história</i>, a <i>lingüística</i>, e a <i>etnologia</i>.] (Teol.) Figura de estilo pela qual se</p>	<p><i>an.tro.po.lo.gia</i> sf (<i>antropo+logo¹+ia²</i>) Conjunto de estudos sobre o homem como ser animal, social e moral. A..<i>criminal</i> :o mesmo que <i>criminologia</i>; especificamente, as doutrinas de Lombroso, criminologista italiano. A..<i>cultural</i>: divisão da antropologia que trata do estudo da cultura em todos os seus aspectos e utiliza métodos, conceitos e dados da arqueologia, etnologia e etnografia, folclore e linguística e, às vezes, os das</p>	<p><i>antropologia</i>. [De antrop(o)- + -logia.] S. f. 1. O estudo ou reflexão acerca do ser humano, do que lhe é específico. 2. Designação comum a diferentes ciências ou disciplinas cujas finalidades são descrever o ser humano e analisá-lo com base nas características biológicas (v. antropologia biológica) e socioculturais (v. antropologia cultural) dos diversos grupos em que se distribui, dando ênfase às diferenças</p>	<p><i>Antropologia</i> s.f. (1712 cf. RB) ANTRPOL ciência do homem no sentido mais lato, que engloba origens, evolução, desenvolvimentos físico, material e cultural, fisiologia, psicologia, características raciais, costumes sociais, crenças etc. □ a. cultural a que trata do estudo da cultura do homem em todos os seus aspectos, servindo-se assim de dados e conceitos próprios de diversas outras ciências, como a arqueologia, a etnologia, a etnografia, a linguística, a sociologia, a economia etc. □ a. física a que estuda a origem e a evolução biológica da</p>

<p>atribuem a Deus ações humanas, as suas paixões, etc., por ex.: À mão direita de Deus; Deus arrepende-se de Ter criado o homem; a cólera de Deus. F. gr. <i>Anthropos</i> (homem) + <i>logos</i> (tratado) + ia.</p>	<p>ciências sociológicas e psicológicas. <i>A. filosófica</i>: estudo do homem como composto unitário de corpo e alma. <i>A. física</i>: ramo da antropologia que se ocupa primariamente com o estudo comparativo da evolução, variação e classificação da humanidade, especialmente mediante medições e observação. <i>A. social</i>: estudo da estrutura social de sociedades iletradas.</p>	<p>e variações entre esses grupos. Antropologia biológica. 1. Ciência que tem por objeto a variação biológica do ser humano, tanto em seu desenvolvimento evolutivo quanto em sua expressão histórica e contemporânea; antropologia física. Antropologia cultural. 1. Antropologia social (q. v.). Antropologia física. 1. Antropologia biológica (q. v.). Antropologia social. 1. Ramo da antropologia que trata das características socioculturais da humanidade (costumes, crenças, comportamento, organização social) e que se relaciona, portanto, com várias outras ciências, tais como etnologia, arqueologia, lingüística, sociologia, economia, história, geografia humana; antropologia cultural. [A designação antropologia cultural é m. us. nos E.U.A., enquanto na Grã-Bretanha o termo antropologia social designa ou a etnologia, ou a antropologia cultural. Nos demais países europeus -- p. ex., na França --, observa-se uma tendência para o uso dos três termos que representam os níveis de pesquisa que, gradualmente, se vêm estabelecendo nos E.U.A. dentro da antropologia cultural: etnografia, etnologia comparada, antropologia social. Os autores nacionais fazem uso de ambas as designações.]</p>	<p>humanidade e as diversidades raciais de seus subgrupos □ a. social a que se ocupa do estudo da estrutura social de sociedades iletradas □ a. urbana abordagem antropológica da organização social urbana □ ETIM antrop(o)- + -logia; Bluteau, s.v., refere-se a um livro com esse título, cujo autor, Raphael Volaterrano, "descreve os homens ilustres"; f.hist.1712 <i>antropologia</i>, 1712 <i>anthropologia</i></p>
--	--	---	---

QUADRO 5: Microestrutura e macroestrutura: o artigo do termo técnico *antropologia* em diferentes obras lexicográficas.

3.5 Dicionários da área de Arqueologia

Em relação às obras consideradas de especialidade faz-se mister atentar para a carência dessas obras em português. Dentre as aqui ressaltadas encontram-se as obras em inglês: *Encyclopedic Dictionary of Archaeology* de Barbara Ann Kipfer e o *Dictionary of Archaeology* de Warwick Bray e David Trump. Além disso, fazendo parte desse *corpus* parâmetro utilizou-se do *Diccionari d'arqueologia* da TERMCAT.

Com estudo dessas obras tem-se por objetivo adotar a estrutura mais apropriada, de acordo com os modelos acima referidos e em concordância com o público-alvo, abrangência e tipo de obra que resultará da atual pesquisa, com vistas a produção de uma obra terminográfica.

Ao se observar tais obras, notou-se a ordenação do material léxico em ordem alfabética presente em todas elas.

Em relação à primeira, nota-se que o prefácio uma explicação sobre Arqueologia e sobre o próprio dicionário de forma bem sucinta, os objetivos da obra tais como preparar o arqueólogo para pesquisar, editar e escrever seus dados e publicá-los.

The Encyclopedic Dictionary of Archaeology was written to prepare the author for work as an archaeologist who helps others research, write, and edit their data and who writes useful books and publications for other archaeologists.

Apresenta também as dificuldades em se confeccionar o dicionário e manter um nível de atualização constante devido ao grande desenvolvimento da área, e, a tentativa de não excluir nenhuma subárea da Arqueologia, bem como a dificuldade em discernir o que excluir e o que incluir, devido à grande abrangência da obra.

Sobre o tipo de informação que o dicionário contém, descreve a amplitude de sua extensão tratando da datação, escavação, ferramentas, artefatos e indivíduos que foram importantes na história da Arqueologia, cobrindo termos que pertencem a outras áreas do conhecimento como Antropologia, Ciência da Computação, Botânica, Economia, Geologia, Matemática, Patologia, Estatística, Física, Biologia, Química etc, incluindo tipologia dos artefatos, sítios e culturas.

Afirma fornecer definições claras de termos complexos e suas entradas contém sinônimos e referência cruzada dentro e fora do dicionário em mais de 7.000 verbetes.

Como exemplo da estruturação do artigo tem-se o termo *absolute dating* ou datação absoluta:

absolute dating: The determination of age with reference to a specific time scale, such as a fixed calendrical system or in years before present (BP), based on measurable physical and chemical qualities or historical associations such as coins and written records. The date on a coin is an absolute data, as are AD 1492 or 501 BC. (*syn* chronometric dating; absolute dates; absolute chronology; absolute age determination) (*ant* relative dating)

Assim, como pode ser observado acima, tentando manter a forma mais fiel possível do que ocorre no dicionário, percebe-se o lema destacado em negrito com caixa baixa nos verbetes relacionados à métodos, técnicas, ferramentas e caixa alta quando tratam de sítios e arqueólogos.

Os verbetes são distribuídos em duas colunas e trazem as remissivas indicadas por *syn* e *ant* que na maioria das vezes são reportados a verbetes independentes, no caso de *absolute dating*, os verbetes independentes são: *relative age determination (syn relative age)*; *relative chronology (syn stratigraphy)*; *relative dating (syn relative dates; relative dating techniques)*; e, *absolute age*.

Nas obras terminográficas acima referidas percebe-se uma preocupação menor com a explicação do trabalho terminográfico devido à tipologia da obra, contendo essa verbetes com menor variedade de informação em relação aos macro-paradigmas estabelecidos por Barbosa (1989). No seu enunciado lexicográfico, o dicionário de Ann Kipfer não traz o que se considera paradigma informacional, ou seja, categoria gramatical, representação fonética ou quaisquer informações lingüísticas e nem mesmo consta o paradigma pragmático, responsável pelas abonações e exemplos.

O segundo exemplo utilizado como parâmetro foi o *Dictionary of Archaeology*. Neste, o prefácio é bem mais reduzido e aponta as mesmas dificuldades que o anterior devido à amplitude da obra: o que incluir e ou não no corpo do dicionário. Aponta ter excluído *Classical, Medieval and Industrial Archaeology* por serem essas áreas tratadas em *Classics, History and Local History* e, além disso, a inclusão dessas subáreas acarretaria um aumento no volume da obra, inviável para um exemplar quase que “de bolso”, além ocasionar a diminuição do número de entradas e da extensão da definição.

Em relação ao público alvo seu alcance é menor que o anterior. Propõe-se a fornecer informações às pessoas que por meio da TV, imprensa, museus, aulas etc têm contato com

Arqueologia e deparam-se com termos difíceis e com autores que tratam dos temas partindo do pressuposto que o leitor já tenha todo o conhecimento capaz de decodificar a terminologia adotada. Além desse público, acrescenta os estudantes em fase de especialização na área.

O dicionário possui além de uma ampla definição, trazendo dados enciclopédicos, uma estrutura de remissivas com entradas independentes e é enriquecido com ilustrações.

Ao se observar um artigo, percebe-se a mesma divisão da macroestrutura em ordem alfabética e distribuição dos verbetes em duas colunas, com o lema também em negrito seguindo a mesma organização do dicionário de Kipfer, caixa alta para nomes próprios e caixa baixa para termos referentes à ferramentas, métodos, técnicas etc.

Quanto ao verbete tomado como exemplificação, nota-se que há uma preferência em tratar de datação absoluta dentro do verbete *dating*, entre outros tipos de datação:

dating or chronology The time factor is obviously of paramount importance in archaeology, and many methods of recording it are employed. Relative dating, in which the order of certain events is determined, must be distinguished from absolute dating, in which figures in solar years, though often with some necessary margin of error, can be applied to a particular event.

Unless tied to historical records, dating by archaeological methods can only be relative (⇒ STRATIGRAPHY, TYPOLOGY, CROSS-DATING and SEQUENCE DATING). Many techniques have been made possible by GEOCHRONOLOGY. Absolute dating, with some reservations, is provided by DENDROCHRONOLOGY, VARVE DATING, THERMOLUMINESCENCE, POTASSIUM-ARGON DATING, and, most important of all at present, RADIOCARBON dating. Some relative dating can be calibrated by these or by historical methods to give a close approximation to absolute dates – ARCHAEO-MAGNETISM, OBSIDIAN DATING and POLLEN ANALYSIS. Still others remain strictly relative – COLLAGEN CONTENT, FLUORINE TEST and RADIOMETRIC ASSAY. Many of these techniques are so recently developed that others may be expected to appear at any moment.

Além disso, percebe-se que há remissão de duas formas: ou indicada com uma seta e em caixa alta, ou diluída na explicação do texto também em caixa alta.

Na mesma página utilizada para apresentação do prefácio da segunda edição aparecem as abreviações usadas no dicionário com as explicações de seus significados, remetendo geralmente às remissivas e às ilustrações. Além disso, apresenta-se no final do dicionário um

índice regional dos sítios arqueológicos seguida por mapas que os representam com alguns desses sítios em destaque (negrito) pois referem-se a uma entrada individual no texto, ou seja, no corpo do dicionário.

Os casos de homossemia/ sinonímia são tratados como entrada independente não definida e com a indicação do verbete em que é definida, geralmente para aqueles termos cuja denominação caiu em desuso.

O terceiro dicionário estudado foi o Diccionari d'arqueologia da TERMCAT. Em seu prefácio são destacadas algumas características da área bem como as dificuldades apresentadas. Dentre essas destaca-se a dificuldade em selecionar os termos que serão incluídos e os que não serão, principalmente por se tratar de uma disciplina interdisciplinar cujos limites das zonas de interferência são “artificiais”, ou seja, difíceis de se estabelecer.

Atenta-se para as diferentes correntes e perspectivas da disciplina o que resulta na adoção de diferentes termos para o mesmo conceito, dependendo do autor, para materialização de teoria divergente.

A diversidade da área acarreta a existência concomitante de termos altamente especializados e outros pertencentes à língua geral.

Traçado o panorama geral da área em seu prefácio, o dicionário, em sua apresentação, aponta como objetivo uma tarefa bem mais profunda que os dicionários anteriores, a de contribuir para a “fixação de uma terminologia arqueológica em catalão a fim de facilitar a comunicação entre as pessoas que se dedicam a esta ciência” (TERMCAT, p. 11) bem como fortalecer a arqueologia em catalão.

Dos problemas encontrados na elaboração do dicionário são arrolados aqueles referentes à bibliografia, ao fato de que grande parte de termos encontrada no vocabulário de arqueologia é de idioma estrangeiro; e, a expressões que não são adequadas aos critérios gerais da língua. Além disso, menciona que alguns termos usados por especialistas não são normatizados, conceitos são expressados em diferentes formas de acordo com o autor/arqueólogo, e, por fim, termos que correspondem a conceitos ou significados ainda dispersos e confusos devido ao recente desenvolvimento da disciplina, principalmente no que concerne à teoria.

Por se tratar de um dicionário terminológico, elaborado por especialistas que estudam a Terminologia, o dicionário da TERMCAT descreve os procedimentos utilizados para sua elaboração: desde a confecção da árvore de domínio, a coleta e seleção de uma bibliografia exaustiva, em língua estrangeira, primeiramente, e em catalão para não só preencher possíveis lacunas mas também para elaborar as definições. A coleta bibliográfica teve como ponto de

partida a árvore de domínio e suas áreas temáticas partindo, em seguida, para a elaboração de fichas terminológicas, a partir dos termos escolhidos.

Descreve-se também o conteúdo da ficha terminológica: se o termo é normatizado, se é neologismo, se é obsoleto, a definição, observações, equivalentes em outras línguas e remissões a outros termos, além de todo o trabalho de revisão segundo os critérios preestabelecidos, feita por terminólogos e especialistas da área temática.

Sobre o conteúdo da obra, ressalta-se a dificuldade em se encontrar termos com conteúdo especificamente arqueológico devido à característica idiossincrática da disciplina. Em cada área temática descreve-se o que foi e o que não foi incluído e o porquê de ter tomado tal decisão.

Segue à apresentação uma breve história da linguagem arqueológica catalã, com seus principais representantes.

A introdução apresenta a quantidade de termos que compõem a macroestrutura do dicionário, num total de 2060 em ordenação alfabética, a lematização dos termos, exceto para aqueles de plural lexicalizado (*termes*) ou termos científicos de categoria taxinômica (*hominids*). Além disso, apresenta, no final, um índice alfabético bilíngüe em espanhol/catalão e inglês/catalão, bem como a descrição do tratamento dado aos homógrafos (diferenciados por um número elevado) e a microestrutura adotada: categoria gramatical, definição, equivalentes em espanhol e inglês, a área temática a que pertence tal termo, a sinonímia e as notas de caráter lingüístico

O *Diccionari d'arqueologia* apresenta, portanto, a macroestrutura também em ordem alfabética e disposição dos artigos em duas colunas como nos outros dois dicionários aqui estudados. Tomando-se como exemplo o artigo *datació*, pode-se observar a microestrutura adotada:

datació *f*

es *datación*

en *dating*

DATAÇÃO ABSOLUTA. Fixação de la data d'un esdeveniment històric o de l'origen d'una resta arqueològica en una escala cronològica relativa o absoluta.

Nota: S'anomena relativa o absoluta segons l'escala a què faci referència.

Ressalta-se a questão da normalização que acarretou a confecção dessa obra, tendo 300 termos sido sancionados pelo Conselho Supervisor do TERMCAT, que é o organismo de normalização formal da terminologia catalã.

Após ter analisado as três obras que compõem o *corpus* parâmetro acima referidas e estudadas, partiu-se para a escolha do melhor modelo para a obra terminográfica objetivada nesta pesquisa. A proposta inicial era abordar o trabalho de campo em Arqueologia na sua vertente pragmática: o trabalho de campo. A árvore de domínio estabelece Arqueologia de Campo como subárea de pesquisa. Considerando-se que a atividade de registro e classificação ocorre principalmente em laboratório, optou-se por não incluí-la neste trabalho de pesquisa.

Quanto à macroestrutura, já tratada em capítulo anterior, optou-se concomitantemente pela organização sistemática e pela ordenação alfabética. Primeiramente, quanto à organização sistemática, o conjunto de unidades terminológicas está disposto de acordo com quatro categorias de procedimento ou campos temáticos: levantamento geofísico, levantamento topográfico, escavação e datação.

Portanto, dispostos sistematicamente em quatro categorias, o conjunto de entradas é organizado, dentro de cada uma dessas categorias em ordem alfabética.

Em relação às dificuldades, apresentam-se aquelas também abordadas pelos autores das três obras terminográficas parâmetro: o que inserir no dicionário. Primeiramente, parecia tarefa fácil já que a delimitação da subárea de pesquisa era bem restrita. No entanto, pela própria abrangência desta ciência, a Arqueologia, faz-se necessário o conhecimento e a utilização de métodos, técnicas e instrumentos pertencentes não só a outras áreas do conhecimento, mas também do uso comum, classificáveis como unidade lexical de dicionário de língua geral, haja vista o uso de peneira, pá, pincel etc. Essas unidades lexicais serão consideradas termos técnicos, pois cumprem uma função tão somente executável dentro da prática arqueológica.

Porém, a necessidade de se definir tais unidades lexicais ocorre tão somente por corromper a função que esse objeto normalmente exerceria. A própria Arqueologia dribla a sua interpretação por analogia etnográfica, pois espera-se encontrar um pincel com a função de pintar, espalhar tinta sobre uma superfície e, aqui, ele é utilizado para remover a terra de forma cuidadosa, para evidenciar material arqueológico dentro de uma quadrícula da malha do sítio.

Outra dificuldade que se apresentou foi o cruzamento das informações obtidas em português com as obtidas em inglês. Encontrar os termos equivalentes não é tarefa fácil, não aqueles que denotam uma carga conceptual relacionada à uma corrente de pesquisa, mas

principalmente em relação àqueles de uso primário no sítio, pois não são descritos nos textos técnicos.

As definições de método e técnica também mostraram-se confusas, pois em um mesmo texto havia referência a técnica e a método, indicando uma dificuldade em conceituar o procedimento pelo autor, ou até mesmo conceituada diferentemente por autores diversos.

Muitos termos não foram incluídos na listagem final do vocabulário por não pertencerem à subárea da proposta, apesar de estarem relacionados à Arqueologia e a conceitos importantes da área.

Restringiu-se também a abrangência da árvore de domínio quanto ao registro e classificação, pois essa tarefa careceria da inclusão daqueles termos relacionados à tipologia dos artefatos, cerâmica, lítico etc, além de estar ao mesmo tempo relacionada ao trabalho de campo e ao de laboratório, e, tornaria bastante extensa a nomenclatura do vocabulário.

Apesar de ser em grande parte desempenhada por outros profissionais e em laboratório, a datação foi incluída, não só por perfazer todo o procedimento arqueológico, mas também por ser essencial na medida em que algumas etapas da pesquisa arqueológica requerem os resultados da datação para serem levadas a cabo.

Ao observar as diversas obras lexicográficas e terminográficas aqui elencadas e discutidas, optou-se pela inserção no âmbito do Vocabulário Terminológico, semelhantemente ao Diccionari d'arqueologia da Termcat, a inclusão de informação referente à ciência ou disciplina a que pertence o termo. Apesar do uso da apresentação sistemática descartar, num primeiro momento, a necessidade de tal informação, ressalte-se de grande importância, muitas vezes o termo elencado no campo temático da datação, por exemplo, vem da Física ou da Química, não necessariamente da mesma ciência.

Quanto à microestrutura, apesar de constar na ficha terminológica dados referentes à categorial gramatical, não será apresentado na microestrutura mas, seguindo o exemplo da Termcat, apresenta-se o equivalente em inglês, em itálico e, logo abaixo, em caixa alta, a ciência a qual pertence o termo.

Tem-se assim, a seguinte apresentação:

Datação por fissão nuclear *Fission-Track dating*

FÍSICA. Datação absoluta que verifica marcas sub-microscópicas, observadas por microscopia ótica, causadas pela fissão espontânea do urânio (U238) em rochas e minerais.

Nota: A escala de abrangência desse método vai de 10.000 a 5 bilhões de anos.

Segue na microestrutura, logo abaixo do enunciado terminográfico, informações enciclopédicas ou mais detalhadas de importância ao usuário sob a marca de *Nota*.

Outra informação importante quanto à macroestrutura é o uso da remissiva, indicado pelo uso de *Ver* antes do artigo. Nesses casos o termo já foi definido em outro verbete.

IV – METODOLOGIA DA PESQUISA TERMINOLÓGICA

4.1 Definição do tema e do público-alvo

O tema escolhido para a atual pesquisa, Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo, teve como motor propulsor a experiência realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, no qual a dissertadora atuava como bolsista do Serviço Educativo entre 1991 e 1993, e, a elaboração de um glossário para a disciplina do curso de pós-graduação *Lato Sensu* em tradução realizado no CITRAT/USP. Este último serviu como base para o projeto desta dissertação e possibilitou a utilização de assunto de interesse, no caso Arqueologia, paralelamente a aplicação de preceitos terminológicos da Lingüística Aplicada.

Após algumas entrevistas com arqueólogos e alunos e, levando-se em consideração dificuldades e curiosidades que se apresentavam durante as monitorias na exposição, chegou-se ao tema. Este representa curiosidade não só de visitantes e alunos, mas também da própria redatora desta pesquisa no decorrer do seu trabalho durante a graduação. Foi possível estudar paralelamente duas ciências de grande interesse, a Arqueologia e a Lingüística, esta por tratar de forma que se faça por entender e sistematizar aquela.

Além do traço diletante da pesquisa, impõe-se ressaltar a interdisciplinaridade e a contribuição acadêmica. A primeira pelo fato de se tratar, a Arqueologia, de uma ciência por natureza interdisciplinar e a Lingüística, ao permitir o estudo da linguagem, seja em nível de norma, sistema ou falar, torna-se, também, interdisciplinar. A segunda em resposta a alguns questionamentos feitos pelos docentes de outras unidades quanto à contribuição de disciplinas extracurriculares, em especial feita pela profa. Dra. Maria Lúcia Bressan Pinheiro.

Cabe ressaltar que, ao cursar a disciplina História da Arte e Arquitetura no Brasil nos séculos XIX e XX, foi abordada a questão de qual seria a contribuição do discente para a disciplina cursada (e, conseqüentemente, do curso para a formação do graduando). Apesar de não ter compreendido qual seria a possível contribuição, somente a epistemologia por si própria parecia bastar, coloca-se aqui uma dessas contribuições.

Delimitando-se, assim, o tema da pesquisa, fez-se necessário, com a ajuda da profa. Nádya Dalla Dea, restringir o tema Arqueologia para escavação e ampliá-lo para todo o procedimento que envolve a escavação, ou seja, a Arqueologia de Campo, uma subárea da Arqueologia. Deve-se salientar o enfoque dado à Arqueologia Brasileira com vistas àquela desenvolvida no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e, portanto, sob influência da Arqueologia Americana e Francesa.

Ao se definir o tema da pesquisa, questiona-se a diferença entre método e técnica. Adota-se, assim, o método como um meio, um programa de operações previamente estabelecido para se atingir a um fim e, a técnica, os procedimentos para levar a cabo a pesquisa.

Ao elaborar o projeto de pesquisa, definiu-se como público-alvo aquele que diretamente desenvolve trabalhos junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, ou seja, arqueólogos, pesquisadores, antropólogos, lingüistas, etnólogos, museólogos e, principalmente aos alunos de graduação e pós-graduação dos cursos de formação, ligados direta ou indiretamente à pesquisa de campo em Arqueologia.

Além disso, pondera-se também a contribuição de todo trabalho terminológico para a Terminologia como ciência, sendo assim, tem-se também a presunção de alcançar os pesquisadores da área de Lingüística Aplicada, em especial os interessados em Terminologia e Terminografia. Atenta-se para a inclusão dos interessados em Arqueologia e Terminologia sem nenhuma formação específica nesta ou naquela ciência.

Portanto, considerando-se o *corpus* da pesquisa, tomado a partir da bibliografia dos cursos de formação da graduação e pós-graduação em Arqueologia (no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP), é natural que o resultado da presente pesquisa dirija-se aos alunos, em primeira instância, dos cursos de graduação e pós-graduação, aos pesquisadores e profissionais que estão direta ou indiretamente ligados à pesquisa de campo em Arqueologia e a apreciação de suas aplicações e resultados e, a interessados em Arqueologia em geral.

4.2 Delimitação do objeto de estudo, abrangência, valor e idioma

O objeto de estudo trata-se da terminologia, no sentido apresentado por Barbosa (1990, p. 155), como um conjunto vocabular representativo de uma área, ciência ou técnica:

Enquanto objeto de estudo, **uma terminologia** é o conjunto de palavras técnicas ou científicas, que, como já foi assinalado, constituem o vocabulário específico de uma ciência, de uma tecnologia, de um pesquisador ou grupo de pesquisadores, ou de uma área do conhecimento. Qualquer disciplina e, com maior razão, qualquer ciência tem necessidade de um conjunto de termos rigorosamente definidos, pelos quais designa as noções que lhe são úteis: este conjunto de termos constitui, pois, sua **terminologia**

Assim sendo, delimita-se o objeto de estudo como a terminologia da Arqueologia de Campo, envolvendo de forma sistemática, os métodos e técnicas para a sua aplicação.

Segundo Cabré (1993, p. 263) “la actividad terminográfica integra operaciones de recolección, sistematización y presentación de los términos de una determinada rama del saber o actividad humana”.³²

Tem-se por objeto de estudo a terminologia acima referida e , por meio da atividade terminográfica desenvolver, após a compilação, coleta e análise dos dados terminológicos, a produção de obra terminográfica.

Dentro das perspectivas de estudo da Arqueologia, foi abordado o estudo da Arqueologia de Campo, enfocando os métodos e técnicas do Trabalho de Campo em Arqueologia.

Realizou-se uma pesquisa de caráter descritivo e não prescritivo. Não se trata de desenvolver uma normatização terminológica, mas sim da descrição sistemática da terminologia da área. Levantando-se, assim, os termos que concernem à Arqueologia de Campo segue-se a apresentação de uma lista em ordem alfabética da equivalência desses termos em inglês. A abrangência fica estabelecida por meio da árvore de domínio e dos termos direta e sistematicamente relacionados ao quadro conceptual.

Ao se considerar a pesquisa sob o critério de classificação apresentado por Cabré (1993, p. 291) como metodologicamente sistemático tem-se a proposta de abranger os termos de uma área ou subárea de conhecimento de especialidade.

³² a atividade terminográfica integra operações de recompilação, sistematização e apresentação dos termos de um determinado ramo do saber ou atividade humana. (tradução nossa)

Como acabamos de decir, consideramos que un trabajo es sistemático si abarca la totalidad de términos de una área o subárea temáticas, o bien si un conjunto de términos (de la misma área o subárea) es lo suficientemente volumoso como para que deba establecerse previamente el sistema conceptual del área en cuestión.³³

Em função do *corpus* delimitado para a pesquisa definiram-se as línguas de trabalho como o inglês e o português (do Brasil). Tal escolha deve-se ao fato de que a bibliografia dos cursos de Arqueologia Brasileira no MAE apresenta, em sua maioria, textos em inglês. Os livros em espanhol, francês ou italiano representam uma pequena parcela em relação aos de inglês na bibliografia dos cursos de Arqueologia Brasileira.

³³ Como acabamos de dizer, consideramos que o trabalho é sistemático se abrange a totalidade dos termos de uma área ou subárea temáticas, ou mesmo se um conjunto de termos (da mesma área ou subárea) suficientemente volumoso para que se deva estabelecer previamente o sistema conceitual da área em questão. (tradução nossa)

4.3 *Corpus*: organização e descrição

4.3.1 *Corpus* documental

Adota-se por acepção de *corpus* um conjunto de dados lingüísticos que pode ser utilizado para se descrever um modelo lingüístico por ser representativo de uma norma, um sistema ou do falar e que, apesar de ser parte do universo lexical, representa a totalidade do discurso.

Para tanto, alguns critérios devem ser observados tais como: representatividade, exaustividade e homogeneidade.

A exaustividade é concebida por Greimas (1979, p. 187) como adequação do modelo à totalidade dos elementos nele contidos. A homogeneidade é alcançada seguindo parâmetros não lingüísticos relativos às variações, levando-se em conta problemas de distância diacrônica, problemas de diferenças culturais. Essa homogeneidade pode ser aparentemente quebrada pela adoção, na bibliografia aqui apresentada, de textos com uma heterogeneidade quanto ao caráter temporal, não delimitando um *chronos* específico, já que as influências das correntes arqueológicas da década de 1970 e 1960 ainda se fazem presentes.

Conforme afirma Cabré (1993, p. 278), a comunicação de especialidade se dá por meio de textos orais e escritos com diferentes níveis de especialidade e constituem, assim, a fonte documental dos termos especializados. Visto que esta comunicação ocorre tanto de forma escrita quanto falada há de se utilizar de anotações de curso, entrevistas com profissionais e estudantes para observar e estudar o vocabulário do tema proposto para esta dissertação.

Destacam-se as condições mais importantes que os documentos devem possuir para serem considerados materiais de trabalho adequados:

Devem ser lo suficientemente representativos de la materia, de acuerdo com los objetivos del trabajo y la delimitación del tema, para que permitan elaborar una primeira lista de unidades suficientemente significativa de los contenidos de la materia;

Deben ser actuales, para que la lista de términos sea de actualidad, tanto en lo que atañe a las denominaciones utilizadas por los especialistas, como a la información de los contenidos que toda disciplina puede y suele cambiar continuamente;

Deben ser lo suficientemente explícitos, para que permitan recuperar la identificación y la información de los datos terminológicos.³⁴

³⁴ Devem ser suficientemente representativos da matéria, de acordo com os objetivos do trabalho e a delimitação do tema, para que permitam elaborar uma primeira lista de unidades suficientemente significativas dos conteúdos da matéria; Devem ser atuais, para que a lista de termos seja da atualidade, tanto no que tange as denominações

Pretende-se utilizar, portanto, de textos de respeitabilidade entre os pesquisadores do MAE que representam a norma por eles utilizada, pois fazem parte da bibliografia dos cursos de formação de pesquisadores em Arqueologia. Além desses, outros que fazem parte do acervo da biblioteca, porém mais antigos, serão incluídos, uma vez que podem esclarecer o uso de certos termos ou apresentar contextos de maior valor para a pesquisa terminológica, ou seja, contextos definitórios.

Para se recuperar ou compreender a relação entre noção e designação no âmbito da linguagem de especialidade, a tarefa terminográfica, requer o levantamento da relação entre noção e designação feita por meio de contextos que proporcionem elementos nocionais que possam servir à caracterização do significado do termo. Em relação a tais contextos, Aubert aponta três categorias: associativo, explicativo e definitório.

Cabe ressaltar aqui a diferenciação dada por Aubert sobre os diferentes tipos de contextos encontrados para a decodificação dos termos. Assim, Aubert (2001, p. 68-69) apresenta como contextos associativos aqueles que apresentam o termo em seu uso na comunicação mas com poucos traços que permitam a caracterização de seu conceito. Os explicativos seriam aqueles que apresentam alguns traços conceptuais relativos à finalidade, materialidade ou funcionamento desses, e, como definitórios aqueles que proporcionariam um conjunto de traços conceptuais distintivos do termo.

É a partir desse *corpus* de pesquisa que tais contextos serão arrolados e extraídos do texto original para compor a ficha terminológica no campo *contexto*, propiciando material de análise e comparação para a elaboração da definição final do termo.

Quanto à extensa lista de autores identificados para a composição do *corpus* desta pesquisa, há de se delimitar os níveis de especificidade desse *corpus*.

Desde o levantamento bibliográfico até a delimitação dos contextos associativos, explicativos ou definitórios, a pesquisa percorre diferentes níveis de documentos. Numa primeira etapa, tem-se aqueles para mera consulta e conhecimento geral da área. Esse tipo de texto fornece informações para a delimitação dos textos de maior teor científico e/ou maior concentração de termos da subárea escolhida. Fornecem também os subsídios para a elaboração da árvore de domínio. Considera-se, para esta pesquisa, esse tipo de *corpus* acima descrito de referencial.

utilizadas por especialistas, como a informação dos conteúdos que toda disciplina pode e deve mudar continuamente; Devem ser o suficientemente explícitos, para que permitam recuperar a identificação e informação dos dados terminológicos. (trad. nossa)

A segunda etapa requer a filtragem e escolha de textos dos quais serão extraídos os termos e, conseqüentemente, os contextos acima referidos. Esse tipo de *corpus* é considerado documental. Destacam-se aqui, principalmente os manuais de Arqueologia de Joukowsky e Renfrew, pois ambos apresentam em detalhes os procedimentos realizados em campo e, portanto, possuem maior concentração de termos, os quais a pesquisa pretende abarcar, descrever e definir.

Apresentam-se, assim, os textos que formam o *corpus* documental, a saber: (cf. Alves, 2002); (cf. Barker, 1993); (cf. Borges, 1983); (cf. Gomes, 2003); (cf. Joukowsky, 1980); (cf. McIntosh, 1987); (cf. McMillon, 1994); (cf. Santos, 2003); e (cf. Renfrew; Bahn, 1993).

4.3.2 *Corpus* referencial, parâmetro e analítico

Em relação aos outros textos consultados, tem-se o *corpus* referencial, o parâmetro e o analítico. Além do *corpus* documental, acima descrito, utilizou-se também do de referência, o parâmetro e o analítico:

O *corpus* referencial, acima definido, é composto pelas obras utilizadas pelos pesquisadores nos cursos de preparação dos estudantes de Arqueologia, todas as obras que servem para consulta e que constam da bibliografia dos cursos abaixo mencionados, ministrados pelos arqueólogos Márcia Angelina Alves, Eduardo Góes Neves, Paulo de Blasis e Levy Figuti fazem parte desse *corpus* referencial, a saber: (cf. Adams; Adams, 1991); (cf. Brochado, 1984); (cf. Cali, 1999); (cf. Carandini, 1981); (cf. Carvalho, 1983); (cf. Charlton, 1981); (cf. Clark, 1996); (cf. De Masi, 1990); (cf. Denevan, 1976); (cf. Funari, 1988, 2003); (cf. Garcia, 1980); (cf. Goodyear, 1971); (cf. Harris, 1979); (cf. Hodges, 1964); (cf. Leigh, 1981); (cf. Loredó, 1994); (cf. Lumbreras, 1981); (cf. Maranca, 1980); (cf. Meggers, 1979); (cf. Mirambell; Lorenzo, 1983); (cf. Moberg, 1968); (cf. Pallestrini; Morais, 1982); (cf. Pallestrini; Perasso, 1984); (cf. Parrot, 1976); (cf. Pietro, 1985); (cf. Prous, 1992); (cf. Rahje; Schiffer, 1982); (cf. Rice, 1987); (cf. Sanders; Marino, 1971); (cf. Schiffer, 1996); (cf. Shepard, 1956); (cf. Schmitz, 1984); (cf. Schoebinger, 1969); (cf. Silva, 1971); (cf. Tite, 1972); (cf. Webster, 1963); e (cf. Willey, 1966).

Cabe ressaltar outros níveis de *corpus* textual, o parâmetro e o analítico. Este considera-se os excertos que compõem o campo *contexto* da ficha terminológica e servem para a análise sêmica utilizada na composição da definição final. Aquele, o parâmetro, é formado por três obras terminográficas que servem como modelo de comparação para o

produto final desta dissertação, o Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo. Assim, tem-se essas três obras destacadas: (cf. Bray; Trump, 1982); (cf. Kipfer, 2000) e (cf. Petit; Mestre; Alaix; Monge, 2002).

4.3.3 *Corpus* eletrônico: uma amostragem

Segundo Berber Sardinha (2004, p. 18) a definição que se tem de *corpus* como um corpo de linguagem natural que pode ser usado como base para pesquisa lingüística requer maior especificação para a Lingüística de *corpus*. Além de servir para a pesquisa lingüística deve ser planejado para um fim específico e seguir critérios de seleção, sendo assim utilizados como amostra da linguagem:

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Dentre os critérios por ele apresentados tem-se a autenticidade dos textos, ou seja, textos escritos por falantes nativos, não traduzidos; a escolha do conteúdo, ou seja, a finalidade a que a pesquisa objetiva alcançar e a representatividade. Quanto a este último critério, destaca a impossibilidade de se concordar com outros autores que defendem a representatividade como extensão. Segundo o autor (2004, p. 23-24), um *corpus* pode ser representativo mesmo que não tenha uma grande extensão em contrapartida a um *corpus* que seja extenso e não seja representativo pela escolha e seleção dos textos que o compõe:

A representatividade está ligada à questão da probabilidade. A linguagem é de caráter probabilístico, conforme dito, havendo a possibilidade de estabelecer uma relação entre traços que são mais comuns e menos comuns em determinado contexto. O conhecimento da probabilidade de ocorrência de traços lexicais, estruturais, pragmáticos e discursivos está no cerne da Lingüística de *Corpus* e, portanto, o conhecimento acerca da probabilidade de ocorrência da maioria dos traços lingüísticos em vários contextos ainda está sendo adquirido.

Impõe-se, portanto, representatividade e adequação à pesquisa para a composição de um *corpus* lingüístico.

Um *corpus* é a representação parcial de um universo de discurso, ele é representativo na medida em que reproduz efetivamente o discurso empregado por um grupo, que confirme a utilização de uma terminologia em uso corrente.

Em relação à quantidade de textos que devem compor um *corpus* representativo, um número razoável de textos é aquele que pode comprovar a utilização de termos em textos completos e de autores diferentes. O objetivo do *corpus* eletrônico é fornecer, além de um número maior de textos para a confirmação do termo e seu uso, fornecer um contexto completo, integral, de onde possa se inferir também o uso de colocações e de fraseologia, e apresentar maior facilidade no acesso e manejo das informações, na apresentação de listas de frequência e dados estatísticos.

Não existe um *corpus* para toda e qualquer pesquisa terminológica, segundo Teubert (2001, p. 129) é preciso elaborar um *corpus* de acordo com a finalidade do trabalho:

“[...] an ideal universe of discourse would be the sum of all communication acts ever uttered by members of a language community. Therefore, it has an inherent diachronic dimension. Of course, this ideal universe of discourse would be far too large for linguistics to explore it in its entirety. It would have to be broken down into cross-sections with regard to the phenomena that we want to describe. There is no such thing as a “one-size-fits-all”- *corpus*.³⁵

Diferentemente dos procedimentos utilizados para coleta em massa de textos da Internet para a compilação de *corpus*, a amostragem aqui elaborada teve como procedimento de partida uma lista de palavras-chave para a busca de textos. Essas palavras foram levantadas das anotações em aula dos cursos de Arqueologia, já mencionados, e dos primeiros termos definidos no quadro conceptual. A partir desses é que se efetuou a busca por textos, obedecendo a alguns critérios tais como:

a) nível de especialidade: os textos devem ser selecionados pelo nível de especialidade que se quer atingir. Portanto, ficam excluídos jornais e revistas de divulgação em massa. Foram selecionados textos de arqueólogos conhecidos, universidades ou instituições que desempenham pesquisa arqueológica, glossários ou dicionários eletrônicos.

³⁵ [...] um universo do discurso ideal seria a soma de todos os atos de comunicação já usados pelos membros de uma comunidade lingüística. No entanto, isso tem uma dimensão diacrônica inerente. É claro, este universo do discurso seria muito grande para que a Lingüística pudesse explorá-lo em sua totalidade. Teria que ser dividido em recortes voltados ao fenômeno que queremos descrever. Não há algo como um corpus que serve para tudo. (tradução nossa)

- b) autenticidade dos dados: textos autênticos escritos por autores nativos e não tradução;
- c) possuir o mesmo nível de discurso, ser homogêneo possuindo quantidade equivalente de textos nas duas línguas;
- d) representativo: produz o discurso empregado por um grupo, uma técnica ou uma ciência;
- e) ter extensão representativa, ou seja, ter um número considerável de textos que possa comprovar o uso dos termos de uma área;
- f) estar armazenado em formato eletrônico para a utilização, comparação e análise com ferramentas eletrônicas que possibilitem resultados imediatos e de fácil acesso;
- g) estar de acordo com a finalidade da pesquisa lingüística, com objeto e objetivo de estudo;
- h) estar devidamente discriminado por identificação dos diferentes textos que o compõem com um cabeçalho (*header*).

Ao se iniciar a compilação dos dados é preciso atentar para as informações necessárias para a identificação posterior das fontes textuais armazenadas. O ideal é iniciar a busca mantendo ao mesmo tempo um arquivo texto com fichas de informação, ou cabeçalhos (*headers*) que posteriormente serão anexados aos textos para a identificação dos mesmos.

Esse cabeçalho serve para identificar um texto qualquer dentro do *corpus*, pois esses são compilados juntos em extensão txt, o que não permitiria o acesso novamente a um único texto para verificar se um termo foi mais usado por um único autor ou se se apresenta homogeneamente por todo *corpus*. Para se trabalhar com a ferramenta WordSmith Tools, Sardinha (2004, p. 53) afirma que é preciso arquivar os textos no formato txt, para que o programa possa processá-los de forma correta.

O programa WordSmith Tools possui Ferramentas para o processamento de texto que possibilita a elaboração de uma lista de palavras (*wordlist*) e uma lista que apresenta a densidade lexical (*statistics*). A primeira fornece duas listas de palavras: uma ordenada alfabeticamente e outra ordenada por frequência.

Utilizando-se das anotações do curso de Formação do registro arqueológico, fez-se o levantamento de palavras-chave para a busca de textos eletrônicos. Os possíveis termos de busca foram:

Analogia etnográfica
Analogia formal e analogia relacional

Analogia geral
Analogia histórica
Arqueologia antropológica
Atividade encaixada
Cadeia operatória
Circulação lateral
Conjuntos artefatuais
Dados etnográficos
Descarte de materiais
Descrição etnográfica
Diagrama de fluxo
Distribuição de recursos
Ecologia evolutiva
Estratégia de survey
Estruturalismo
Etnoarqueologia
Etnografia arqueológica
Evolucionismo clássico:
Ilha de recursos
Inter-sítio
Intra-sítio
Living archaeology
Location
Mobilidade – sistema de sítios
Modelos contínuos:
Modelos descontínuos:
Nova analogia
Organização tecnológica
Padrão de assentamento
Padrão de refugio
Padrões de descarte: Dropping zone; tossing zone; resting zone; positioning items; dumping zone
Pós-processualismo
Processo cultural
Processo de formação dos sítios
Processo de produção/uso/descarte
Processualismo
Propriedades sistêmicas
Raciocínio hipotético-dedutivo
Raciocínio indutivo
Reciclagem
Refugio
Registro arqueológico
Reocupação
Reuso
Rota de exploração
Stockpiling
Subsistência
Tecnologia de curadoria
Tecnologia de expediente

Uso do espaço
Uso secundário
Variabilidade artefactual
Variabilidade cultural
Variabilidade e organização arqueológica dos conjuntos artefatuais
Variabilidade espacial
Variabilidade formal
Variabilidade quantitativa
Zooarqueologia

Após a busca e coleta de textos eletrônicos, foram registradas unidades lexicais de maior frequência após a eliminação de palavras gramaticais. Os textos geraram uma maior quantidade de termos em inglês. Vale ressaltar que o *corpus* em português foi elaborado com uma quantidade bem menor de textos, quebrando o princípio de homogeneidade.

Cabe ressaltar que, além de um número reduzido de textos em português, na maioria das vezes os textos eram do mesmo autor, fato que dificultou a comprovação de uma diversidade de termos. Os termos equivalentes foram obtidos, na sua maioria, de anotações do curso feitas em sala de aula.

Foram obtidos os seguintes termos com a amostragem de *corpus* eletrônico acoplados a uma lista de termos obtida com o *corpus* escrito:

1. *Aerial and terrestrial photogrammetry*
2. *Aerial reconnaissance*
3. Analogia formal x analogia relacional (Hodder)
4. Analogia etnográfica
5. Analogia geral: continuidade histórica inexistente, modo de vida e ambiente semelhantes
6. Analogia histórica: continuidade histórica
7. Archaeological Anthropology
8. *Archaeological Artifacts*
9. *Archaeological context*
10. *Archaeological data*
11. Archaeological disturbance
12. *Archaeological Evidence*
13. *Archaeological Features*
14. *Archaeological methods*
15. *Archaeological reconnaissance*
16. *Archaeological record*
17. *Archaeological sequence*
18. *Archaeological site*
19. *Archaeological trench*
20. Archaeological unit
21. *Archaeologist*
22. *Archaeology*
23. *Archaeomagnetic dating*
24. Arqueologia antropológica

25. Atividade encaixada
26. *Balk (baulk)*
27. Behavioral variables
28. *Bone age*
29. Brunton compass
30. Bulldozer
31. Cadeia operatória
32. Circulação lateral
33. Coarse hand-digging
34. Conjuntos artefatuais
35. Correlates
36. C-transform
37. Cultural and noncultural deposition
38. Cultural system
39. Curate and expedient
40. Dados etnográficos
41. Dead storage
42. Descarte de materiais
43. Descrição etnográfica
44. Diagrama de fluxo
45. *Digger*
46. *Digger's assistant*
47. Disposal modes: dropping/tossing/resting/positioning/dumping item
48. Distribuição de recursos
49. Draftsman/person
50. Dragged
51. Drag-line dorestad
52. Durable and consumable elements
53. Ecologia evolutiva
54. Electron spin resonance
55. Entropy
56. Estratégia de survey
57. Estruturalismo
58. Ethnoarchaeology
59. Ethnographic archaeology
60. Etnoarqueologia
61. Etnografia arqueológica
62. Evolucionismo clássico
63. *Excavate*
64. *Excavation*
65. *Excavation unit*
66. *Expedition director*
67. *Exploitation surveying*
68. *Extraction of pollen*
69. *Faunal dating*
70. *Field supervisor*
71. *Field technician*
72. *Field walking*
73. *Field work*
74. *Finding*

75. *Fission-track dating*
76. *Fluxgate gradiometer*
77. Form and spatial distribution
78. Formation processes
79. *Froth-flotation*
80. *Full-fledged excavation*
81. *Geophysical prospecting*
82. *Grid*
83. *Grid amplitude*
84. *Grid layout*
85. Historical analogy
86. Ilha de recursos
87. Inter-sítio
88. Intra-sítio
89. Laws of cultural change
90. *Layer*
91. Living archaeology
92. Location
93. Location
94. Long-handled spades
95. Mobilidade – sistema de sítios
96. Mobious network method
97. Modelos contínuos: relação histórica (Gould),
98. Modelos descontínuos: processualista, analogia direta (Gould)
99. Nova analogia: fora da perspectiva histórica
100. N-transform
101. *Oblique stereo-photography*
102. *On-site survey*
103. Organização tecnológica
104. Organizational variable
105. Padrão de assentamento
106. Padrão de refugo
107. Padrões de descarte: Dropping zone; tossing zone; resting zone; positioning items; dumping zone
108. *Palesade trench*
109. *Paper-strip method*
110. Pit
111. Ploughing
112. *Pollen dating*
113. Pompeii premise
114. Pós-processualismo
115. *Potassium-argon dating*
116. Primary refuse
117. Process of continuous change
118. Processo cultural
119. Processo de formação dos sítios
120. Processo de produção/uso/descarte
121. Processualismo
122. Procurement/ manufacture/use/maintenance/discard
123. Procurement/preparation/consumption/discard

124. Propriedades sistêmicas
125. *Proton magnetometer*
126. Raciocínio hipotético-dedutivo
127. Raciocínio indutivo
128. Radiocarbon dates
129. Reciclagem
130. *Recorder*
131. Recycling/lateralcycling/reuse/abandonment/discard
132. Refugio
133. *Registro arqueológico*
134. Reocupação/Reuse
135. *Rescue excavation*
136. Residues
137. *Resistivity*
138. *Resistivity meter*
139. *Resistivity surveying*
140. Reuso
141. Robber trench
142. Rota de exploração
143. *Sample gridding*
144. *Sample trenching*
145. *Sampling excavations*
146. *Scrap machinery*
147. *Scrapping*
148. Secondary refuse
149. *Sieving*
150. Site formation
151. Smear
152. Soil sampling
153. *Sondage*
154. *Squares*
155. Stockpiling
156. *Strata*
157. *Stratification*
158. *Stratum*
159. *Survey*
160. *Surveying*
161. *Surveyor*
162. *Systemic context*
163. Tecnologia de curadoria
164. Tecnologia de expediente
165. *Thermoluminescence dating*
166. *Tree-ring dating*
167. Uso do espaço
168. Uso secundário
169. Variabilidade artefactual
170. Variabilidade artefactual
171. Variabilidade cultural
172. Variabilidade e organização arqueológica dos conjuntos artefatuais

- 173. Variabilidade espacial
- 174. Variabilidade formal
- 175. Variabilidade quantitativa
- 176. *Wet-sieving*
- 177. *Wheeler box-grid*
- 179. Zooarqueologia.

Essa lista de termos acima arrolada comprovou a existência de equivalentes em inglês, principalmente pelo fato de que os textos possuíam alta concentração de termos da Etnoarqueologia, comprovando o alto nível de especificidade desses textos.

Estão acoplados nessa lista também aqueles de valor metodológico que foram obtidos a partir do *corpus* escrito e que aparecem destacados em itálico.

Em relação aos resultados, cabe ressaltar que foram positivos. No entanto, tendo em vista o recorte observacional adotado, voltado à metodologia e não à teoria, e, as dificuldades em localizar textos equivalentes e concernentes ao objeto da pesquisa, optou-se por continuar a pesquisa com o *corpus* escrito, haja vista a dificuldade em se obterem textos homogêneos, representativos e em quantidades equivalentes nas duas línguas.

4.4 Extração e seleção dos termos

4.4.1 Concepção da árvore de domínio

Para a elaboração de um mapa de domínio, partiu-se do questionamento das diferenças que caracterizam as diversas ciências que têm o homem como objeto de pesquisa, ou seja, as ciências humanas, e o estudo das sociedades, as ciências sociais. Prous indica a necessidade de se fazer uma diferenciação entre as disciplinas conexas da Arqueologia. Segundo ele, a Arqueologia, a Pré-história, a História, a Paleontologia e a Antropologia possuem ligações profundas que podem criar confusão.

No quadro abaixo, elaborado por André Prous (1999, p. 19), destacam-se as seguintes diferenças quanto ao objeto de estudo:

Paleontologia	História	Pré-história	Arqueologia	Antropologia
Ramo da Biologia que estuda as formas de vida que trata dos seres vegetais, animais ou homens extintos.	Estudo das sociedades numa perspectiva diacrônica, abordando os que possuem escrita	Estudo das sociedades extintas que não possuíam escrita: ágrafas	estudo das sociedades humanas, das culturas dos povos ágrafos e com escrita através da cultura material	Cultural: estudo dos povos ágrafos atuais e recentes, das sociedades
<i>Corpos/fósseis</i>	<i>Textos</i>	<i>Vestígios materiais ágrafos</i>	<i>cultura material</i>	<i>discurso e imagens</i>

Quadro 6: Diferenças quanto ao objeto de estudo das ciências voltadas ao estudo do homem (PROUS, 1999, p. 19).

Ao relatar o processo percorrido pela pesquisa arqueológica, Prous destaca a colaboração de vários pesquisadores, pintando um quadro de multidisciplinaridade para a Arqueologia. Assim sendo, o arqueólogo deve contar com a ajuda de vários pesquisadores de outras áreas, tais como: geólogos, físicos, bioantropólogos, bioquímicos, geomorfólogos, biólogos, químicos e topógrafos, entre outros.

Essas relações entre diversas áreas do conhecimento ficam delineadas na organização da árvore de domínio e estabelecem a pertinência dos termos de outras áreas à Arqueologia.

O princípio fundamental da terminologia, segundo Pavel e Nolet (2002, p. 1) é a pertinência dos termos a uma área temática na qual se baseia o sistema de classificação. É necessário considerar tal postura ao se empreender a pesquisa terminológica e relacionar os termos numa árvore de domínio:

O princípio fundamental da terminologia é a pertinência dos termos a áreas temáticas, estruturadas em sistemas de classificação de conhecimentos especializados. Cada especialidade apresenta um sistema de áreas, denominado também árvore temática, que deve aparecer evidente em qualquer fundo de terminologia coerente.

A evolução da Arqueologia como ciência tem, através do aparecimento de novas correntes de pensamento, adotado termos pertencentes às diferentes disciplinas conexas, e são evidenciadas no sistema de classificação. Essas mudanças, destacadas por Pavel e Nolet (2002, p. 5) permitem as várias conexões entre a área estudada e outras que lhe dão suporte:

Os sistemas de classificação evoluem e refletem os progressos que se têm produzido em cada área de atividade. Esta evolução pode proporcionar o surgimento de novas disciplinas, a migração de conceitos entre disciplinas, assim como o desaparecimento, a fusão ou distinção de determinados conceitos e/ou designações. Estas mudanças justificam que se indiquem várias áreas temáticas no suporte que contém os dados relativos a um único conceito.

Portanto, ao se definir o quadro conceptual e a árvore de domínio fez-se o levantamento dos termos pertencentes a tal quadro dentro da área temática escolhida.

A seleção de termos levou em consideração os fatores pragmáticos que compõem a comunicação de especialidade. Considera-se, assim, como apontado por Cabré (1993, p. 221), cinco principais fatores que caracterizam a linguagem de especialidade: a função a que se propõem, a temática, os usuários, as situações comunicativas e os tipos de discurso. Tais fatores caracterizam a unidade terminológica, segundo Cabré, como unidades pragmáticas. Esses elementos pragmáticos desempenham um papel fundamental na diferenciação de unidade lexical comum e unidade terminológica. Assim, como a autora apresenta, segue o quadro diferenciador do léxico comum e da terminologia (Cabré, 1993: p. 222):

LÉXICO COMUM	TERMINOLOGIA
<p>Função Básica</p> <p>Conativa, emotiva, fática e outras</p>	<p>Função Básica</p> <p>Referencial</p>
<p>Temática</p> <p>Genérica</p>	<p>Temática</p> <p>Específica</p>
<p>Usuários</p> <p>Gerais</p>	<p>Usuários</p> <p>Especializados</p>
<p>Situação de comunicação</p> <p>- formalizada</p>	<p>Situação de comunicação</p> <p>+ formalizada</p>
<p>Discurso</p> <p>Geral</p>	<p>Discurso</p> <p>profissional e científico</p>

Quadro 7: Das diferenças entre léxico comum e terminologia (CABRÉ, 1993, p. 222). (tradução nossa)

Considerou-se, para a representação do processo que envolve Arqueologia de Campo, o trabalho anterior à escavação que é relevante para a escolha dos métodos desta. Ao se descrever o trabalho de campo percebe-se que entre as etapas que o envolvem ocorre um levantamento pré-escavação, fase em que se faz o levantamento histórico do sítio. O trabalho do arqueólogo começa com um questionamento. A partir desse momento é feita uma pesquisa

histórica do sítio, da possível existência de um antigo povoamento na região e um levantamento de dados e mapas de pesquisas anteriormente realizadas.

A seguir, parte-se para o levantamento geofísico (LG), etapa em que são localizadas as anomalias geológicas que indiquem os limites do sítio arqueológico.

No levantamento topográfico (LT) representa-se em mapas topográficos os limites físicos do sítio por meio de medições topográficas, realizadas após as prospecções geofísicas.

Estabelecido o local provável do sítio, faz-se uma busca de superfície, observação que é devidamente registrada. Encontrando-se, através da prospecção de superfície, um montante (e/ou um qualificante) que represente algo considerável para empreender uma escavação sistemática, inicia-se a delimitação do sítio, o levantamento topográfico e a divisão da área do sítio em setores divididos por quadrículas.

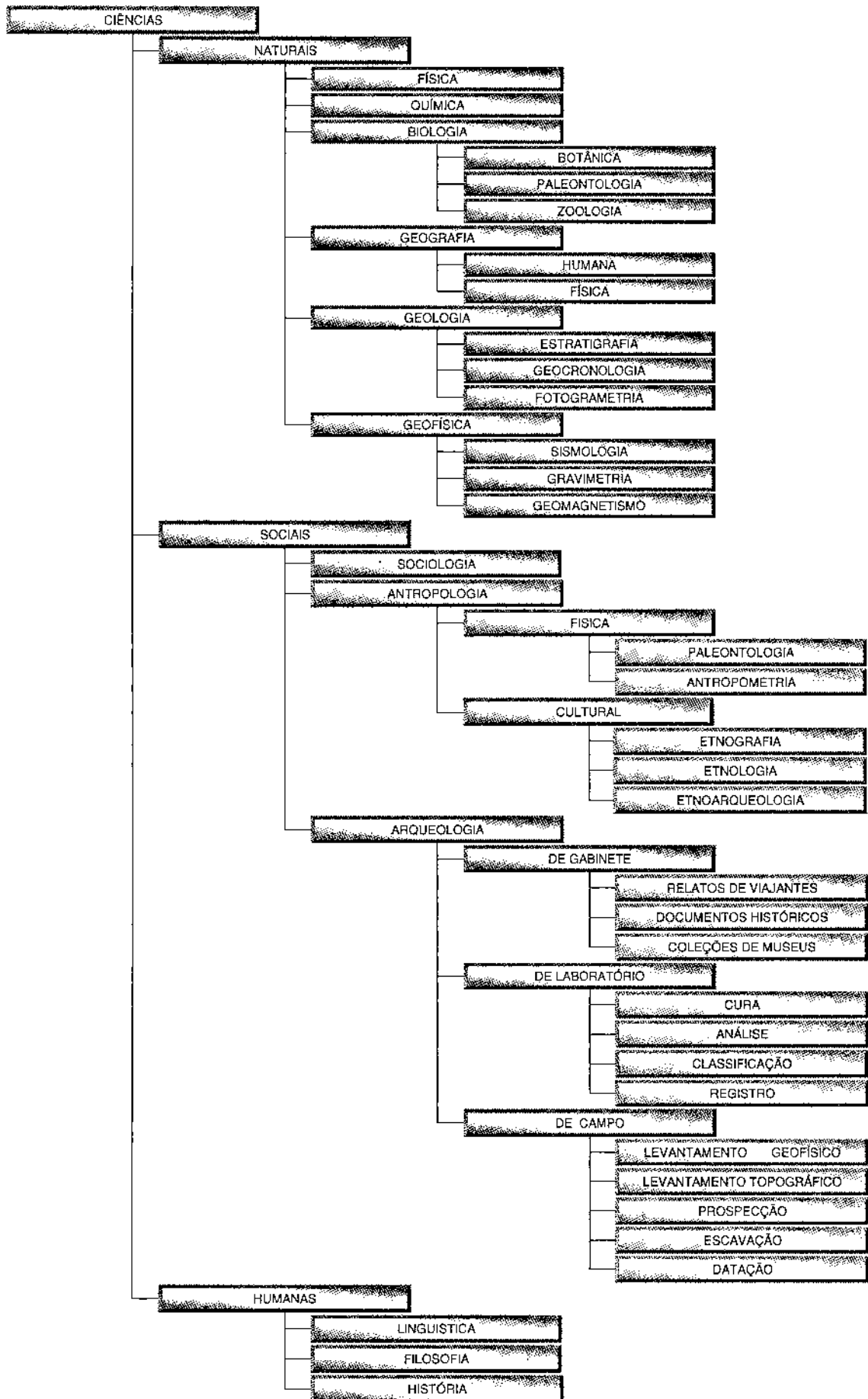
A escavação (ES) ocorre após a demarcação dos limites físicos do sítio e de sua divisão em quadrículas. Uma das formas de retirada das camadas sedimentares que cobrem os vestígios materiais e naturais é a escavação por níveis naturais – estratigráfica ou por níveis artificiais – na qual, estabelecida a espessura, retira-se a camada sedimentar que cobre a arqueológica para evidenciar o registro arqueológico de um mesmo período ocupacional.

O registro e classificação (RC) do material encontrado, não necessariamente realizados nesta ordem, pode ocorrer durante toda a escavação. Durante todo o processo, desde o levantamento histórico até a fase final de elaboração e publicação dos resultados, o material coletado é devidamente registrado.

Todo achado é etiquetado, registrado no diário de campo e, caso necessário, levado ao laboratório para análises e datações (DA). O material removido passa por um processo de conservação e é enviado ao instituto no qual teve início a pesquisa, geralmente Universidades e Museus.

Durante todo esse processo estão envolvidos agentes (AG), ações (AC), ferramentas que permitem realizar tais ações (FE), métodos utilizados para a realização de tais ações (MT) e conceitos (TG). Assim, a partir desses componentes interrelacionados tem-se a grade conceptual:

Assim, apresenta-se a árvore de domínio elaborada para a compilação, descrição e análise da terminologia da Arqueologia de Campo, com vistas a elaboração do Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo, produto final deste trabalho, tendo como base os dados acima referidos:



4.4.2 Elaboração da ficha terminológica

A partir da ficha terminológica, são recolhidos dados para a delimitação de um conceito, sua classificação e, posteriormente, sua definição. Torna-se um documento de acordo com os princípios metodológicos da Terminologia. Segue-se o modelo que, de acordo com paradigmas terminológicos, registra informações com objetividade e propriedade:

1.Termo	2.Domínio	3.Subdomínio	4.Categoria gramatical
5.Sinônimos	6.Categoria gramatical	7. Remissiva	8 Fonte
9.Dicionarizado sim não		10.Tipologia	
11. nota enciclopédica/lingüística		12. paradigmas conceituais a) b)	
13. Contexto			
14.Definição			
15.Equivalência	16.Sinônimos	17.Categoria gramatical	18.Fonte

Quadro 8: Modelo da ficha terminológica adotada para a pesquisa.

A ficha terminológica possui em seus campos informações sobre o termo encontrado, no campo 1; seu domínio que é o elemento-chave da árvore, no campo 2; diretamente abaixo deste o subdomínio, que está subordinado ao primeiro, no campo 3; a categoria gramatical deste termo e possíveis sinônimos utilizados, nos campos 6 e 5, respectivamente; a remissiva que indica correspondências a outros termos da árvore de domínio, no campo 7; a fonte da qual foi extraído tal termo, ou seja, o autor, no campo 8; a indicação da dicionarização, campo 9; a tipologia, no campo 10 indica em qual categoria está inserido este termo, ou seja, dentro da grade conceptual, e.g., agente e escavação – arqueólogo. Essa grade apresenta-se da seguinte forma:

Trabalho de Campo em Arqueologia	LE	LT	ES	AD
MT				
AC				
AG				
FE				
TG				

Quadro 9: Grade conceptual das etapas e procedimentos da Arqueologia de Campo.

Em seguida, no campo 11 apresentam-se as notas enciclopédicas e/ou lingüísticas; os paradigmas conceituais do campo 12, formados pelo *gênero próximo*, que expressa a categoria ou a classe geral a que pertence o ente a ser definido, que é nuclear e a *diferença específica*, complementar, indicação das particularidades que distinguem o ente definido em relação aos outros da mesma classe, bases da definição terminológica.; no campo 13 *contexto* apresenta-se o excerto textual que apresente o termo contextualizado, podendo ser este associativo, descritivo ou definitório; a definição propriamente dita, no campo 14, respeitando-se o modelo de enunciado terminográfico; a equivalência em português no campo 15; sinônimos se houver no campo 16; categoria gramatical, campo 17, do sinônimo destacado no campo anterior; e a fonte, ou seja, autor do qual se extraiu o termo no campo 18.

A entrada da ficha terminológica requer como convenção geral da lexicologia (Cabré: 1993, p. 309) a forma lexemática do termo: substantivos em sua forma singular, verbos em sua forma no infinitivo. Cabe ressaltar que a convenção lexemática não foi respeitada no Vocabulário ao tratar de sintagmas nominais que só apareceram no plural. O campo chamado fonte serve de referência do termo. O documento do qual se extrai o termo constitui sua referência sendo anotado na ficha de forma codificada.

A definição do termo, campo de maior importância na ficha terminológica deve ser elaborada considerando-se três aspectos: a sistematicidade e adequação; os aspectos formais de representação e os de conteúdo, como destacados por Cabré (1993, p. 312)

Quanto à sistematicidade, as definições devem levar em conta a estruturação conceptual do campo de trabalho, no qual devem-se estabelecer as dimensões de cada ramo da estrutura conceptual, a ordem que se apresentam as dimensões dentro das definições e o nível que irá considerar os usuários e a finalidade do trabalho.

A remissão é o campo da ficha terminológica que apresenta a relação recíproca entre termos que pode ser hiperônima, hipônima ou co-hipônima. Essa remissão serve para ampliar

a informação sobre a denominação ou conceito ou, para especificar as relações que mantêm com outras formas e conceitos do mesmo campo, segundo aponta Cabré (1993, p. 315).

1.Termo Trial-Trenches sondage	2.Domínio Arqueologia	3.Subdomínio Escavação	4.Categoria gramatical sintagma nominal
5.Sinônimos	6.Categoria gramatical	7. Remissiva excavation, surveying	8 Fonte Kipfer/EK
9.Dicionarizado sim não X		10. Tipologia MTPE/ES	
11. nota enciclopédica/lingüística		12. paradigmas conceituais a) sondage b) trench	
13. Contexto two types of trial trenches (sondage) have been used in excavation: (1) as a preliminary sounding before the excavation, to supply information on the nature of soil, the depth of archaeological deposit, and the various phases of occupation, and (2) as an intermediate step during the excavation, to elucidate such structures as buildings foundations or areas known to consist of only one level that could be too time-consuming to uncover completely.			
14.Definição técnica amostral que se utiliza da abertura de trincheiras no solo para fornecer informações sobre a natureza do solo e a profundidade da camada arqueológica ou evidenciar estruturas arqueológicas numa escavação detalhada.			
15.Equivalência sondagem por trincheiras	16.Sinônimos	17. Categoria gramatical	18. Fonte Alves

Quadro 10: Exemplo de ficha terminológica completa.

V – ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Perfil das Unidades Terminológicas da Área

Os conceitos pertinentes a uma área de conhecimento são representantes da visão de mundo de tal ciência. Ao se tratar do Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo, deve-se ressaltar uma visão de mundo parcialmente diacrônica devido às influências no seu âmago desde o princípio como atividade de exploração e busca a tesouros da época das grandes descobertas, dos *achados* arqueológicos *findings* até a mais recente teoria hermenêutica aplicada à Arqueologia que concebe o registro rupestre como *textos visuais*.

Essa visão de mundo percorre um longo caminho perpassando o evolucionismo cultural, o funcionalismo e o estruturalismo característico das diversas correntes teóricas e da influência francesa e americana.

Percebe-se, assim, um contínuo construir do discurso científico que, ora mantém termos e amplifica conceitos, ora cria novos termos para abarcar a crescente necessidade da especificidade científica.

Segundo Pais (1991, p. 163), as unidades lexicais são instrumentos dessa visão de mundo refletindo essas transformações constantes que, no âmbito da especialidade, é representada e transmitida pelos termos:

[...] no processo de produção das línguas naturais e de seus discursos, o léxico e as unidades lexicais manifestadas configuram-se como um instrumento muito importante da construção e da permanente reconstrução da visão do mundo, um espaço semiótico privilegiado em que se produzem e se refletem os recortes culturais, onde melhor se podem observar os mecanismos de sua constituição e constante reconstituição.

Portanto, o surgimento de novos termos que se apresentam tanto para indicar novos procedimentos, novas tecnologias e novas especificidades científicas, vistos estes como um desdobramento conceitual (tal como *achado* > *artefatos* > *ecofatos*; *dados arqueológicos* > *registro arqueológico* >) estão em sintonia com a constante construção e reconstrução da visão de mundo da área e são necessários para a manutenção do sistema lingüístico.

Pais (1994, 164) destaca que tanto a manutenção quanto a mudança são necessárias para a comunicação e funcionamento satisfatório do sistema lingüístico:

Os sistemas semióticos que integram o complexo lingüístico e sociocultural de determinada comunidade só podem funcionar de maneira satisfatória, se

se conservam suficientemente para assegurar a intercompreensão dos sujeitos e se se modificam, suficientemente, para responder às novas necessidade de comunicação.

Aplicando-se tal consideração à terminologia aqui estudada, verifica-se mudança e permanência nos dois exemplos a seguir: *achado* e *arqueologia*.

No que concerne ao termo *achado*, percebe-se que houve uma maior especificidade de características assumindo a função de hiperônimo, pois identifica a pertinência de qualquer classe de material encontrado no sítio, para se desdobrar, fazendo uso da diferença específica, em vestígios arqueológicos e sedimentando-se em categorias diversas, tais como: artefatos (objeto material), ecofatos (vestígios naturais) e estruturas (combinação das anteriores).

Em relação à arqueologia, tem-se Arqueologia Processualista, a Pós-Processualista e a Arqueologia Social Latino-Americana que atuam na concretização científica da área e modificam o seu conceito.

Ao analisar as definições propostas para a Arqueologia, partindo-se dos dicionários etimológicos, dicionários de língua geral e de acepções colhidas em textos especializados, percebe-se esse desenvolvimento refletido no conceito de Arqueologia.

As definições encontradas nas obras lexicográficas acima atestam não só o sentido dado ao termo *arqueologia*, de estudo da antigüidade bem como o seu desenvolvimento diacrônico.

No caso do verbete do dicionário de Moraes Silva, de 1950, a perspectiva exploratória e a importância dos atributos artísticos ficam claras, sendo a Arqueologia considerada o estudo da antigüidade:

ARQUEOLOGIA, *s.f.* (arqueo + *logia*). Ciência que estuda tudo quanto se refere às artes e aos monumentos da Antigüidade, de caráter material, como utensílios, armas, moedas, vasos e demais objetos de usos domésticos.

Apesar da origem grega, é o francês que vai difundir o termo no país por meio dos estudos da antigüidade clássica:

ARQUEOLOGIA - Do gr. *archaiologia*. (NASCENTES, 1955)

Caldas Aulete trata a disciplina como ciência da antigüidade e dos monumentos, ainda sob uma perspectiva amadora da área.

ARQUEOLOGIA, *s.f.* estudo dos monumentos antigos; ciência da antigüidade e dos seus monumentos || F. gr. *Arkhaiologia*. (AULETE, 1958).

Desponta como uma ciência em Silveira Bueno, 1968, mesmo mantendo o sentido grego de antiquário:

Arqueologia- *s.f.* Ciência da antiguidade. Gr. *arkhaiologia*, de *arkhaios*, antigo e, *logos*, conhecimento, sabedoria. *suf.ia*. Derivs.: *arqueólogo* - *s.m.* Aquêle que se dedica à arqueologia. *Arqueológico* - *adj.* Relativo à arqueologia. *Suf. ico*. Em grego *arkhaiólogos* era o mesmo que antiquário. Já existia nesta língua *arkhaiologikòs*.

O dicionário etimológico de Cunha, de 1982, associa o estudo da arqueologia não só ao das antigüidades mas ao estudo da pré-história que, segundo Pallestrini, é quase que a totalidade dos estudos de Arqueologia no Brasil.

arqueologia - *s.f.* "estudo de antigüidades, especialmente do período pré-histórico" | - ch - 1844 | Do fr. *archéologie*, deriv. do gr. *archaiología* || **arqueografia** | *archeographia* - 1858 || **arqueógrafo** | *archeographo* 1858 || **arqueológico** | - ch - 1844 | Do fr. *archéologique*, deriv. do gr. *archaiologikós* || **arqueólogo** | - cheo- 1858 | Do fr. *archéologue*, deriv. do gr. *archaiólogos* || **arqueozóico** XX.

O desenvolvimento científico reflete-se na definição contida no dicionário de Aurélio (1999) e no uso do termo *testemunhos materiais* para sua conceptualização:

Arqueologia. [Do gr. *archaiología*.] *s.f.* 1. O estudo científico do passado da humanidade, mediante os testemunhos materiais que dele subsistem. 2. O conjunto das técnicas de pesquisa e da interpretação do que resulta da arqueologia (1). ♦ Arqueologia astronômica. *Astr.* V. arqueoastronomia.

Apesar de demonstrar constante adequação às mudanças ditadas pelo desenvolvimento teórico-metodológico das ciências, o dicionário de língua geral não acompanha totalmente essas mudanças, haja vista a divergência de conceitos da mesma época encontrada em textos especializados.

Há de se atentar para duas explicações: o tipo de obra lexicográfica está intimamente ligado ao produto final e às exigências do público alvo que o demanda e, por outro lado, a função de cada obra fica preestabelecida, não concerne a tal obra a especificidade da terminologia científica. No entanto, parte desses semas caracterizadores dos conceitos são transportados para a língua geral.

Percebe-se um desenvolvimento maior da disciplina no que se refere aos verbetes de dicionário acima arrolados, pois esses apresentam semas que indicam esse desenvolvimento.

Apontando a Arqueologia como uma disciplina que alcançou o nível de ciência pelo desenvolvimento de métodos de reconhecimento e interpretação, apesar de ser descrita como auxiliar da História, não mais vista como estudo da arte, assume a responsabilidade de reconstruir diferentes estágios da civilização passada

A definição postulada por Zamora (1990) engloba a concepção de cultura material como manifestação fenomenológica dos processos sociais cuja totalidade transcende o material e percebe a Arqueologia como ciência, não auxiliar, nem humana, mas social, que interpreta e explica o fenômeno social por meio do que restou de uma sociedade passada.

Portanto, esses novos recortes culturais produzidos por sistemas semióticos representam a visão de mundo de uma sociedade, num determinado lugar e espaço e transpõem-se, circunstancialmente, num universo de discurso especializado por meio dos termos que o constituem ao nível da norma.

Não bastasse apenas o desenvolvimento científico, a Arqueologia também possui uma idiossincrasia no que concerne principalmente ao trabalho de campo. Considerando tal ciência numa perspectiva holística do estudo do homem pelos seus traços de ocupação, pela sua ação no meio ambiente que se traduz em artefatos, ecofatos, vestígios da sua passagem ou ocupação em um dado momento em determinado local, nota-se a sua transdisciplinaridade.

Utilizando-se das coordenadas *tempo* e *espaço*, o arqueólogo objetiva estudar a sociedade que produziu esses vestígios utilizando-se, para tanto, não somente de dados de outras áreas do conhecimento mas também pesquisas, instrumentos, técnicas, métodos e conceitos que são transportados para a Arqueologia resultando no uso de termos importados.

Haja vista o termo *trincheiras*, transferidos da disciplina militar britânica e aplicados por Pitt Rivers e Wheeler ao trabalho de campo, como metaforicamente uma guerra entre civilizações (Inglaterra, Alemanha e França) travada no âmbito cultural empregando um exército de soldados, devidamente treinados e disciplinadamente comprometidos com os resultados e a seriedade do trabalho empenhado.

O arqueólogo investiga os restos materiais depositados no solo e, portanto, necessita de conhecimentos sobre sedimentação, estratificação, rochas, anomalias que possam indicar diferentes materiais na sub-superfície para a detecção dos sítios arqueológicos, fazendo uso da Geologia e Geofísica para avaliar fenômenos físicos que afetam a Terra, tais como: gravidade, condutividade e resistividade de materiais, magnetismo e eletromagnetismos, são princípios pelos quais a Geofísica elabora seus métodos e instrumentos para uso próprio e da Arqueologia.

Para levantar informações sobre possíveis ocupações, faz-se necessário o uso de informação da História e da Geografia, esta na indicação de melhores condições de ocupação em determinado local devido às condições climáticas, de relevo e recursos naturais; aquela por fornecer relatos de ocupações anteriores.

Para reconstruir esse cenário em que se localizam, temporal e espacialmente, tais restos culturais, a Arqueologia tem que ser auxiliada pela Biologia nos estudos sobre a fauna e a flora extintas ou passadas. Dessa intersecção tem-se um ramo da ciência que se funde à Biologia: a Paleontologia, a Zooarqueologia e a aplicação da Palinologia na Arqueologia.

O modo de vida é estudado a partir das relações entre estrutura, artefato, função e contexto, e estão paralelamente ligadas ao estudo do homem no âmbito da Antropologia e da Etnografia.

A Antropologia coloca-se como fonte das ciências Arqueologia e Etnologia e, faz-se presente na adoção de conceitos, tais como: cultura, sociedade, mudança cultural, cultura material, evolucionismo ecológico, evolucionismo tecnológico, difusionismo, funcionalismo, entre outros.

Já a Etnologia empresta seus conceitos e, numa relação de permutação, funde-se à Arqueologia com uma abordagem analógica: a Etnoarqueologia.

Em relação aos fenômenos físicos e químicos, a Geofísica é essencial à localização de sítios e estruturas sub-superfície, a Química e a Física atuam na análise e datação dos restos arqueológicos do sítio, fornecendo, assim, meios para que os arqueólogos embasem suas conclusões em dados científicos.

Todas essas áreas, de um modo ou de outro contribuem não só para a formação do vocabulário da Arqueologia, mas também para a cientificidade da área, pois sem os dados e análise do registro arqueológico, a disciplina não teria ultrapassado os limites do amadorismo.

Desse modo, nada mais coerente que os termos e conceitos da Arqueologia representarem essa relação transdisciplinar, primordialmente no trabalho de campo, cujas etapas estão ligadas a diferentes ciências.

Assim, dos quatro campos temáticos que se apresentam: levantamento geofísico, levantamento topográfico, escavação e datação, os três primeiros referem-se à localização do sítio ou registro arqueológico em diferentes níveis de superfície.

O *levantamento geofísico* tem por objetivo detectar na superfície ou na sub-superfície anomalias que indiquem ocupação humana. Os termos desse campo temático englobam princípios geofísicos, instrumentos que se utilizam desses princípios e métodos que aplicam os dois anteriores. Localização é o conceito mais utilizado.

O *levantamento topográfico* tem vistas à reprodução do relevo do sítio em um mapa topográfico para a plotagem de dados e preparação do terreno para a escavação. Esse campo temático possui princípios, instrumentos e métodos de medida do terreno. Mensuração é o conceito aqui mais utilizado.

A *escavação* objetiva o levantamento de dados do sítio de forma incisiva, mais profunda que a geofísica, na remoção da camada sedimentar para localizar e estudar com detalhe a maioria dos restos arqueológicos, registrá-los e classificá-los, analisá-los e interpretá-los. Esse campo trata de métodos e instrumentos de remoção da superfície do terreno. Remoção é o conceito mais utilizado.

A datação envolve procedimentos químicos, físicos e tipos de substâncias que podem ser datadas.

As combinações sintagmáticas são, às vezes, dadas pelo tipo de ação em combinação com a preposição *por* ou *de* para caracterizar qual instrumento, princípio, procedimento ou substância são usados nesta ação: LG - Prospecção por *magnetômetro de próton, de resistividade elétrica, por radar de solo, símica etc*; LT – Levantamento *planimétrico, altimétrico, plani-altimétrico*; ES – escavação por *níveis naturais, níveis artificiais, e DA – datação por fissão nuclear, séries de Urânio*. Esses termos aludem ao tipo de investigação e ao instrumento utilizado.

Entre os quatro campos temáticos do trabalho de campo ocorrem relações de busca, identificação e análise. Em relação à investigação, ela pode ser aérea (reconhecimento aéreo), de superfície ou sub-superfície. Na verdade, todo o procedimento pode ser visto como uma escavação ou preparação para tal, pois envolve etapas de localização do sítio e dos materiais nele encontrados (artefatos, vestígios, estruturas) em diferentes estratos e examiná-los em relação ao tempo e espaço. Quanto ao espaço, tem-se o levantamento geofísico e topográfico, bem como a escavação; e, ao tempo, perpassa em menor escala cada um desses campos anteriores, mas, principalmente, a datação.

5.2 Formação das unidades terminológicas da Arqueologia de Campo

5.2.1 Aspectos morfossintáticos

As unidades terminológicas da Arqueologia de Campo são formadas por empréstimos de outro sistema lingüístico, por lexias já existentes no sistema, lexias simples, lexias complexas e combinações sintagmáticas.

Em conformidade com a padronização da ISO 704, o vocabulário da área prima pela utilização de termos da língua nativa. Em relação aos termos do campo temático escavação, percebe-se uma apropriação de lexias simples que são tomadas da língua geral no nível de sistema e demonstram uma improvisação do trabalho de campo com uso de objetos de uso comum aplicados à escavação.

Nos quatro campos percebe-se a prevalência de morfemas greco-latinos adaptados aos padrões da língua nativa e às suas características morfossintáticas, principalmente no que se refere à áreas de Geofísica e Física que são normalizadas internacionalmente e já consolidadas.

Em relação aos tipos de lexias, diferenciadas pelo número de constituintes e pela integração semântica e sintática dos seus elementos, tem-se: simples, compostas, complexas e textuais. Dentro do contexto da norma usada por um grupo de especialistas, verifica-se a classificação entre termos simples e termos complexos. Vale lembrar que, no processo de composição dos termos, nota-se a utilização de radicais greco-latinos e utilização de sufixos.

O campo temático *levantamento geofísico* apresenta termos formados com a utilização de afixos e radicais greco-latinos, principalmente no que se refere à mensuração. Nota-se o uso de radicais latinos em composição com afixos (*-metria* e *-metro*) gregos: cintilometria, cintilômetro; condutivímetro; espectrometria, espectrômetro; gradiômetro; gravimetria, gravímetro e radiometria. Além desses, o radical grego em composição com sufixo grego (*-metro*, *-metria* ou *-scopia*): fotogrametria, magnetômetro e estereoscopia. A partir desses termos, tem-se a derivação sufixal em combinação com a lexia *método*: método radiométrico, método magnético, método gravimétrico, bem como a combinação de outros formados a partir do sufixo *-dade* : resistividade, condutividade, que originam método de resistividade, método de condutividade. Esse tipo de composição é responsável pela quase totalidade dos termos do levantamento geofísico. Tomam-se como exceção as três abreviações: EM, GPS (*Global Positioning System*) e GPR (*Ground Positioning Radar*) mantidas do inglês na ordem

das lexias que a formam; e as com origem no inglês (*detector, prospection e resistive*) originando detector de metais, prospecção e resistividade.

Em relação ao levantamento topográfico, mantém-se o sufixo -metro e -metria devido à atividade de mensuração em composição com os radicais latinos: altimetria, planimetria, altimétrico, planimétrico, planímetro, taqueômetro; de radicais gregos: topografia, clinômetro; e lexias simples do latim: baliza, bússola, nível, prumo, trena, trado, trânsito. São apontadas também lexias importadas do inglês, mas já adaptadas às características morfossintáticas do português: estação total (*total station*), plotar (*plot*), teodolito (*theodolite*).

O campo temático *escavação* é formado por unidades lexicais de uso da língua geral: pincel, pá de pedreiro e por combinações de unidades lexicais que assumem outro conceito, mantendo semas em comum, mas que são acompanhadas pelo qualificativo arqueológico. Esses termos não possuem uma tendência de formação em relação aos radicais e afixos. Tem-se: achado, camada, contexto, estrutura, nível, perfil, restos, sítio, testemunhos e vestígios arqueológicos.

Retomando a combinação entre radicais greco-latinos, o campo *datação* possui lexias formadas por radicais e sufixos latinos, gregos e a combinação de ambos: cronologia, termo-remanescente, termoluminescência (gr. + lat.); tipológica, arqueomagnética, paramagnético (gr. + gr.) ou dendrocronologia (gr. + gr.+ lat.); estratigrafia, radiométrica (lat. + gr.); radioativa, radiocarbônica (lat. + .lat.). Duas exceções ocorrem: a lexia *spin* cuja grafia do inglês e a referência ao tipo de rocha datada, *varvito* não tem referência nos dicionários, mas aparece adaptada morfossintaticamente (*varvecronologia*).

Alguns substantivos são formados pela composição dos sufixos *-ação, -agem e -mento*, a partir de verbos: escavação, racemização, datação, flotação, estratificação, magnetização; peneiragem, raspagem, decapagem, sondagem; levantamento, sepultamento.

Quanto aos aspectos morfossintáticos, percebe-se, portanto, que a formação dos termos por composição engloba substantivos, substantivos seguidos de adjetivos, substantivo seguido de advérbio, substantivos seguidos de sintagmas preposicionados, substantivos seguidos de sintagma preposicionado e adjetivo, e, substantivo seguido de adjetivo e sintagma preposicionado, bem como alguns verbos.

TIPOS DE COMPOSIÇÃO	
Substantivo	Ecofato, artefato, trincheira, seriação, georadar, magnetômetro, resistivímetro etc.
Subs. + Adjetivo	Método magnético, prospecção térmica, marco topográfico, contexto arqueológico, corte estratigráfico, cronologia histórica etc.
Subs. + Sintagma Preposicional	Racemização de aminoácidos, detector de metais, gradiômetro de fluxo, formulário de campo, escavação de salvamento, método de quadrantes etc.
Subs. + SP + Adj.	Datação de sedimento marítimo, ressonância de <i>spin</i> eletrônico, método de fontes passivas, metro de resistividade elétrica, escavação por níveis arbitrários, método de superfícies amplas, prospecção de resistividade elétrica etc.
Subs. + Adj. + SP	Método eletromagnético de alta frequência
Subs. + Adv. + Adj.	Luminescência opticamente estimulada

Quadro 11: Tipos de composição dos termos da Arqueologia de Campo.

DERIVAÇÃO	
PREFIXAL	SUFIXAL
<i>Alti- elevado</i>	
<i>Arqueo- antigo</i>	
<i>Cintil- brilho</i>	
<i>Clino- inclinação</i>	
<i>Dendro- árvore</i>	-metro
<i>Electro- elétrico</i>	-metria
<i>Espectro- feixe</i>	-grafo
<i>Estereo- sólido</i>	-grafia
<i>Estrati- camada</i>	-logia
<i>Foto- luz</i>	
<i>Gramma- registro</i>	
<i>Gravi- pesado</i>	
<i>Magneto- imã, magnetismo</i>	
<i>Para- perto</i>	
<i>Radio- radiação</i>	
<i>Scopi- examinar</i>	
<i>Taqueo- rápido</i>	
<i>Termo- calor</i>	
<i>Topo- lugar</i>	

Quadro 12: Prefixos e sufixos de composição dos termos da Arqueologia de Campo.

5.2.2 Aspectos semânticos

Os conceitos da subárea de Arqueologia tratada, neste trabalho, estabelecem relações hierárquicas de maior organização nas áreas de geofísica e física devido à consolidação de tais ciências e seus procedimentos, conseqüentemente, sua terminologia.

No que concerne às áreas acima referidas, o uso de unidades terminológicas de formação sintagmática evidencia a estruturação hierárquica.

Ocorre, no campo específico da Arqueologia a existência de termos oriundos da língua geral, mantendo semas relacionados à significação primeira de tal unidade lexical, mas que têm sua significação restrita ao âmbito da Arqueologia pelo uso de qualificativos: *arqueológico* bem como nos outros campos temáticos: *topográfico, estratigráfico, magnético* etc.

Além disso, uma ampla gama de termos simples é formado por unidades lexicais da língua geral que só sofreram restrição quanto ao contexto em que são utilizadas. Sabe-se que *pá de pedreiro/ colher* é usada na construção civil mas, aqui, estabelece-se vínculo de função no trabalho de campo, especificamente, na escavação.

Quanto às relações de significação, tem-se as relações de monossemita, polissemia, homonímia, homossemia total, homossemia parcial, hiperonímia/hiponímia e paronímia.

Ao se estudar o vocabulário de Arqueologia, percebe-se que a polissemia ocorre no campo da teoria devido à inexistência de concepções diversas para os instrumentos, princípios e métodos utilizados no trabalho de campo, que, dadas as circunstâncias, não sofre variações de conteúdo de seus significantes. No que concerne à teoria, alguns semas conceituais são mantidos na concepção dessa ciência por esta ou aquela corrente arqueológica, no entanto, são acrescidos, na forma de semas específicos outros semas que compõem a definição desta unidade terminológica. Também são emprestados à Arqueologia, não só acréscimos quanto à vertente teórica, mas também a todo o procedimento que envolve o trabalho arqueológico como se percebe nos termos Arqueologia de campo, Arqueologia de Salvamento, Arqueologia Brasileira, Arqueologia Latino-Americana.

A homossemia total ocorre devido às circunstâncias de uso, no caso, de preferência pela forma abreviada em relação à expandida: GPS em vez de *Global Positioning System*. Cabe destacar que o termo expandido só é usado em inglês e, no Brasil, a abreviação já está consolidada; C14 em vez de Radiocarbônica; TL em vez de termoluminescência; GPR ou Georadar ao invés de radar de penetração no solo; TRM em vez de Termo-remanescente;

OSL ou LOE concomitantemente a Luminescência Opticamente Estimulada, no qual ambas abreviações concorrem devido à não consolidação da abreviação em português; e, no caso de homossemia total em ESR (Ressonância de spin eletrônico) paralelamente usada a EPR (Ressonância paramagnética nuclear), possivelmente, pela não adoção de um termo que melhor identifique tal técnica.

No caso de Cintilometria, ao invés de Contagem gama total, termo que substituiu a unidade sintagmática devido à aplicação dos princípios da ISO de formação dos termos, a saber: transparência, consistência, adequação, economia, produtividade, correção e preferência pelo uso da língua nativa, pois esse termo já se faz consolidado.

Ocorre também alternância do uso de um termo complexo que, às vezes, aparece em forma diminuta por omissão de um de seus componentes, como é o caso de escavação por decapagem > decapagem, contexto arqueológico > contexto; coleta de superfície sistemática > coleta de superfície > coleta sistemática. Nesses casos, ocorre a supressão de um termo por economia lingüística, já que, num mesmo texto científico, tratando-se de arqueologia não há necessidade de constantemente qualificar os termos *restos*, *dados*, *vestígios*, *achado*, *perfil*, *camada*. Ocorre a necessidade quando dois termos são utilizados concomitantemente, e.g. camada arqueológica / camada estratigráfica.

A homossemia total também se apresenta na utilização de unidades lexicais parassinonímicas (salvamento/ resgate) em composição com o termo arqueologia e escavação: arqueologia de resgate/ arqueologia de salvamento, escavação de resgate/ escavação de salvamento.

As relações de hiperonímia e hiponímia estabelecem-se na construção da terminologia científica que se organiza hierarquicamente e são refletidas na estrutura morfossintática das unidades terminológicas que a compõem, em maior grau nas já consolidadas, haja vista o que ocorre no campos temáticos *levantamento geofísico e datação*, e, em menor escala, no levantamento topográfico e na escavação, esta última, com a incidência de algumas unidades lexicais de língua geral transposta para a língua de especialidade num processo de terminologização bem como algumas unidades terminológicas formadas na transposição de termo técnico científico de uma outra especialidade. Nesse caso, ocorre em perfil (estratigráfico, topográfico) arqueológico, estrutura arqueológica, camada (estratigráfica) arqueológica, plotagem, e, naquele, ocorre em achado, contexto, peneira, restos, quadrícula, vestígios.

O hiperônimo compõe, na maioria das vezes, parte nuclear do sintagma terminológico subordinado, refletindo na estrutura morfológica essa relação vertical entre hiperônimo e

hipônimo: datação, datação relativa, datação absoluta, datação (absoluta) radiocarbônica; escavação, escavação por níveis naturais, escavação por níveis artificiais, levantamento topográfico, levantamento topográfico planimétrico etc; traçando, assim, as características distintivas por meio do elemento não nuclear do sintagma terminológico.

VI VOCABULÁRIO SISTEMÁTICO DA ARQUEOLOGIA DE CAMPO

LEVANTAMENTO GEOFÍSICO

Caderneta de campo *Field notebook*

GEOFÍSICA. Caderno usado para anotações de dados no sítio sob prospecção geofísica no qual são registrados distâncias, descrição da paisagem, rochas minerais e fósseis, direção e inclinação (**mergulho**) das camadas.

Cintilometria ou contagem gama total. *Cintilometry.*

FÍSICA. Técnica de mensuração radiométrica que visa a identificação de elementos radioativos como K, U e Th.

Nota: Considera como princípio a propriedade de certas substâncias para gerar cintilações no impacto com fótons gama ou com partículas beta por meio do cintilômetro.

Cintilômetro *Cintilometer*

FÍSICA. Instrumento de mensuração da radioatividade natural das rochas utilizado para diferenciar os tipos e procurar minérios radioativos.

Condutivímetro. *Conductivimeter*

GEOFÍSICA. Instrumento de mensuração da condutividade por meio da emissão de um campo magnético primário induzindo correntes elétricas em subsuperfície a gerarem um campo secundário.

Contagem gama total *Cintilometry*

Ver Cintilometria.

Detector de metais *Metal detectors*

GEOFÍSICA. Instrumento que se utiliza do magnetismo e da condutividade para detectar estruturas subterrâneas tais como objetos de metal e anomalias.

EM34 *EM34*

GEOFÍSICA. Resistivímetro de investigações de superfície de 7,5 a 15 m de profundidade com baixa resolução usado em mineração.

EM38 EM38

GEOFÍSICA. Resistivímetro de investigações de superfície de até 1,5 m de profundidade usado em agricultura e arqueologia com boa qualidade de sinais.

Espectrometria Spectrometry

GEOFÍSICA. Técnica de mensuração radiométrica que visa a contagem das quantidades individuais dos elementos radioativos K, U e Th por meio de espectrômetros multicanais.

Nota: A espectrometria gama de superfície é usada no mapeamento geológico-geofísico, no monitoramento da radiação natural, na avaliação da radioatividade de materiais de construção e concentrações carbonáticas.

Espectrômetro Spectrometer

GEOFÍSICA. Instrumento que detecta as radiações, permitindo a visualizaçãodo espectro de energia de decaimento de K, U e Th.

Nota: A detecção de anomalias geofísicas por meio de investigação rasa são utilizadas para delinear e delimitar as escavações.

Estereoscopia Stereoscopy

FÍSICA. Técnica de reconstrução tridimensional de objetos a partir de duas imagens de ângulos diferentes do mesmo objeto.

Nota: Esta técnica é utilizada para recriar, a partir de registro fotográfico, artefatos em 3D.

Fotogrametria Photogrammetry

FÍSICA. Técnica usada para a determinação da forma, tamanho e posição com exatidão métrica de uma estrutura registrada numa fotografia.

Nota: A fotogrametria digital é baseada no princípio da estereoscopia para determinar a altimetria do terreno.

Geofísico Geophysicist

GEOFÍSICA. Profissional que estuda a Geofísica. Indivíduo que estuda os fenômenos físicos que afetam a Terra.

Geólogo *Geologist*

GEOLOGIA. Profissional que estuda a Geologia. Indivíduo que estuda a origem, formação e transformação da Terra.

Georadar *GPR*

Ver GPR

GPR Radar de penetração no solo *GPR (Ground Positioning Radar)*

GEOFÍSICA. Sistema de interface de radar usado para investigação de subsuperfície nos levantamentos geológicos, geofísicos e arqueológicos atingindo até 60 m de profundidade.

GPS (Global Positioning System) *GPS*

GEOFÍSICA. Instrumento eletrônico de medição de distâncias com sistema de radionavegação por satélite que possibilita aferir sua localização, velocidade e tempo sob quaisquer condições atmosféricas em qualquer ponto.

Gradiômetro de fluxo *Fluxgate gradiometer*

GEOFÍSICA. Instrumento de mensuração de campo magnético usado para medir anomalias geológicas.

Gravimetria *Gravimetry*

GEOFÍSICA. Método de mensuração usado para determinar os níveis do campo gravitacional da Terra.

Gravímetro *Gravimeter*

GEOFÍSICA. Instrumento de mensuração das variações de gravidade, da densidade e compactação do meio. *Nota: não é utilizado na arqueologia.*

Magnetômetro *Magnetometer*

GEOFÍSICA. Instrumento de mensuração utilizado para determinar o campo magnético de rochas na subsuperfície.

Magnetômetro de fluxo saturado *Fluxgate magnetometer*

GEOFÍSICA. Instrumento de mensuração do campo magnético da Terra por meio da saturação magnética produzida no material ferromagnético que o constitui.

Magnetômetro de próton *Proton magnetometer*

GEOFÍSICA. Instrumento que através da precessão nuclear de prótons faz medidas do valor absoluto do campo magnético terrestre causado por estruturas ou objetos depositados no solo.

Método de fontes ativas *Active shielding method*

GEOFÍSICA. Métodos que produzem alterações no meio para medir o comportamento deste, tais como elétrico, eletromagnético, sísmico.

Métodos de fontes passivas *Passive shielding method*

GEOFÍSICA. Métodos que medem variações das propriedades físicas naturais do meio tais como magnetismo, susceptibilidade, gravidade, radioatividade.

Método elétrico *Electrical method*

GEOFÍSICA. Método de fonte ativa que determina a resistividade dos materiais em relação à corrente elétrica artificial.

Método eletromagnético de alta frequência (GPR) *High frequency electromagnetic method*

GEOFÍSICA. Método de fonte ativa que se utiliza de radar de penetração no solo para produzir onda eletromagnética de alta frequência para verificar existência de materiais no subsolo.

Método eletromagnético de baixa frequência (EM38) *Low frequency electromagnetic method*

GEOFÍSICA. Método de fonte ativa que se utiliza da propagação de campos eletromagnéticos de baixa frequência para a leitura da condutividade (por meio de um condutímetro).

Método gravimétrico *Gravimetric method*

GEOFÍSICA. Método de fonte passiva que determina os contrastes de gravidade de determinado local por meio de gravímetros.

Método magnético *Magnetic method*

GEOFÍSICA. Método de fonte passiva que verifica as variações de conteúdo magnético de rochas próximas à superfície (por meio de magnetômetro).

Nota: Os restos arqueológicos de composição ferrosa e lítica causam anomalia magnética.

Método radiométrico *Radiometric method*

FÍSICA. Método de fonte passiva utilizado para detectar a presença de elementos radioativos por meio de cintilometria ou espectrometria .

Método sísmico *Seismic method*

GEOFÍSICA. Método de fonte ativa que se baseia na propagação de ondas sonoras provocadas no subsolo cuja velocidade é registrada em forma de anomalias pelo sismógrafo.

Metro de condutividade do solo *Soil conductivity meter*

Ver Condutivímetro.

Metro de resistividade elétrica *Electrical resistivity meter*

Ver Resistivímetro.

Prospecção *Prospection*

GEOLOGIA. Técnica utilizada para localizar anomalias na subsuperfície do solo num sítio arqueológico.

Prospecção de magnetômetro de próton *Proton magnetometer survey*

GEOLOGIA. Prospecção realizada com instrumento de mensuração do valor absoluto do campo magnético terrestre causado por estruturas ou objetos depositados no solo por meio da precessão nuclear de prótons.

Prospecção de resistividade elétrica *Electrical resistivity survey*

GEOFÍSICA. Prospecção realizada com instrumento de mensuração de resistividade elétrica

Prospecção por magnetômetro de fluxgate *Fluxgate magnetometer survey*

GEOFÍSICA. Prospecção realizada com instrumento constituído por sensor que detecta variações de fluxo magnético.

Prospecção por radar de solo *Ground radar survey*

GEOFÍSICA. Prospecção invasiva da subsuperfície do solo por meio de georadar.

Prospecção sísmica *Seismic survey*

GEOFÍSICA. Método de diagnóstico de terrenos por meio das variações da densidade e propriedade mecânicas dos solos.

Prospecção térmica *Thermal prospection*

GEOFÍSICA. Método de reconhecimento aéreo que, por meio de sensoriamento remoto, detecta variação térmica entre estruturas arqueológicas enterradas e o entorno.

Radiestesia *Dowsing*

FÍSICA. Sensibilidade à radiação captada por instrumento bifurcado na detecção de estruturas sob a superfície.

Nota: técnica considerada duvidosa mas que teve grande utilização antes do desenvolvimento científico-tecnológico da área.

Radioatividade *Radioactivity (sensing test)*

FÍSICA. Propriedade que possui alguns materiais de emitir radiação eletromagnética.

Radiometria *Radiometry*

GEOFÍSICA. Mensuração da distribuição de material radioativo na superfície terrestre.

Resistividade *Resistivity*

GEOFÍSICA. Propriedade do solo ou depósitos sob superfície em resistir a uma corrente elétrica.

Resistímetro *Resistivity meter*

GEOFÍSICA. Instrumento de mensuração da resistividade elétrica da Terra usado para identificar estruturas e vestígios arqueológicos.

Sismógrafo *Seismograph*

GEOFÍSICA. Instrumento de mensuração da intensidade das ondas sísmicas.

Sismologia *Seismology*

GEOFÍSICA. Ciência que estuda as ondas sísmicas propagadas através das camadas no interior da Terra.

LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO

Altimetria. *Altimetry*

TOPOGRAFIA. Técnica de mensuração das altitudes de terreno representando seus pontos em planta topográfica.

Baliza *Range poles or meter rod*

TOPOGRAFIA. Estaca de madeira ou metal, bicolor, utilizada na demarcação e localização de pontos topográficos.

Bússola *Prismatic compass*

TOPOGRAFIA. Instrumento de localização das coordenadas N/S utilizado para orientação, medir direção e inclinação de camadas em geologia. Instrumento utilizado para orientação e medida dos ângulos em uma transversal em prospecção de reconhecimento.

Caderneta do engenheiro *Engineer field notebook*

TOPOGRAFIA. Caderno usado para anotações de dados topográficos do terreno.

Clinômetro *Clinometer*

TOPOGRAFIA. Instrumento ótico de mensuração da inclinação do terreno.

Estação total *Total station*

TOPOGRAFIA. Teodolito eletrônico.

Teodolito taquimétrico de alta precisão que fornece distâncias, ângulos horizontais e verticais, capaz de armazenar dados para transferência direta em software topográfico.

Ver Teodolito.

Estadia *Stadia*

TOPOGRAFIA. Instrumento de mensuração de distâncias.

GPS *GPS*

Ver Levantamento geofísico.

Levantamento altimétrico *Altimetric surveying*

TOPOGRAFIA. Levantamento topográfico que visa representar as alturas da área de um terreno em relação a um plano topográfico num perfil.

Levantamento planimétrico *Planimetric surveying*

TOPOGRAFIA. Levantamento topográfico que visa representar o contorno do terreno por meio de suas medidas numa planta planimétrica.

Levantamento planimétrico-altimétrico *Planimetric-altimetric surveying*

TOPOGRAFIA. Levantamento topográfico que visa determinar o contorno da área de um terreno e suas alturas em relação a um plano topográfico numa planta topográfica.

Levantamento topográfico *Topographic survey*

TOPOGRAFIA. Processo de mensuração que reproduz por meio de mapas topográficos todas as características físicas da superfície do terreno.

Marco topográfico *Bench mark*

TOPOGRAFIA. Ponto demarcado no terreno por meio de concreto ou peça metálica com informação gravada.

MED (Medidor Eletrônico de Distância) *EDM Electro-optical distance measuring*

TOPOGRAFIA. Instrumento de mensuração que calcula a distância entre dois pontos por meio da emissão de um feixe de luz.

Metro de Engenheiro *Leveling rod*

TOPOGRAFIA. Instrumento de medição com divisões métricas em metal ou madeira.

Nível Abney hand level

TOPOGRAFIA. Instrumento de mensuração das altitudes (**cotas**) por meio da determinação distâncias verticais ou diferenças de nível dos diversos pontos num plano horizontal de referência.

Nota: O nível tipo Abney possui um clinômetro

Nível automático *Automatic level*

TOPOGRAFIA. Nível que se utiliza de prisma de referência gravitacional automaticamente.

Nível de bolha *Spirit level or bubble level*

TOPOGRAFIA. Nível que determina se uma linha está em posição horizontal.

Nível digital *Digital level*

TOPOGRAFIA. Nível que se utiliza de processamento de imagem digital para determinar distâncias e alturas automaticamente.

Nota: Grava as informações obtidas que podem ser transferidas para um computador.

Nível tipo Dumpy *Dumpy level*

TOPOGRAFIA. Nível que determina as elevações verticais do terreno formado por um telescópio e um nível bolha.

Perfil topográfico *Topographic profile*

TOPOGRAFIA. Representação gráfica de um corte da superfície do terreno.

Nota: Projeção do terreno como ele se apresenta ao longo dos alinhamentos de uma poligonal.

Piquete *Pin*

TOPOGRAFIA. Instrumento pontiagudo de metal usado para fixar temporariamente pontos topográficos.

Planimetria *Planimetry*

TOPOGRAFIA. Levantamento topográfico destinado a fornecer as medidas do terreno plano.

Planímetro *Planimeter*

TOPOGRAFIA. Instrumento de mensuração da área de um terreno plano.

Plotagem *Plotting*

TOPOGRAFIA. Ato de transferir os dados do levantamento topográfico ou geofísico em uma malha de referência numa estação total.

Plotar *Plot*

TOPOGRAFIA. Ação de transferir ou inserir dados numa malha topográfica.

Prancheta do engenheiro *Plane table*

TOPOGRAFIA. Suporte usado para apoiar a caderneta de campo durante as anotações topográficas.

Prumo *Plumb bob*

TOPOGRAFIA. Instrumento de metal usado para determinar a direção vertical.

Referência de nível (RN) *Level reference (LR)*

TOPOGRAFIA. Referência localizada em pontos estratégicos de uma área que permite reconstruir o levantamento altimétrico.

Taqueômetro *Tacheometer*

TOPOGRAFIA. Teodolito de mensuração indireta das distâncias.

Nota: É a combinação de teodolito eletrônico, medidor eletrônico de distância, processador e gravador de dados que objetiva precisar a mensuração de distância.

Teodolito *Theodolite*

TOPOGRAFIA. Instrumento óptico de mensuração precisa dos ângulos horizontais e verticais.

Topografia *Topography*

ENGENHARIA CIVIL. Ciência que descreve os acidentes geográficos por meio de representação detalhada da superfície e estuda instrumentos, métodos e cálculos necessários para essa representação gráfica.

Nota: Baseia-se na Geometria e Trigonometria para seus cálculos.

Topógrafo *Topographer*

TOPOGRAFIA. Profissional que estuda Topografia de determinada área e elabora o mapa topográfico com aplicação de instrumentos próprios.

Tradar *Augering*

TOPOGRAFIA. Ação de fazer furos no solo utilizando o trado.

Trado *Auger or gouge hand-auger*

TOPOGRAFIA. Instrumento de metal utilizado para fazer furos no solo para sondagens.

Trânsito *Transit*

TOPOGRAFIA. Instrumento de mensuração de ângulos horizontais.

Trena *Steel tape or Range meter.*

TOPOGRAFIA. Instrumento de mensuração de distâncias em forma de fita metálica ou a laser.

ESCAVAÇÃO

Achado arqueológico *Archaeological find*

ARQUEOLOGIA. Artefatos, estruturas ou restos arqueológicos encontrados numa prospecção ou escavação.

Arqueologia *Archaeology*

CIÊNCIA SOCIAL. Ciência que estuda as sociedades através da recuperação, descrição, análise e interpretação de seu registro arqueológico no tempo e no espaço

Arqueólogo *Archaeologist*

ARQUEOLOGIA. Profissional que estuda a Arqueologia. Indivíduo que estuda a sociedade por meio de sua produção material.

Artefato *Artifact*

ARQUEOLOGIA. Produto da ação humana na forma de objeto portátil, usado, modificado ou descartado pelo homem, encontrado no sítio arqueológico.

Camadas arqueológicas *Archaeological layers*

ARQUEOLOGIA. Depósito sedimentar constituído por estratos num sítio arqueológico onde se acumulam vestígios de atividades humanas. Acumulações e variações da ocupação humana depositadas através de erosões e sedimentações que contém restos materiais e vestígios de uma cultura.

Camadas estratigráficas *Stratigraphic layers*

GEOLOGIA. Menor unidade formal estratigráfica delimitada por dois planos de estratificação que as separam dos estratos superiores e inferiores. *Sin.* **Estrato**

Coleta de superfície sistemática *Systematic surface search*

ARQUEOLOGIA. Coleta aleatória na superfície de um sítio arqueológico realizada após demarcação de uma área.

Contexto arqueológico *Archaeological context*

ARQUEOLOGIA. Relação temporal e espacial dos artefatos, ecofatos, vestígios e estruturas arqueológicas inseridas no sítio arqueológico em associação vertical e horizontal.

Contexto primário *Primary context*

ARQUEOLOGIA. Contexto arqueológico original de deposição estratigráfica sem interferência humana ou de desastres naturais que o modifiquem.

Contexto secundário *Secondary context*

ARQUEOLOGIA. Contexto arqueológico que sofreu interferência da ação humana ou da natureza após sua deposição estratigráfica.

Corte estratigráfico *Stratigraphic section*

GEOLOGIA. Técnica para evidenciar a deposição da camada arqueológica por meio de aberturas ou cortes verticais no sítio arqueológico.

Nota: Verificam-se a deposição dos vestígios arqueológicos e coletam-se amostras para datação por meio de cortes estratigráficos.

Dados arqueológicos *Archaeological data*

ARQUEOLOGIA. Informações obtidas pela análise e interpretação do registro arqueológico.

Decapagem *Decapag or Raboutage*

ARQUEOLOGIA. Técnica de escavação na qual a superfície do solo é removida cuidadosamente para se evidenciar estruturas frágeis.

Diário de campo *Field notebook*

ARQUEOLOGIA. Caderno usado para anotações da prospecção e escavação.

Nota: Anota-se informação referente à quadrícula (nível/setor) em que o aluno e/ou arqueólogo está escavando ou, na prospecção, o material encontrado com a devida numeração.

Ecofato *Ecofact*

ECOLOGIA. Produto da ação da natureza na forma de restos orgânicos e ambientais depositados na camada arqueológica ou encontrado no sítio e no seu entorno.

Escavar *Excavate*

ARQUEOLOGIA. Ação de remover a camada sedimentar que cobre o sítio para evidenciar o registro arqueológico.

Escavação *Excavation*

ARQUEOLOGIA. Etapa do trabalho de campo que visa a evidenciação de artefatos, estruturas e ecofatos arqueológicos por meio da remoção de camadas artificiais ou estratigráficas.

Escavação de resgate *Rescue excavation*

Ver **Escavação de salvamento**

Escavação de salvamento *Savage excavation or Rescue excavation*

ARQUEOLOGIA. Método de escavação utilizado pelos arqueólogos em sítios que estão em processo de destruição ou em risco de serem destruídos.

Escavação por níveis arbitrários *Excavation by arbitrary level*

ARQUEOLOGIA. Método de escavação no qual camadas de sedimento de espessura invariável são removidas e consideradas unidade de escavação.

Nota: É utilizada em sítios onde haja dificuldade em se constatar os níveis estratigráficos. Todos os vestígios encontrados naquela espessura são tidos como cronologicamente próximos.

Escavação por níveis naturais *Excavation by stratigraphic levels*

ARQUEOLOGIA. Método de escavação no qual camadas são retiradas de acordo com a deposição das camadas estratigráficas.

Nota: A remoção dos estratos de acordo com a disposição humana e geológica dos vestígios materiais.

Escavar *Excavate*

ARQUEOLOGIA. Ação de remover a superfície do solo para evidenciar vestígios arqueológicos.

Estratificação *Stratification*

GEOLOGIA. O processo de deposição de material sedimentar retirado de zonas expostas à erosão para se acumular em zonas de sedimentação.

Estrato *Stratum*

GEOLOGIA. Camadas sucessivas de depósito sedimentar ocorridas num tempo e espaço definidos.

Estrutura arqueológica *Archaeological structure*

ARQUEOLOGIA. Conjunto de vestígios evidenciando uma organização de atividade humana em determinado território.

Nota: A associação de restos arqueológicos tais como restos alimentares e fogueira indicam uma estrutura de combustão.

Etiqueta *Label*

LG. Identificação do material arqueológico numerada.

Flotação *(Froth-)Flotation*

QUÍMICA. Método de separação de fragmentos de carvão de outros restos materiais por meio da flutuação. Método de separação de ecofatos de amostras de sedimento escavado por meio de lavagem e peineiração.

Nota: Coloca-se amostras do sedimento em uma cuba e imerge-a em água para que o carvão possa flutuar e peneiram-se os restos materiais sólidos.

Formulário de campo *Field form*

ARQUEOLOGIA. Ficha com informações do sítio arqueológico.

Nota: Informações sobre a origem do sítio, sigla do Estado, da sub-bacia hidrográfica e ordenação numérica.

Método de quadrantes *Quadrant method*

ARQUEOLOGIA. Método de escavação no qual o sítio ou a área onde se localiza uma estrutura circular é dividida em quatro partes e os segmentos são escavados alternadamente, como num sistema de rotatividade.

Método de quadrículas ou Wheeler *Wheeler method*

ARQUEOLOGIA. Método de escavação no qual divide-se toda a área do sítio em quadrículas de tamanho pré-definido mantendo-se intactas porções de terra, testemunhos, para possibilitar a verificação de estratos.

Nota: Método que favorece a visão horizontal e vertical do sítio e dos registros arqueológicos.

Método de superfícies amplas *Open-area excavation*

ARQUEOLOGIA. Método de escavação no qual seções verticais são abertas no solo para evidenciação tridimensional das relações estratigráficas e que não mantém as divisões entre as quadrículas durante o aprofundamento da escavação.

Nota: É utilizado quando se tem um depósito de um único período próximo à superfície do solo.

Método de Wheeler *Wheeler method*

Ver Método de quadrículas

Método horizontal *Stripping method*

ARQUEOLOGIA. Método de escavação no qual remove-se uma grande área horizontal, descartando-se a evidenciação vertical.

Nota: Método de escavações de limpeza da superfície em que grandes quantidades de terra são removidas para atingir áreas de ocupação mais antigas ou por não haver necessidade de uma escavação superficial mais detalhada.

Método vertical *Vertical-face method*

Método de escavação que se utiliza de uma área maior que uma quadrícula para remoção da superfície em toda a sua camada arqueológica.

Nota: Método usado principalmente em sítios que contenham vestígios esparsos ou estruturas amplas.

Nível artificial *Artificial level*

GEOLOGIA. Camada da superfície escolhida para delimitar a escavação sem considerar as camadas estratigráficas.

Nível estratigráfico *Stratigraphic level*

Ver **Nível natural**

Nível natural ou estratigráfico *Stratigraphic level*

GEOLOGIA. Camada da superfície escolhida para delimitar a escavação respeitando-se as camadas estratigráficas.

Pá de pedreiro *Mason's trowel*

CONSTRUÇÃO. Instrumento achatado de metal utilizado na remoção de sedimentos para evidenciar o registro arqueológico.

Peneira *Sifter*

LG. Objeto circular na forma de tela de metal com borda de madeira usado para separar sedimentos de restos arqueológicos.

Peneira de descarte *Dump sifter*

ARQUEOLOGIA. Estrutura constituída por suporte de madeira e tela para a peneiragem de material sedimentar proveniente da escavação.

Peneiragem *Screening*

ARQUEOLOGIA. Técnica usada para detectar material arqueológico a partir de sedimento retirado da escavação e peneirado.

Perfil arqueológico *Archaeological profile*

ARQUEOLOGIA. Exposição do modelo de superposição de camadas arqueológicas e estratigráficas em seqüência para refletir a sucessão cronológica do sítio.

Perfil estratigráfico *Stratigraphic profile*

GEOLOGIA. Exposição do modelo de superposição das camadas estratigráficas por meio de representação gráfica.

Pincel Brush

LG. Instrumento de cerdas usado na evidenciação de restos arqueológicos frágeis.

Quadrícula Grid

ARQUEOLOGIA. Unidade de divisão da área total de um sítio em forma de quadrados demarcados no terreno por linhas com objetivo de sistematizar a escavação e o registro arqueológicos.

Nota: Unidade de divisão da área escavada em um sítio arqueológico com o método Wheeler.

Raspagem Scrapping

ARQUEOLOGIA. Técnica de escavação para a remoção de sedimentos rochosos com pá de pedreiro.

Registro arqueológico Archaeological record

ARQUEOLOGIA. Restos arqueológicos estudados pelo arqueólogo para a reconstrução do passado.

Restos arqueológicos Archaeological remains

ARQUEOLOGIA. Vestígios materiais da atividade e da ocupação humana encontrados no sítio.

Sepultamento primário Primary burial

ARQUEOLOGIA. Enterramento no qual o cadáver é depositado sem tratamento ou manipulação de decomposição diretamente após seu falecimento

Sepultamento secundário Secondary burial

ARQUEOLOGIA. Enterramento no qual o cadáver é depositado após ser enterrado em local diferente para decomposição ou conservação.

Nota: Geralmente ocorre o sepultamento secundário dos ossos do cadáver que foram transportados para uma urna funerária.

Sítio arqueológico *Archaeological site*

ARQUEOLOGIA. Área ou local com concentração de artefatos, ecofatos e estruturas arqueológicas.

Sondagem por trincheiras *Trial-trenches sondage*

ARQUEOLOGIA. Técnica amostral que se utiliza da abertura de trincheiras no solo para fornecer informações sobre a natureza do solo e a profundidade da camada arqueológica ou evidenciar estruturas arqueológicas numa escavação detalhada.

Tapume *Sorting table*

LG. Estrutura de madeira usada de suporte para a tela na peneiragem a seco.

Testemunhos *Balks*

ARQUEOLOGIA. Porção de terra em volta das quadrículas que permanece intacta na escavação para facilitar o registro e a classificação dos níveis escavados.

Tipologia. *Typology*

ARQUEOLOGIA. Agrupamento sistemático de artefatos segundo critérios de características/atributos semelhantes.

Trincheira *Trench*

LG. Buracos cavados no solo para identificar amostras de sedimento ou evidenciar estruturas arqueológicas.

Vestígios arqueológico *Archaeological features*

ARQUEOLOGIA. Marcas deixadas pela ocupação humana como testemunhos materiais visíveis e não visíveis que comprovem a existência de uma cultura.

ANÁLISE E DATAÇÃO

Correlações cronológicas *Chronological correlations*

ARQUEOLOGIA. Datação cruzada de diferentes métodos para garantir maior confiabilidade dos dados.

Cronologia histórica *Historical chronology*

HISTÓRIA. Datação absoluta baseada em dados históricos, calendários, dinastias e documentos históricos conhecidos.

Datação absoluta *Absolute dating*

ARQUEOLOGIA. Ato de Determinação da idade aproximada de um material arqueológico baseado na análise de substâncias por métodos científicos numa escala de tempo fixa.

Datação arqueomagnética *Archaeomagnetic dating or Paleomagnetic dating*

GEOARQUEOLOGIA. Datação relativa que através da medida da magnetização termo-remanescente (TRM) de argila cozida estabelece a data de sua queima.

Datação da fauna *Faunal dating*

ZOOARQUEOLOGIA. Datação relativa que, baseada na evolução das espécies, procura estabelecer uma seqüência cronológica.

Datação de sedimento marítimo *Deep-sea cores or Climate changes dating*

GEOLOGIA. Datação relativa de sedimentos do fundo do mar que contém foraminíferos, conchas de organismos marinhos microscópicos.

Nota: A variação na proporção de dois isótopos de oxigênio no carbonato de cálcio das conchas indica a temperatura em que esses organismos viveram.

Datação do pólen *Pollen dating*

PALINOLOGIA. Datação relativa usada para reconstruir vegetação e clima por meio de análise de pólen fóssil.

Datação do testemunho do gelo *Ice cores or Climate dating*

GEOLOGIA. Datação absoluta por meio da contagem dos depósitos anuais de gelo formados por camadas compactas.

Datação linguística *Linguistic dating or Glottochronology*

LINGÜÍSTICA. Datação relativa baseada na comparação estatística de permanência de vocabulário entre duas línguas diacrônicamente distantes e de mesma origem.

Datação por fissão nuclear *Fission-track dating*

FÍSICA. Datação absoluta que verifica marcas sub-microscópicas, observadas por microscopia ótica, causadas pela fissão espontânea do urânio (U238) em rochas e minerais.

Nota: A escala de abrangência desse método vai de 10.000 a 5 bilhões de anos.

Datação por séries de Urânio *Uranium-series dating*

FÍSICA. Datação absoluta baseada no decaimento radioativo dos isótopos de urânio.

Nota: A abrangência da aplicação é de 50.000 a 500.000 anos.

Datação química *Chemical dating or Bone age*

QUÍMICA. Datação relativa que se utiliza da técnica da análise do conteúdo de nitrogênio, urânio e flúor contido nos ossos.

Datação radioativa *Radioactive dating*

FÍSICA. Datação absoluta que identifica a idade isotópica do material por meio da desintegração de seu núcleo radioativo e sua temperatura de fechamento.

Datação radiocarbônica ou C14 *Radiocarbon dating*

FÍSICA. Datação absoluta que mede o decaimento do isótopo de carbono 14 em material orgânico.

Nota: O elemento radioativo C14 mantém-se com taxa constante durante a vida. Calcula-se o restante de C14 contido no material orgânico, pois este eliminado gradativamente depois da morte do organismo.

Datação radiométrica *Radiometric dating*

GEOFÍSICA. Datação absoluta que mede o decaimento radioativo dos isótopos naturais em rochas.

Nota: a datação radiométrica é a determinação de idade de amostras geológicas baseando-se na velocidade de desintegração dos elementos químicos radioativos. Os isótopos de decaimento lento que permitem a datação radiométrica das rochas são: U238, Th 232, R87, K40 e U 235.

Datação relativa *Relative dating*

ARQUEOLOGIA. Determinação da idade de um material arqueológico numa seqüência cronológica em relação a outro ou devido a certos princípios naturais.

Datar *Date*

ARQUEOLOGIA. Ação de determinar a idade de material arqueológico de forma absoluta ou relativa.

Dendrocronologia *Tree-ring dating or Dendrochronology*

GEOFÍSICA. Datação absoluta baseada na análise dos anéis de crescimento anual de certas árvores.

Estratigrafia *Stratigraphy*

GEOLOGIA. Seqüência de estratos que se depositam no solo, do mais recente ao mais antigo, atestando a idade relativa da camada arqueológica superior anterior à camada inferior e a contemporaneidade dos achados no mesmo estrato.

Hidratação da obsidiana *Obsidian hydration*

GEOLOGIA. Datação absoluta que mede a camada de hidratação da obsidiana que absorve água nas extremidades após sua fratura.

Nota: A obsidiana é matéria-prima de artefatos líticos.

Luminescência opticamente estimulada (OSL) *Optical stimulated luminescence (OSL)*

FÍSICA. Datação absoluta que se utiliza do fenômeno da emissão de luz por excitação com fonte luminosa de comprimento de onda adequada para liberar os elétrons retidos na molécula do material pela radiação ambiente.

Magnetização termo-remanescente *Thermoremanent magnetism*

FÍSICA. Processo de magnetização das partículas de ferro contidas em argila cozida que permanecem com a direção e intensidade do campo magnético da Terra no momento de queima.

Potássio-Argônio *Potassium-Argon dating*

GEOFÍSICA. Datação absoluta baseada no decaimento do isótopo de potássio (^{40}K) contido em rochas vulcânicas em argônio (^{40}Ar).

Nota: Permite datar erupções situadas além de 500.000 anos.

Racemização de aminoácidos *Amino-acid racemization*

QUÍMICA. Datação absoluta baseada na proporção de aminoácidos dextrogiros e levogiros contidos em ossos de animais e humanos.

Nota: tem um alcance de 100.000 anos.

Ressonância de spin eletrônico (ESR) ou Ressonância paramagnética nuclear (EPR) *Electron spin resonance (ESR)*

FÍSICA. Datação absoluta por meio de técnica espectroscópica que possibilita a contagem de elétrons aprisionados em ossos e conchas submetidos a forte campo magnético.

Nota: requer pequena quantidade de amostra e tem um alcance de 1000 a 1 milhão de anos.

Ressonância paramagnética nuclear (EPR) *Electron spin resonance (ESR)*

Ver Ressonância de spin eletrônico (ESR)

Sedimento várvido ou Varvecronologia *Varves or Varvechronology*

GEOLOGIA. Datação absoluta que se utiliza da comparação do padrão de varvas, rochas sedimentares de regiões glaciais com deposição cíclica.

Nota: Terminologia originária da região da Escandinávia.

Seqüência tipológica *Typological sequence*

ARQUEOLOGIA. Datação relativa de artefatos agrupados numa seqüência cronológica baseada em tipologia.

Seriação *Seriation*

ARQUEOLOGIA. Técnica de datação relativa baseada na seqüência tipológica cuja organização ocorre por meio de contexto ou freqüência.

Seriação contextual *Contextual seriation*

ARQUEOLOGIA. Seriação baseada na duração de diferentes estilos artefatuais de forma e decoração.

Seriação por freqüência *Frequency seriation*

ARQUEOLOGIA. Seriação baseada na medida de mudanças na abundância proporcional ou freqüência de um estilo artefactual.

Termoluminescência ou TL *Thermoluminescence dating*

FÍSICA. Datação absoluta por meio da mensuração da termoluminescência que é a energia em forma de luz que materiais enterrados, sob a radiação ionizante, libera.

VII LISTA DE TERMOS EQUIVALENTES EM INGLÊS

LISTA DOS TERMOS EM PORTUGUÊS

Achado arqueológico	<i>Archaeological find</i>
Altimetria.	<i>Altimetry</i>
Arqueologia	<i>Archaeology</i>
Arqueólogo	<i>Archaeologist</i>
Artefato	<i>Artifact</i>
Baliza	<i>Range poles or meter rod</i>
Bússola	<i>Prismatic Compass</i>
Caderneta de campo	<i>Field notebook</i>
Caderneta do engenheiro	<i>Engineer Field notebook</i>
Camadas arqueológicas	<i>Archaeological layers</i>
Camadas estratigráficas	<i>Stratigraphic layers</i>
Cintilometria ou contagem gama total	<i>Cintilometry</i>
Cintilômetro	<i>Cintilometer</i>
Clinômetro	<i>Clinometer</i>
Coleta de superfície sistemática	<i>Systematic surface search</i>
Condutivímetro	<i>Conductivimeter</i>
Contagem gama total	<i>Cintilometry</i>
Contexto arqueológico	<i>Archaeological context</i>
Contexto primário	<i>Primary context</i>
Contexto secundário	<i>Secondary context</i>
Correlações cronológicas	<i>Chronological correlations</i>
Corte estratigráfico	<i>Stratigraphic section</i>
Cronologia histórica	<i>Historical chronology</i>
Dados arqueológicos	<i>Archaeological data</i>
Datação absoluta	<i>Absolute dating</i>
Datação arqueomagnética	<i>Archaeomagnetic dating or Paleomagnetic dating</i>
Datação da fauna	<i>Faunal dating</i>
Datação de sedimento marítimo	<i>Deep-sea cores or Climate changes dating</i>
Datação do pólen	<i>Pollen dating</i>
Datação do testemunho do gelo	<i>Ice cores or Climate dating</i>
Datação lingüística	<i>Linguistic dating or Glottochronology</i>

Datação por fissão nuclear *Fission-Track dating*
Datação por séries de Urânio *Uranium-Series dating*
Datação química *Chemical dating or Bone age*
Datação radioativa *Radioactive dating*
Datação radiocarbônica ou C14 *Radiocarbon dating*
Datação radiométrica *Radiometric dating*
Datação relativa *Relative dating*
Datar *Date*
Decapagem *Decapage or Rabotage*
Dendrocronologia *Tree-Ring dating or Dendrochronology*
Detector de metais *Metal detectors*
Diário de campo *Field notebook*
Ecofato *Ecofact*
EM34 *EM34 Resistivimeter*
EM38 *EM38 Resistivimeter*
Escavação *Excavation*
Escavação de resgate *Rescue excavation*
Escavação de salvamento *Savage excavation or Rescue excavation*
Escavação por níveis arbitrários *Excavation by arbitrary level*
Escavação por níveis naturais *Excavation by stratigraphic levels*
Escavar *Excavate*
Espectrometria *Spectrometry*
Espectrômetro *Spectrometer*
Estação total *Total station*
Estadia *Stadia*
Estereoscopia *Stereoscopy*
Estratificação *Stratification*
Estratigrafia *Stratigraphy*
Estrato *Stratum*
Estrutura arqueológica *Archaeological structure*
Etiqueta *Label*
Flotação (Froth-)Flotation
Formulário de campo *Field form*
Fotogrametria *Photogrammetry*

Geofísico *Geophysicist*

Geólogo *Geologist*

Georadar *GPR*

GPR Radar de penetração no solo *GPR (Ground Positioning Radar)*

GPS (Global Positioning System) *GPS*

Gradiômetro de Fluxo *Fluxgate Gradiometer*

Gravimetria *Gravimetry*

Gravímetro *Gravimeter*

Hidratação da obsidiana *Obsidian Hydration*

Levantamento altimétrico *Altimetric surveying*

Levantamento planimétrico *Planimetric surveying*

Levantamento planimétrico-altimétrico *Planimetric-altimetric surveying*

Levantamento topográfico *Topographic survey*

Luminescência opticamente estimulada (OSL) *Optical stimulated luminescence (OSL)*

Magnetização termo-remanescente *Thermoremanent magnetism*

Magnetômetro de fluxo saturado *Fluxgate magnetometer*

Magnetômetro de próton *Proton magnetometer*

Magnetômetro *Magnetometer*

Marco topográfico *Bench mark*

MED (Medidor Eletrônico de Distância) *EDM Electro-optical distance measuring*

Método de fontes ativas *Active shielding method*

Método de fontes passivas *Passive shielding method*

Método de quadrantes *Quadrant method*

Método de quadrículas *Wheeler method*

Método de superfícies amplas *Open-area excavation*

Método de Wheeler *Wheeler method*

Método elétrico *Electrical Method*

Método eletromagnético de alta frequência *High frequency electromagnetic method*

Método eletromagnético de baixa frequência *Low frequency electromagnetic method*

Método gravimétrico *Gravimetric method*

Método horizontal *Stripping method*

Método magnético *Magnetic method*

Método radiométrico *Radiometric method*

Método sísmico *Seismic method*

Método vertical *Vertical-face method*

Metro de condutividade do solo *Soil conductivity meter*

Metro de Engenheiro *Leveling rod*

Metro de resistividade elétrica *Electrical resistivity meter*

Nível *Abney hand level*

Nível artificial *Artificial level*

Nível automático *Automatic level*

Nível de bolha *Spirit level or bubble level*

Nível digital *Digital level*

Nível estratigráfico *Stratigraphic level*

Nível natural *Stratigraphic level*

Nível tipo Dumpy *Dumpy level*

Pá de pedreiro *Mason's trowel*

Peneira de descarte *Dump sifter*

Peneira *Sifter*

Peneiragem *Screening*

Perfil arqueológico *Archaeological profile*

Perfil estratigráfico *Stratigraphic profile*

Perfil topográfico *Topographic profile*

Pincel *Brush*

Piquete *Pin*

Planimetria *Planimetry*

Planímetro *Planimeter*

Plotagem *Plotting*

Plotar *Plot*

Potássio-Argônio *Potassium-Argon dating*

Prancheta do engenheiro *Plane table*

Prospecção de Magnetômetro de Próton *Proton Magnetometer Survey*

Prospecção de Resistividade Elétrica *Electrical Resistivity Survey*

Prospecção por Magnetômetro de Fluxgate *Fluxgate Magnetometer Survey*

Prospecção por Radar de solo *Ground Radar Survey*

Prospecção *Prospection*

Prospecção sísmica *Seismic Survey*

Prospecção térmica *Thermal prospection*

Prumo *Plumb bob*

Quadrícula *Grid*

Racemização de aminoácidos *Amino-acid racemization*

Radiestesia *Dowsing*

Radioatividade *Radioactivity (sensing test)*

Radiometria *Radiometry*

Raspagem *Scrapping*

Registro arqueológico *Archaeological record*

Resistividade *Resistivity*

Resistivímetro *Resistivity meter*

Ressonância de spin eletrônico (ESR) ou Ressonância paramagnética nuclear (EPR)
Electron spin resonance (ESR)

Restos arqueológicos *Archaeological remains*

Referência de nível (RN) *Level reference (LR)*

Sedimento várvido ou Varvecronologia *Varves or Varvevchronology*

Sepultamento primário *Primary burial*

Sepultamento secundário *Secondary burial*

Seqüência tipológica *Typological sequence*

Seriação contextual *Contextual seriation*

Seriação por freqüência *Frequency seriation*

Seriação *Seriation*

Sismógrafo *Seismograph*

Sismologia *Seismology*

Sítio arqueológico *Archaeological site*

Sondagem por trincheiras *Trial-trenches sondage*

Tapume *Sorting table*

Taqueômetro *Tacheometer*

Teodolito *Theodolite*

Termoluminescência ou TL *Thermoluminescence dating*

Testemunhos *Balks*

Tipologia *Typology*

Topografia *Topography*

Topógrafo *Topographer*

Tradar *Augering*

Trado *Auger*

Trânsito *Transit*

Trena *Steel tape or Range meter.*

Trincheira *Trench*

Vestígios arqueológico *Archaeological features*

LISTA DOS TERMOS EM INGLÊS

<i>Abney hand level</i>	Nível
<i>Absolute dating</i>	Datação absoluta
<i>Active shielding method</i>	Método de fontes ativas
<i>Altimetric surveying</i>	Levantamento altimétrico
<i>Altimetry</i>	Altimetria
<i>Amino-acid racemization</i>	Racemização de aminoácidos
<i>Archaeological context</i>	Contexto arqueológico
<i>Archaeological data</i>	Dados arqueológicos
<i>Archaeological features</i>	Vestígios arqueológico
<i>Archaeological find</i>	Achado arqueológico
<i>Archaeological layers</i>	Camadas arqueológicas
<i>Archaeological profile</i>	Perfil arqueológico
<i>Archaeological record</i>	Registro arqueológico
<i>Archaeological remains</i>	Restos arqueológicos
<i>Archaeological site</i>	Sítio arqueológico
<i>Archaeological structure</i>	Estrutura arqueológica
<i>Archaeologist</i>	Arqueólogo
<i>Archaeology</i>	Arqueologia
<i>Archaeomagnetic dating or Paleomagnetic dating</i>	Datação arqueomagnética
<i>Artifact</i>	Artefato
<i>Artificial level</i>	Nível artificial
<i>Auger</i>	Trado
<i>Augering</i>	Tradar
<i>Automatic level</i>	Nível automático
<i>Balks</i>	Testemunhos
<i>Bench mark</i>	Marco topográfico
<i>Brush</i>	Pincel
<i>Chemical dating or Bone age</i>	Datação química
<i>Chronological correlations</i>	Correlações cronológicas
<i>Cintilometer</i>	Cintilômetro

Cintilometry **Cintilometria ou contagem gama total**

Cintilometry **Contagem gama total**

Clinometer **Clinômetro**

Conductivimeter **Conduktivímetro**

Contextual seriation **Seriação contextual**

Date **Datar**

Decapage or Rabotage **Decapagem**

Deep-sea cores or Climate changes dating **Datação de sedimento marítimo**

Digital level **Nível digital**

Dowsing **Radiestesia**

Dump sifter **Peneira de descarte**

Dumpy level **Nível tipo Dumpy**

Ecofact **Ecofato**

EDM Electro-optical distance measuring **MED (Medidor Eletrônico de Distância)**

Electrical Method **Método elétrico**

Electrical resistivity meter **Metro de resistividade elétrica**

Electrical Resistivity Survey **Prospecção de Resistividade Elétrica**

Electron spin resonance (ESR) **Ressonância de spin eletrônico (ESR) ou Ressonância paramagnética nuclear (EPR)**

EM34 Resistivimeter **EM34**

EM38 Resistivimeter **EM38**

Engineer field notebook **Caderneta do engenheiro**

Excavate **Escavar**

Excavation by arbitrary level **Escavação por níveis arbitrários**

Excavation by stratigraphic levels **Escavação por níveis naturais**

Excavation **Escavação**

Faunal dating **Datação da fauna**

Field form **Formulário de campo**

Field notebook **Caderneta de campo**

Field notebook **Diário de campo**

Fission-track dating **Datação por fissão nuclear**

Fluxgate Gradiometer **Gradiômetro de Fluxo**

Fluxgate magnetometer **Magnetômetro de fluxo saturado**

Fluxgate Magnetometer Survey **Prospecção por Magnetômetro de Fluxgate**

Frequency seriation **Seriação por frequência**

Froth-Flotation **Flotação**

Geologist **Geólogo**

Geophysicist **Geofísico**

GPR (Ground Positioning Radar) **GPR Radar de penetração no solo**

GPR **Georadar**

GPS **GPS (Global Positioning System)**

Gravimeter **Gravímetro**

Gravimetric method **Método gravimétrico**

Gravimetry **Gravimetria**

Grid **Quadrícula**

Ground Radar Survey **Prospecção por Radar de solo**

High frequency electromagnetic method **Método eletromagnético de alta frequência**

Historical chronology **Cronologia histórica**

Ice cores or Climate dating **Datação do testemunho do gelo**

Label **Etiqueta**

Level reference (LR) **Referência de nível (RN)**

Leveling rod **Metro de Engenheiro**

Linguistic dating or Glottochronology **Datação lingüística**

Low frequency electromagnetic method **Método eletromagnético de baixa frequência**

Magnetic method **Método magnético**

Magnetometer **Magnetômetro**

Mason's trowel **Pá de pedreiro**

Metal detectors **Detector de metais**

Obsidian Hydration **Hidratação da obsidiana**

Open-area excavation **Método de superfícies amplas**

Optical stimulated luminescence (OSL) **Luminescência opticamente estimulada (OSL)**

Passive shielding method **Método de fontes passivas**

Photogrammetry **Fotogrametria**

Pin **Piquete**

Plane table **Prancheta do engenheiro**

Planimeter **Planímetro**

Planimetric surveying **Levantamento planimétrico**

Planimetric-altimetric surveying **Levantamento planimétrico-altimétrico**

Planimetry **Planimetria**

Plot **Plotar**

Plotting **Plotagem**

Plumb bob **Prumo**

Pollen dating **Datação do pólen**

Potassium-Argon dating **Potássio-Argônio**

Primary burial **Sepultamento primário**

Primary context **Contexto primário**

Prismatic Compass **Bússola**

Prospection **Prospecção**

Proton magnetometer **Magnetômetro de próton**

Proton Magnetometer Survey **Prospecção de Magnetômetro de Próton**

Quadrant method **Método de quadrantes**

Radioactive dating **Datação radioativa**

Radioactivity (sensing test) **Radioatividade**

Radiocarbon dating **Datação radiocarbônica ou C14**

Radiometric dating **Datação radiométrica**

Radiometric method **Método radiométrico**

Radiometry **Radiometria**

Range poles or meter rod **Baliza**

Relative dating **Datação relativa**

Rescue excavation **Escavação de resgate**

Resistivity meter **Resistivímetro**

Resistivity **Resistividade**

Savage excavation or Rescue excavation **Escavação de salvamento**

Scrapping **Raspagem**

Screening **Peneiragem**

Secondary burial **Sepultamento secundário**

Secondary context **Contexto secundário**

Seismic method **Método sísmico**

Seismic Survey **Prospecção sísmica**

Seismograph **Sismógrafo**

Seismology **Sismologia**

Seriation **Seriação**

Sifter **Peneira**

Systematic surface search **Coleta de superfície sistemática**

Soil conductivity meter **Metro de condutividade do solo**

Sorting table **Tapume**

Spectrometer **Espectrômetro**

Spectrometry **Espectrometria**

Spirit level or bubble level **Nível de bolha**

Stadia **Estadia**

Steel tape or Range meter **Trena**

Stereoscopy **Estereoscopia**

Stratification **Estratificação**

Stratigraphic level **Nível estratigráfico**

Stratigraphic level **Nível natural**

Stratigraphic profile **Perfil estratigráfico**

Stratigraphic section **Corte estratigráfico**

Stratigraphy **Estratigrafia**

Stratigraphic layers **Camadas estratigráficas**

Stratum **Estrato**

Stripping method **Método horizontal**

Tacheometer **Taqueômetro**

Theodolite **Teodolito**

Thermal prospection **Prospecção térmica**

Thermoluminescence dating **Termoluminescência ou TL**

Thermoremanent magnetism **Magnetização termo-remanescente**

Topographer **Topógrafo**

Topographic profile **Perfil topográfico**

Topographic survey **Levantamento topográfico**

Topography **Topografia**

Total station **Estação total**

Transit **Trânsito**

Tree-Ring dating or Dendrochronology **Dendrocronologia**

Trench **Trincheira**

Trial-trenches sondage **Sondagem por trincheiras**

Typological sequence **Seqüência tipológica**

Typology **Tipologia**

Uranium-series dating **Datação por séries de Urânio**

Varves or Varvechronology **Sedimento várvido ou Varvecronologia**

Vertical-face method **Método vertical**

Wheeler method **Método de quadriculas**

Wheeler method **Método de Wheeler**

VIII CONSIDERAÇÕES FINAIS

De caráter original, devido à inexistência de obras terminográficas nesta área do conhecimento, a pesquisa teve por objetivo estudar parte da terminologia arqueológica. Parte, primeiramente porque uma ampla gama de termos relacionados à Arqueologia foram excluídos por não se circunscreverem na subárea que trata do trabalho de campo, entendido como ação ou atividade técnica ou metodológica do arqueólogo ou de outro cientista que contribui para a Arqueologia. Em segundo lugar, porque não se pretendeu empreender uma pesquisa exaustiva mas sim descritiva, deixando-se de tratar de termos relacionados à classificação, registro e conservação, mais apropriados, pela extensão, a uma pesquisa futura.

Vale destacar que, no percurso deste trabalho, abordou-se duas vertentes teóricas da Arqueologia. Ao utilizar o *corpus* eletrônico, optou-se por estudar a terminologia da Etnoarqueologia, haja vista a quantidade de termos levantados na monografia elaborada para a disciplina *Formação do registro arqueológico*, cuja lista de termos serviu de ponto de partida para a utilização da amostragem com *corpus* eletrônico.

Além de totalmente voltado para a teoria, devido à utilização de uma lista de palavras-chave específicas da Etnoarqueologia, percebeu-se a dificuldade de elaborar um *corpus* segundo os critérios da Linguística de *Corpus* para a área temática escolhida, de caráter pragmático.

Ainda referente à teoria, destaca-se uma quantidade significativa de termos que foram levantados, fichados, mas não fizeram parte do produto final devido às dificuldades encontradas para validar, não os termos mas sim os conceitos, haja vista a divergência de perspectiva quanto à conceituação por parte dos autores. Dada tal dificuldade optou-se por descartar a inclusão desses termos neste trabalho, deixando-os para uma pesquisa futura.

No percurso da construção da obra terminográfica aqui proposta, um Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo, partiu-se da utilização de *corpus escrito* constituído por manuais e textos acadêmicos e, em seguida, já acima mencionado, de uma amostragem constituída por *corpus eletrônico* voltado à Etnoarqueologia. Apesar de obter resultados semelhantes no estudo comparativo com o *corpus* eletrônico a adoção deste para o trabalho foi descartada por dois motivos: primeiramente o vocabulário da Etnoarqueologia não apresentou quantidade suficiente de termos relacionados ao recorte temático *trabalho de campo* e, em segundo, por ser a construção de um *corpus* eletrônico laboriosa para se empreender após o andamento de praticamente a maior parte da pesquisa com *corpus* escrito.

Acrescenta-se, no entanto, que textos eletrônicos que comprovem o uso do vocabulário aqui estudado foram coletados mas não passaram pelos critérios de organização de *corpus* eletrônico até o momento (utilização de *headers*, autorização dos autores etc),

procedimento este, necessário para se aplicar a metodologia correta da Lingüística de *Corpus*. Abre-se, assim, uma abordagem a ser estudada numa pesquisa vindoura.

Quanto à sua estrutura, este trabalho principiou pela descrição do histórico da Arqueologia, suas correntes teóricas e o desenvolvimento da Arqueologia no Brasil. A partir desse momento foram traçadas as bases do trabalho com a fundamentação teórica e a metodologia aplicadas à construção de uma obra terminográfica nessa área do conhecimento.

Após traçar as relações entre as diversas ciências que contribuem direta ou indiretamente para a Arqueologia, expressas na árvore de domínio, e, tendo sido dividido o trabalho de campo em quatro etapas ou campos temáticos, partiu-se para elaboração do quadro conceptual, destacando-se apenas os termos que pudessem fazer parte dessas etapas de campo e que descrevessem ações, ferramentas, agentes, métodos e técnicas nelas envolvidos.

Estabelecendo-se a nomenclatura do vocabulário e seus equivalentes, partiu-se para o preenchimento das fichas terminológicas. Em seguida foram coletados contextos que fornecessem maior quantidade de informação possível para preencher o campo contexto da ficha terminológica e servir de base para a elaboração das definições. Partiu-se para o preenchimento de outros campos da ficha terminológica.

Preenchidas as fichas, iniciou-se a elaboração das definições que, após finalizadas foram utilizadas para a confecção do Vocabulário Sistemático da Arqueologia de Campo. Por sistemático entende-se a categorização dos termos em quatro campo temáticos: *levantamento geofísico, levantamento topográfico, escavação e datação*. Em relação à macroestrutura o vocabulário divide-se em quatro parte anteriormente destacadas e, dentro de cada campo temático os termos são apresentados em ordem alfabética. Primou-se, na medida do possível, por manter as relações hierárquicas como parte integrante das definições, bem como a utilização do modelo terminológico de definição: gênero próximo e diferença específica, ao se tratar da microestrutura.

A etapa seguinte envolveu a análise dos aspectos morfossintáticos e semânticos dos termos que compõem o Vocabulário.

Constatou-se que a terminologia da Arqueologia reflete o seu caráter transdisciplinar na sua estrutura morfossintática pois os campos temáticos aqui apresentados como integrantes da Arqueologia de Campo, vista como todos os procedimentos de localização, mensuração, contextualização e análise dos registros arqueológicos encontrados nos sítios, pertencem na sua maioria, a outras áreas do conhecimento (Geofísica, Física, Geologia, Química e Biologia).

A improvisação no âmbito da escavação acarreta a apropriação de objetos, de uso comum ou de outras áreas do conhecimento, na remoção da camada sedimentar que cobre o sítio, sendo desnecessário criar novos instrumentos ou renomeá-los. Conseqüentemente, este campo temático possui alguns unidades lexicais de língua geral inseridas no contexto da Arqueologia.

A influência do inglês, apesar de ser o centro de difusão das teorias científicas, não acarreta o uso de termos estrangeiros pois esses já foram adaptados ao vernáculo, seguindo recomendações de normalização. Os radicais greco-latinos respondem pela maior parte dos termos aqui estudados, reafirmando a preocupação com a língua nativa, principalmente no que concerne aos termos dos campos temáticos *levantamento geofísico, levantamento topográfico e datação*.

Verificou-se a preferência da adoção de formas mais concisas aos sintagmas nominais mais longos nos campos provenientes de ciências cuja terminologia já passou por um processo de consolidação: Geofísica e Física. Alguns casos de homossemia total e parcial, mesmo com a prevalência da monossemia, foram encontrados sem comprometer a comunicação pois tratam de formas abreviadas ou do uso concomitante duas expressões para um único conteúdo proveniente de perspectivas diferentes que coexistem até o momento.

Ao encerrar a pesquisa percebe-se que a Arqueologia possui um vasto campo para pesquisa terminológica, tanto no que concerne à descrição como à prescrição. Novas pesquisas podem ser elaboradas com a utilização de *corpus* eletrônico pois cada vez mais a Internet disponibiliza textos científicos e os acadêmicos fazem uso de meio eletrônico para suas publicações.

Tendo em vista que a contribuição do trabalho terminológico estende-se tanto para a própria Lingüística quanto para a ciência objeto de pesquisa terminológica, novos estudos podem ser realizados ampliando o âmbito trabalho de campo para a Arqueologia como um todo.

IX – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. A. Teorias, Métodos, Técnicas e Avanços na Arqueologia Brasileira. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*. Xingó: Chespa, n.2, dez. 2002.
- ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N., *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.
- AUBERT, F. H. *Introdução à Metodologia da Pesquisa Terminológica Bilíngüe*. Citrat/USP. Cadernos de Terminologia, n. 2. São Paulo: Humanitas, 2001.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. 2^a ed.. São Paulo: Global, 1990.
- _____. Microestrutura dos Vocabulários Técnico-científicos. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife: ANPOLL, 1989.
- _____. Dicionário, Vocabulário, Glossário: Concepções. *A Constituição da Normalização Terminológica no Brasil*. Cadernos de Terminologia, n. 1. São Paulo: Humanitas, 2001.
- BARRETO, C. A Construção de um passado pré-colonial: uma breve História da Arqueologia no Brasil. *Revista USP*, n. 44. São Paulo: USP, 1999-2000.
- BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- CABRÉ, M. T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- _____. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editora Antártida/Empúries, 1993.
- COSTA, A. *Introdução à Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- DANIEL, G. *Un Siglo y Medio de Arqueología*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- DIEGO, A. F. *Terminología: teoría y práctica*. Caracas: Equinoccio, 1995.
- GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- HAENSCH, G. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- PAIS, C. T. O Percurso Gerativo da Enunciação: Produtividade Léxica e Discursiva. *Confluência. Boletim do Departamento de Lingüística*, ano 3. Assis: UNESP, 1994.
- PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de terminologia: direção de terminologia e normalização*. Canadá: Departamento de Tradução do Governo Canadense, 2002.
- PROUS, A. Arqueologia, Pré-História e História. In: TENÓRIO, M.C. *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

RENFREW, C.; BAHN, P. *Archaeology. Theories, Methods and Practice*. London: Thames and Hudson, 1993.

REY, A. *Essays on Terminology*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Arqueologia em Perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP*, n. 44, São Paulo: USP, 1999-2000.

SARDINHA, A. P. B. *Lingüística de Corpus*. Barueri, São Paulo: Editora Manole, 2004.

TEUBERT, W. Corpus linguistics and lexicography. *International Journal of Corpus Linguistics*, vol. 6 (Special Issue), 2001.

9.1 Bibliografia

- ADAMS, W.Y.; ADAMS, E.W. *Archaeological typology and practical reality: a dialectical approach to artefact classification and sorting*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, M. A. Culturas ceramistas de São Paulo e de Minas Gerais: estudo tecnotipológico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 1. São Paulo, 1991.
- AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editôra Delta, 1958.
- BARKER, P. *Techniques of Archaeological Excavation*. London: Batsford, 1993.
- BÉJOINT, H. *Tradition and Innovation in Moddern English Dictionaires*. Oxford: Claredon Press, 1994.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Officina de Pascoal da Sylva, 1720-1721.
- BORGES, A. C. *Topografia*. São Paulo: Edgard Blücher, 1983.
- BRAY, W.; TRUMP, D. *Dictionary of Archaeology*. London: Penguin Books, 1982.
- BROCHADO, J. J. J. P. *An ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into eastern South America*. Ph.D. Thesis - Univ. of Illinois, Urbana-Champaign, Illinois, 1984.
- CALI, Plácido. *Sítio Arqueológico Rio Comprido I e seu Contexto no vale do Paraíba*. Jacaref: Mirante do Vale Editora, 1999.
- CARANDINI, A. *Storie della Terra. Manuale dello Scavo Archeologico*. Torino: Einaudi, 1981.
- CARVALHO, E. T. *Escavações arqueológicas no sítio Corondó – RJ – JC- 64. Missão de 1978*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.
- CHARLTON, T. *Archaeology, Ethnohistory and Ethnology: interpretative interfaces. Advances in archaeological Method and Theory 4*. New York: Academic Press, 1981.
- CLARK, Anthony. *Seeing Beneath the Soil : Prospecting methods in Archaeology*. London: Batsford, 1996.
- COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1969.
- DE MASI, M. A. N. *Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. SJ. O Assentamento do Sul. S. C.- Brasil* . Dissertação de Mestrado. UNISINOS, São Leopoldo, 1990.

- DENEVAN, W. M. *The Native Population of the Americas in 1492*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1976.
- DUBOIS, J. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, L. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite Editora, 1957.
- FUNARI, P. P. A. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- _____. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GARCIA, C. D. R.; Uchôa, D. P. Piaçaguera, um sambaqui do litoral do Estado de São Paulo. Brasil. *Revista de Pré-História*, n. 2. São Paulo, 1980.
- GOMES, M. J. S. *Utilização de Métodos Geofísicos em Sambaquis Fluviais. Região do Vale do Ribeira de Iguape – SP/PR*. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2003.
- GOODYEAR, F. H. *Archaeological Site Science*. London: Heinemann, 1971.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- HARRIS, E. C. *Principles of Archaeological Stratigraphy*. New York; London: Academic Press, 1979.
- HODGES, H. *Artefacts: an introduction to early materials and technology*. London: John Baker, 1964.
- HOUAISS, A. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2001.
- JOUKOWSKY, M. *A Complete Manual of Field Archaeology. Tools and techniques of field work for archaeologists*. New Jersey: Prentice Hall, 1980.
- KIPFER, B. A. *Encyclopedic Dictionary of Archaeology*. New York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers, 2000.
- KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (orgs.) *Temas de Terminologia*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- LAMING-EMPERAIRE, A. *Le problème des origines américaines. Théorie, hypothèse, documents*. Paris: CNRS, 1980.
- LEIGH, D. *First Aind for Finds. A practical guide for archaeologists*. University of Southhampton: Hertford, 1981.
- LOREDO, W. M. *Manual de Conservação em Arqueologia de Campo*. São Paulo: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1994.

- LUMBRERAS, L. G. *La Arqueologia como ciencia social*. Lima: Ediciones Peisa, 1981.
- MEGGERS, B. *América Pré-Histórica*. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1979.
- MARANCA, S. Pinturas rupestres da Toca da Entrada do Pajaú, Estado do Piauí: análise das figuras zoomorfas. *Revista do Museu Paulista*, n. 27. São Paulo, 1980.
- McINTOSH, J. *Guía práctica de Arqueología*. Madrid: Hermann Blume, 1987.
- McMILLON, B. *The Archaeology Handbook : a field manual and resource guide*. New York: Wiley & Sons, 1994.
- MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- MIRAMBELL, L.; LORENZO, J. L. *La ceramica: un documento arqueológico*. México: Instituto Nacional de Antropología e História, 1983.
- MOBERG, C. A. *Introdução à Arqueologia*. São Paulo: Edições 70, 1968.
- MORAIS SILVA, A. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-1959.
- MORAIS, J. L. A propósito do estudo das indústrias líticas. *Revista do Museu Paulista*, n. 32. São Paulo, 1987.
- OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.
- PALLESTRINI, L.; MORAIS, J. L. *Introdução à Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista, 1982.
- PALLESTRINI, L.; PERASSO, J. A. *Arqueología: Método y técnicas em superficies Amplias*. Asunción: Universidade Católica, 1984.
- PETTIT, L. G.; MESTRE, J. M.; ALAIX, M. T. M.; MONGE, G. R. *Diccionari d'arqueologia*. Barcelona: TERMCAT, 2002.
- PRIETO, A. *Las civilizaciones precolombinas y su conquista*. Havana: Ed. Gente Nueva, 1985.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1991.
- RAHJE, P.; SCHIFFER, M. B. *Archaeology*. New York: Harcourt, 1982.
- RICE, P. M. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- SAGER, J. C. *Essays on Definition*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- SANDERS, E.; MARINO, S. *Pré-História do novo mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- SCHOBINGER, J. *Prehistória de Suramérica*. Barcelona: Nueva Coleccion Labor, 1969.
- SILVA, O. *Pré-História da América*. Santiago de Chile: Coleccion Imagem de America Latina, 1971.

- SANTOS, A. J. J. *Estudo da Emissão Termoluminescente do quartzo a baixas temperaturas*. Dissertação de Mestrado - UFS, Sergipe, 2003.
- SCHIFFER, M. B. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Utah: University of Utah, 1996.
- SCHMITZ, P.I. *Caçadores-coletores da Pré-História do Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1984.
- SHEPARD, A. *Ceramics for the archaeologist*. Washington: Carnegie Institution of Washington, 1956.
- VIEIRA, D. *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*. Porto: Editora Chardron, 1871.
- VILELA, M. *Definição nos dicionários de português*. Porto: Asa, 1983.
- WEEDWOOD, B. *História Concisa da Lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 1995.
- WILLEY, G. *An introduction to American Archaeology*. New Jersey: Prentice-Hall, 1966.
- ZAMORA, O. M. F. Arqueologia como história. *Dédalo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 28. São Paulo: USP, 1990.